



Universidade Federal de Goiás

Faculdade de Artes Visuais

Bacharelado em Design Gráfico

Laís Santiago de Menezes Lucas Mendes Oliveira

Natasha Hoshino do Amaral

Tipos Suspeitos: A pixação goiana além dos muros

Trabalho de Conclusão de Curso

Goiânia

2017

**Laís Santiago de Menezes Lucas Mendes Oliveira Natasha
Hoshino do Amaral**

Tipos Suspeitos: A pixação goiana além dos muros

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Artes Visuais, como parte dos
requisitos necessários à obtenção do título de
bacharel em design gráfico.

Orientador: Flávio del Lima

Goiânia 2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Menezes, Laís Santiago de

Pixos Suspeitos: [manuscrito] : A pixação goiana além dos muros / Laís Santiago de Menezes, Lucas Mendes Oliveira, Natasha Hoshino do Amaral. - 2017.

ICII, 92 f.

Orientador: Prof. Flávio de Lima Ferreira.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV), Design Gráfico, Goiânia, 2017.

Bibliografia. Apêndice.

Inclui fotografias, lista de figuras.

1. Design gráfico. 2. Pixação. 3. Projeto editorial. 4. Livro Objeto. I. Oliveira, Lucas Mendes. II. Amaral, Natasha Hoshino do. III. Ferreira, Flávio de Lima, orient. IV. Título.

CDU 745/749

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO DIGITAL DE MONOGRAFIA DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE BACHARELADO EM DESIGN GRÁFICO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL - RI/UFG

Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso

Autor(es): Laís Santiago de Menezes, Lucas Mendes Oliveira, Natasha Hoshino do Amaral	
E-mail: laismlsm@gmail.com humildeman@hotmail.com hoshino.natasha@gmail.com	
O(s) e-mail(s) pode(m) ser disponibilizado(s) na página? (X) Sim () Não	
Título do trabalho: TIPOS SUSPEITOS: A PIXAÇÃO GOIANA ALÉM DOS MUROS	
Palavras-chave: pichação, design gráfico, projeto editorial, livro objeto	
Título em outra língua: <i>SUSPECT TYPES: PICHACÃO FROM GOIANIA BEYOND THE WALLS</i>	
Palavras-chave em outra língua: <i>pichação, graphic design, editorial Project, object book</i>	
Data da defesa: 29/11/2017	Curso: Bacharelado em Design Gráfico
Orientador (a): Flávio de Lima Ferreira	

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O referido autor:

- a) Declara que o documento em questão é seu trabalho original, e que detém prerrogativa de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.
- b) Se o documento em questão contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à Universidade Federal de Goiás os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo do documento em questão.

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Na qualidade de titular dos direitos do autor do conteúdo supracitado, autorizo a Biblioteca Central da Universidade Federal de Goiás a disponibilizar a obra, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional - RI/UFG, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data, sob as seguintes condições:

Permitir uso comercial de sua obra? () Sim (X) Não

Permitir modificações em sua obra?

() Sim

() Sim, contando que outros compartilhem pela mesma licença .

(X) Não

A obra continua protegida por Direito Autoral e/ou por outras leis aplicáveis. Qualquer uso da obra que não o autorizado sob esta licença ou pela legislação autoral é proibido.

Goiânia 10 de DEZEMBRO de 2017 .

Lucas Mendes Laís Santiago de Menezes Natasha Hoshino
Assinatura do(s) autor(es) e/ou detentor(es) do(s) direitos autorais

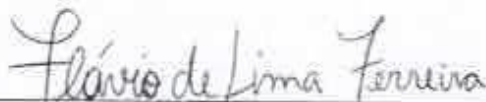
**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
BACHARELADO EM DESIGN GRÁFICO**

**LAÍS SANTIAGO DE MENEZES
LUCAS MENDES OLIVEIRA
NATASHA HOSHINO DO AMARAL**

**TIPOS SUSPEITOS
A PIXAÇÃO GOIANA ALÉM DOS MUROS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Design Gráfico da Faculdade de Artes Visuais (FAV) da Universidade Federal de Goiás (UFG).

Defendido e aprovado publicamente em 29 de NOVEMBRO de 2017, pelos seguintes membros da banca:



Flávio de Lima Ferreira – Orientador
Universidade Federal de Goiás



Pablo Fabrício Lisboa – Avaliador
Universidade Federal de Goiás



Wagner Bandeira de Silva – Avaliador
Universidade Federal de Goiás

Resumo

Este Trabalho de Conclusão de Curso apresenta os estudos realizados acerca da “pixação” desenvolvida em Goiânia, suas características estéticas e sociais, além de peculiaridades que a diferenciam de outros estilos regionais. A “pixação” continua sendo uma preocupação de governos e sociedade que pouco entendem do seu funcionamento e motivos, logo a criminalizando. Nosso trabalho busca esclarecer alguns aspectos desse movimento marginal e demonstrar como a estética da “pixação” pode ser utilizada em projetos de design gráfico e editorial. Para isso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, filmográfica, de campo, e fotográfica para a elaboração de um livro objeto que apresentasse as informações de forma sucinta e casual para um público leigo. Também foi realizado um levantamento teórico acerca de produção gráfica, métodos de pesquisa e de projeto, e características de um livro-objeto

Abstract

This Graduation Project presents studies about the “pixação” that is made in Goiânia, it’s aesthetic and social characteristics, and also quirks that differentiate it from other brazilian regional styles. The “pixação” continues to be a concern of govern and society that have little understanding of it’s motives and behavior, branding it illegal. Our project aims to clarify some aspects of this vandal movement and show how “pixação” aesthetics can be used in graphic and editorial design projects. To achieve that goal, a bibliographic, filmographic, photographic and field research was carried out that resulted in an object book to present the information in a succinct and casual manner for the general public. Also, a theoretical survey about graphic production, research and design methods, and characteristics of an object book was performed.

Lista de ilustrações

Figura 1 – “graffiti em Pompéia”	15
Figura 2 – “Sejam realistas, demandem o impossível”	16
Figura 3 – Logotipos das bandas: Metallica, Iron Maiden e Ratos de Porão	17
Figura 4 – Exemplo de pixação com influências dos logotipos de bandas punk	18
Figura 5 – Celacando provoca maremoto	19
Figura 6 – “Bomb”	20
Figura 7 – “folhinha”	21
Figura 8 – “tag reto”	23
Figura 9 – “xarpi”	24
Figura 10 – “pixação em Goiânia”	25
Figura 11 – Pixotosco aplicado num muro.....	27
Figura 12 – Rolinho Bros aplicado num muro	27
Figura 13 – Imagem da tela do jogo ‘Pixotosco’	28
Figura 14 – Imagem da tela do jogo em execução ‘Pixotosco’	29
Figura 15 – Lettering (escrito Brasil) desenvolvido para a coleção	30
Figura 16 – Coleção de roupas “True Colors”	30
Figura 17 – Fonte digital Adrenalina.....	31
Figura 18 – Fonte digital Rooftop.....	31
Figura 19 – Fonte digital Fosca type	32
Figura 20 – Exposição da fonte digital Adrenalina.....	33
Figura 21 – Muro pichado de escola em Botucatu “eu pixo vocês pinta vamo vequem tem + tinta?”	34
Figura 22 – Imagem encadernação brochura, canoa e wire-o.....	45
Figura 23 – Encadernação tipo japonesa	45
Figura 24 – Encadernação tipo coptic stitch.....	46
Figura 25 – Dobras	47
Figura 26 – Entrelinha.....	48
Figura 27 – Parágrafo.....	49
Figura 28 – Alinhamentos.....	50

Figura 29 – Família Tipográfica Helvetica Neue	51
Figura 30 – Corpo Tipográfico.....	51
Figura 31 – Margem	53
Figura 32 – Guias Horizontais	54
Figura 33 – Colunas	54
Figura 34 – Módulos	55
Figura 35 – Gutters.....	55
Figura 36 – Grid Modular Aplicada	56
Figura 37 – Anatomia do livro.....	58
Figura 38 – Níveis de contextualização da prototipagem.....	62
Figura 39 – Tabela Lassala	70
Figura 40 – Tabela Xarpi	71
Figura 41 – Brainstorming	72
Figura 42 – Painel Semântico.....	73
Figura 43 – Cores do Painel Semântico	74
Figura 44 – Desenvolvimento de Paleta Cromática.....	75
Figura 45 – Tipografias do Painel Semântico.....	76
Figura 46 – Grafismos do Painel Semântico	77
Figura 47 – Aproveitamento de Papel.....	81
Figura 48 – Grid	83
Figura 49 – Fotografias autorais.....	84
Figura 50 – Cores definidas para aplicação no livro objeto.....	85
Figura 51 – Exemplo de abertura de subcapítulo	86
Figura 52 – Diferentes pesos da família tipográfica Fira Sans Condensed	87
Figura 53 – Fontes tipográficas “Rua Type” e “Rolinho”	88
Figura 54 – Fonte tipográfica “Pixo Reto” utilizada em grafismos	89
Figura 55 – Exemplo de infográfico da revista Mundo Estranho, 2007	90

1	Introdução	11
1.1	Objetivos	12
1.1.1	Objetivo Geral	12
1.1.2	Objetivos Específicos	12
1.2	Justificativa	12
1.3	Partes do Documento	13
2	REFERENCIAL TEÓRICO	14
2.1	Pichação	14
2.1.1	História, Conceitos e Definições	14
2.1.2	Motivos para “Pixar”	21
2.1.3	Morfologia da “Pixação”	22
2.1.3.1	“Tag reto”	22
2.1.3.2	“Xarpi”	23
2.1.3.3	“Pixação made in GO”	24
2.2	Propaganda x Grafite x “Pixo”	25
2.3	A exploração comercial da visualidade da “pixação”	26
2.3.1	Tony de Marco	26
2.3.2	Nike	29
2.3.3	Tipografias inspiradas na “pixação”	31
2.3.3.1	Adrenalina	31
2.3.3.2	Rooftop	32
2.3.3.3	Fosca type	33
2.3.3.4	Rua type	33
2.4	Projetos de Higienização	34
3	Metodologias	37
3.1	Método de Pesquisa de Campo	37
3.1.1	Definição	37
3.1.2	Preparação	37
3.1.3	Imersão	38
3.1.4	Análise	38
3.2	Metodologia de projeto	39
3.2.1	Delimitação do objeto:	39
3.2.2	Conhecimento do Objeto:	39

3.2.2.1	Coleta e análise de informações:	39
3.2.2.2	Conceituação:	40
3.2.2.3	Definição do objeto:	40
3.2.3	Desenvolvimento do objeto:	40
3.2.3.1	Geração de alternativas:	40
3.2.3.2	Desenvolvimento de alternativas:	40
3.2.3.3	Adequação e validação:	40
3.2.3.4	Fechamento e apresentação:	41
4	Design Editorial	42
4.1	Produção Gráfica	42
4.1.1	Métodos de Impressão	42
4.1.2	Tipos de Papel	43
4.1.3	Acabamentos Gráficos	44
4.1.4	Encadernação	44
4.1.5	Dobras	46
4.2	Livro-objeto	47
4.2.1	Tipografia	48
4.2.2	Cor	52
4.2.3	Formato	53
4.2.4	Grid	53
4.2.5	Anatomia do Livro	57
4.2.6	Prototipação	62
5	DESENVOLVIMENTO	63
6	Delimitação do Objeto	64
6.1	Briefing	64
6.1.1	Definição de Objeto	65
6.1.1.1	Requisitos Funcionais	65
6.1.1.2	Requisitos Formais	66
6.1.1.3	Requisitos Conceituais	67
7	Conhecimento do Objeto	68
7.1	Análise Paramétrica	68
7.1.1	Estudo de Similares	68

7.1.1.1	Resultados	71
7.1.2	Painéis Semânticos	77
7.1.3	Estudo de Materiais e Tecnologias	78
8	Desenvolvimento do Objeto	80
8.1	Geração e Seleção de Alternativa	80
8.2	Adequação e Validação	90
8.3	Fechamento e Apresentação	91
8.4	Considerações Finais	91
	REFERÊNCIAS	92
APÊNDICES		98
	APÊNDICE A – Estrutura da Conversa.	99
	APÊNDICE B – Relatório do Rolê de Pixo101
	APÊNDICE C – Análise dos dados etnográficos . .	.103
	APÊNDICE D – Livro Objeto.	105

1 Introdução

Enquanto transitamos pela cidade, somos inundados com informações. Dentre propagandas pintadas em muros, cartazes, outdoors e fachadas de lojas, nos deparamos também com intervenções urbanas, como o grafite e a “pixação”. Estas expressões da cultura de rua, os grafites, ilustrações com temas recorrentemente reflexivos ou alegóricos, as “pixações”, escritas com conteúdos majoritariamente incompreensíveis por leigos atraem atenção e geram reações diversas. A cidade é o sujeito catalisador:

[. . .] elas as responsáveis por serem o suporte material (de uma arte encontrada na rua), simbólico (porque contestadas) e social (palco das contradições expressas substancialmente na arte ou das quais esta deriva) para o que há de mais novo em movimentos artísticos.”
(CALONGA, 2013, p.32)

Entretanto, a “pixação”, termo apresentado e defendido no livro “Pixação não é Pichação” por Gustavo Lassala, reforça o caráter ilegal da prática da “pixação” ilegível para leigos - daí o uso da palavra ser ortograficamente incorreta - do “pixo”, é um ato marginalizado e menosprezado socialmente, enquadrada como crime por vandalismo conforme (ART. 65 DA LEI Nº 9.605/98). Como relata Djan Ivson, “pixador” paulista que assina como Cripta, uma das referências atuais do “movimento pixação” no Brasil - em entrevista para Gustavo Lassala e Abilio Guerra, pela ‘Vitruvius’ - “{. . .} o “pixo” questiona de uma forma pacífica, porque existe um conflito simbólico através de uma intervenção estética. Não pixamos pessoas, pixamos parede”. Percebemos que a sociedade de modo geral possui uma visão superficial e depreciativa, com pouca abertura para buscar compreender melhor a diversidade cultural a qual o “pixo” está inserido e não o reconhecendo como forma de expressão e questionamento de jovens das periferias.

As pessoas foram todas educadas num conceito burguês e capitalista, que as ensinou a serem muito individualistas, a viverem na sua ilha, no seu muro. O ‘pixo’ vem na contramão disso e questiona: já que o espaço é público, até onde vai o direito de uma propriedade privada? O muro pode e o ‘pixo’ não?
(IVSON, 2012).

O preconceito também nos impossibilita de compreender a complexidade na elaboração das letras. Cada “pixador” deve desenvolver a sua ou aprender a do grupo a qual pertence como forma de identidade. Considerando o contexto social em que o “pixo” está situado, suas controvérsias políticas e produções - no âmbito que cabe à área do design gráfico - relacionadas ao “pixo”, além da pretensão de disseminar esse conteúdo, propomos

o desenvolvimento de um livro objeto como produto final deste Trabalho de Conclusão de Curso. Para tanto, foram realizadas pesquisas de campo,

Capítulo 1.

1 Introdução

Enquanto transitamos pela cidade, somos inundados com informações. Dentre propagandas pintadas em muros, cartazes, outdoors e fachadas de lojas, nos deparamos também com intervenções urbanas, como o grafite e a “pixação”. Estas expressões da cultura de rua, os grafites, ilustrações com temas recorrentemente reflexivos ou alegóricos, as “pixações”, escritas com conteúdos majoritariamente incompreensíveis por leigos atraem atenção e geram reações diversas. A cidade é o sujeito catalisador:

[. . .] elas as responsáveis por serem o suporte material (de uma arte encontrada na rua), simbólico (porque contestadas) e social (palco das contradições expressas substancialmente na arte ou das quais esta deriva) para o que há de mais novo em movimentos artísticos.”
(CALONGA, 2013, p.32)

Entretanto, a “pixação”, termo apresentado e defendido no livro “Pixação não é Pichação” por Gustavo Lassala, reforça o caráter ilegal da prática da “pixação” ilegível para leigos - daí o uso da palavra ser ortograficamente incorreta - do “pixo”, é um ato marginalizado e menosprezado socialmente, enquadrada como crime por vandalismo conforme (ART. 65 DA LEI Nº 9.605/98). Como relata Djan Ivson, “pixador” paulista que assina como Cripta, uma das referências atuais do “movimento pixação” no Brasil - em entrevista para Gustavo Lassala e Abilio Guerra, pela ‘Vitruvius’ - “{. . .} o “pixo” questiona de uma forma pacífica, porque existe um conflito simbólico através de uma intervenção estética. Não pixamos pessoas, pixamos parede”. Percebemos que a sociedade de modo geral possui uma visão superficial e depreciativa, com pouca abertura para buscar compreender melhor a diversidade cultural a qual o “pixo” está inserido e não o reconhecendo como forma de expressão e questionamento de jovens das periferias.

As pessoas foram todas educadas num conceito burguês e capitalista, que as ensinou a serem muito individualistas, a viverem na sua ilha, no seu muro. O ‘pixo’ vem na contramão disso e questiona: já que o espaço é público, até onde vai o direito de uma propriedade privada? O muro pode e o ‘pixo’ não?
(IVSON, 2012).

O preconceito também nos impossibilita de compreender a complexidade na elaboração das letras. Cada “pixador” deve desenvolver a sua ou aprender a do grupo a qual pertence como forma de identidade. Considerando o contexto social em que o “pixo” está situado, suas controvérsias políticas e produções - no âmbito que cabe à área do design gráfico - relacionadas ao “pixo”, além da pretensão de disseminar esse conteúdo, propomos o desenvolvimento de um livro objeto como produto final deste Trabalho de Conclusão de Curso. Para tanto, foram realizadas pesquisas de campo,

levantamentos bibliográficos, filmográficos e produção fotográfica, além de estudos acerca das repercussões sociais do tema tais como “projetos de higienização”.

1.1 Objetivos

Com base no tema apresentado e suas problemáticas levantadas, subseqüentemente apresentamos os objetivos a serem trabalhados neste projeto.

1.1.1 Objetivo Geral

Realizar um estudo teórico sobre tema da “pixação”, suas questões políticosociais, históricas e também relativas à produção no âmbito do design gráfico, com a intenção de aplicar o conteúdo levantado num livro objeto e assim disseminá-lo.

1.1.2 Objetivos Específicos

- 1) Fazer um levantamento teórico acerca da cultura em que o “pixo” está inserido;
- 2) Pesquisar o cenário e agentes da “pixação” em Goiânia;
- 3) Realizar um levantamento da produções relativas ao design gráfico que tenham como mote o movimento da “pixação”;
- 4) Mapeamento tipográfico com o tema da “pixação”;
- 5) Construir um acervo fotográfico de “pixos” goianienses para a produção do livro objeto;
- 6) Adequar e seguir uma metodologia pré-existente com a finalidade de possibilitar a execução do projeto de design editorial do livro.

1.2 Justificativa

Este projeto justifica-se por abordar a “pixação” como intervenção urbana, parte integrante da cultura brasileira, entendendo a existência de um contexto político, cultural e social no circuito da “pixação” - tema alvo constante de críticas e políticas repressivas. Além disso, como futuros profissionais bacharéis em design gráfico, apresentamos aqui o desenvolvimento do projeto editorial de um livro objeto e assim, compartilhar uma parte do

conhecimento que adquirimos acerca do movimento da “pixação”. Agregando também com a nossa formação enquanto designers e cidadãos.

Capítulo 1. Introdução

1.3 Partes do Documento

Este projeto escrito para apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso, encontra-se dividido em duas partes. Sendo a primeira apresentada como Referencial Teórico - que por sua vez engloba os subtópicos: pichação, metodologia de projeto e design editorial; e a segunda, Desenvolvimento, na qual abordamos o processo de construção do projeto.

O Referencial Teórico aborda o aspecto histórico da pichação no Brasil e no mundo; a morfologia e visualidades da pichação em São Paulo, no Rio de Janeiro e em Goiânia; delimitações conceituais do grafite e da pichação e a disputa com o marketing pelos espaços públicos; a exploração comercial desta visualidade de pichação através de projetos como Rolinho Bros, tipografias inspiradas em pichação e produtos confeccionados pela Nike; e os denominados “projetos de higienização” realizados em Nova York e principalmente em São Paulo.

O segundo tópico, Metodologias, discorre a respeito dos processos utilizados durante a pesquisa de campo, assim como os resultados gerados por ela. Neste tópico há também a apresentação da metodologia projetual de Ravi Passos, implementada na etapa seguinte em Desenvolvimento. A terceira divisão desta primeira parte, Design Editorial, trata dos aspectos de projeto relacionados com as características de publicação de cunho editorial do artefato. Nesta etapa, exploramos encadernação, tipo de papel, acabamento gráfico, cores, tipografia, grid e outros aspectos importantes de design editorial.

Na segunda parte desta monografia, Desenvolvimento, encontram-se informações relacionadas com os aspectos da produção do livro objeto. Esta parte é organizada de acordo com as etapas da metodologia de projeto de Passos, na seguinte sequência: Delimitação do Objeto, Conhecimento do Objeto e Desenvolvimento do Objeto. Durante as etapa de delimitação, conhecimento e definição, o escopo e características do artefato são definidos, e na etapa posterior executados.

Por fim, anexo e apêndices encontram-se no final desta monografia para que o leitor possa conferir na íntegra estudos, tais como entrevistas, fotografias e pesquisas de campo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Aqui estão reunidos todos os conhecimentos agregados durante as etapas do projeto referentes ao TCC 1. Essas informações são provenientes dos estudos realizados com artigos, outros TCCs que abordam temas correlatos, livros e a pesquisa de campo (detalhada no subtópico 3.1 Metodologia de Pesquisa de Campo).

2.1 Pichação

Para compreender a pichação em sua totalidade, apresentamos abaixo dados coletados referentes a pesquisa que abarcou desde as primeiras formas de pichação registradas, seu surgimento em um contexto urbano, diferenciação nos contextos brasileiro e regional (de cada cidade), motivos que levam os pichadores a começar a pichar e projetos de combate ao “pixo”. Além disso estudamos relações com a arte e momentos onde a “pixação” conseguiu transpor os muros e invadir a sociedade através campanhas de marketing, fontes de computador, exposições de arte e vestuário.

2.1.1 História, Conceitos e Definições

Preservada por séculos devido à erupção do Vesúvio, localizada no Sul da Itália, em Pompéia residem memórias solidificadas nas ruínas. Nestes fragmentos da antiga cidade, foram encontrados diversos grafites que fazem referência à críticas, amor, sexualidade e opiniões expressos pelos habitantes dessa sociedade, situações cotidianas da época e que até atualmente são manifestados nos muros.

Segundo o arqueólogo Emiliano Tufano, há cerca de 3000 inscrições eleitorais na cidade de Pompéia. Algumas foram escritas pela população em geral e outras por escribas considerados profissionais aptos a fazer inscrições oficiais pelo governo, sentenças de tribunais, comercialização de escravos e divulgações eleitorais. Geralmente este tipo de grafite era apresentado com cor vermelha e caixa alta.

Figura 1 – “graffiti em Pompéia”



www.pompeitourguide.me

Mais recentemente, no século XX, na França, o ato de pichar estava intimamente relacionado à fatores políticos e propagandísticos como campanhas, convocações à assembleias, manifestações, críticas e divulgação eleitorais encabeçadas notadamente por jovens e estudantes. Em Maio de 1968, com as conturbações culturais e sócio-políticas que o país vivia, esses jovens viram nos muros de Paris um canal de comunicação massivo dos seu ideais. Nas paredes da cidade estavam gravados frases até hoje reconhecidas como “é proibido proibir” e “sejam realistas, exijam o impossível”. (TRINDADE, Rafael, 2013).

Figura 2 – “Sejam realistas, demandem o impossível”



<https://razaoinadequada.com/2013/06/16/os-muros-da-sorbonne/>

Longe dos manifestos franceses, em Nova York, um jovem de 17 anos escrevia pelas ruas “Taki:183” e obteve grande visibilidade após sair na capa do The New York Times graças aos “pixos” que fazia. Ele era um office-boy que resolveu escrever seu nome e rua - da onde ele morava - pela cidade. A história de Taki serviu de inspiração para outros jovens que assim com ele sentiam a necessidade de se expressar de alguma forma. Surgiram então: “Joe 136”, “Barbara 62”, “Yank 135” e etc. Foi nesse contexto que os pichadores passaram a ser apelidados de “writers”, escritores em inglês (MARCELO, 2015).

Não distante, a pichação em São Paulo teve início entre a década de 1960 e 1970, nas mãos de jovens de classe média-baixa que buscavam novos experimentos para divulgar suas ideias e expressões na cidade, tendo como referência a cultura punk. A partir de então o picho assumiu diferentes contextos: no período da ditadura militar, em que as frases de cunho político e crítico eram intencionalmente feitas para serem compreendidas pela maior parte da população.

Na década de 1980 com o início da Escola Paulista de Pixação, inspirada por referências punk como capas de álbuns de bandas como “Metallica”, “Ratos de Porão”, “Iron Maiden” e “Kiss”, que por sua vez possuem origens no alfabeto e runas nórdicas. (WAINER, João; OLIVEIRA, T. Roberto. PIXO. [Filme-vídeo]. 2010.).

“Em um primeiro momento os fãs dessas bandas começaram a pichar o nome dos grupos, tentando sempre copiar a forma das letras. Em seguida tiveram a ideia de pichar o próprio nome, usando para isso a tipografia do conjunto de música preferido. Posteriormente alguns indivíduos começaram a criar nomes, apelidos, para passar a decalcar na cidade” (MITTMANN, D. 2012).

Figura 3 – Logotipos das bandas: Metallica, Iron Maiden e Ratos de Porão.



Logotipos das bandas: Metallica, Iron Maiden e Ratos de Porão.

Figura 4 – Exemplo de pichação com influências dos logotipos de bandas punk



<http://iamgraffiti.es/lettering-y-caligrafia-en-el-graffiti-3a-parte/>

Em terras cariocas, a primeira pichação remonta-se de 1978 e é conhecida como “celacanto provoca maremoto!”. O pichador teria começado a fazer as inscrições sozinho e com o tempo foi ensinando outras pessoas, até que seu grupo chegou a atingir o número de 25 integrantes.

“O autor da frase é o jornalista carioca Carlos Alberto Texeira, o , na época era um jovem de 17 anos, estudante de física da PUC. [. . .] A história de Celacanto se deu, segundo ele, por sua necessidade de falar, de se comunicar; primeiro escreveu no quadro negro e no banheiro da faculdade e depois começou a inscrever também em tapumes em lugares estratégicos da Zona Sul. [. . .] No início usavam giz ou Pilot, depois o grande salto foi o spray” (MARCELO, 2015).

Figura 5 – Celacando provoca maremoto



<https://oglobo.globo.com/rio/bairros/intervencoes-artisticas-pipocam-pela-cidade-se-descolam-do-grafite-18644403>

Desde então os pichos não pararam de surgir. Em 1992, o relógio da Leopoldina no Rio de Janeiro foi pichado em suas quatro faces, o que consistiu em um marco. Mesmo à 110 metros do chão, era possível ler as inscrições: “PICHO PORQUE SOU REVOLTADO”, com a assinatura de Vinga, um dos “pixadores” que obteve maior ibope - reconhecimento entre os pichadores (MARCELO, 2015).

Com o tempo, a pichação passou a ser uma manifestação de escrita dirigida aos próprios pichadores, nem sempre compreendida pela sociedade, e que passaram a atribuir o nome “pixação” com “x”, gramaticalmente incorreto, para representar esse novo contexto e características que o movimento passou a assumir. Portanto, o grupo optou por empregar o termo com a grafia utilizando a letra “x” neste TCC.

“Podemos entender a pichação de forma genérica como toda e qualquer grafia aplicada de maneira não autorizada nos mais variados espaços públicos. Mas, dentro deste amplo espectro de pichações (letras, palavras, frases, desenhos, signos diversos), encontramos uma espécie particular de pichação, a qual, para diferenciar-se das demais maneiras de escrita não autorizada, os próprios “pixadores” adotaram a grafia de “pixação” como vemos em Pereira (2005) e Lassala (2010)” (MITTMANN, D. 2012).

Há várias vertentes de escritas em muros. O “bomb”, que originou do nome em inglês bombardeio, é ilegal como o “pixo” e possui um formato de escrita arredondada, muitas

vezes com uso de sombra, texturas, brilhos e mais de uma cor em suas composições. Já a “tag” não consiste exatamente em um estilo de “pixação” ou grafite, ela é a assinatura do “pixador” ou da grife (como são chamados grandes grupos de “pixadores”, que pode conter subgrupos menores) que ele pertence.

Figura 6 – “Bomb”



<http://www.dionisioarte.com.br/entrevista-autopsia-do-hip-hop-ao-bomb/>

Outra suporte para escrita entre os “pixadores” é a “folhinha”. Nesse caso não se trata de uma “pixação” diretamente expressa no meio urbano. Para que as “tags” e “pixos” permaneçam registrados por maior tempo do que nas ruas, em “points” (local de encontro dos “pixadores” para fazer rolês ou divulgar festas os “pixadores” trocam folhas assinadas com “tags” entre si. Produzir e colecionar folhinhas são práticas comuns e que demonstram respeito pelo “pixo” de outros “pixadores” (WAINER, João; OLIVEIRA, T. Roberto. PIXO. [Filme-vídeo]. 2010.).

Figura 7 – “folhinha”



<https://www.insgy.net/tag/pixobr>

Para concluir, é importante recordar que toda essa cultura da pixação e também do grafite brasileiro está fortemente relacionada à “cultura negra de rua”, constituído pelo hip hop, o rap (estilos musicais) tocados pelos rappers e DJ’s, acompanhado também do estilo street dance (dança de rua). Este tipo de manifestação de rua tem atraído cada vez mais a atenção da sociedade e espaço em obras que utilizam o movimento como contexto. É o caso dos seriados “The Get Down” e “Hip Hop Evolution”.

2.1.2 Motivos para “Pixar”

Os motivos que levam alguém a começar a “pixar” são muito questionados, e podem variar conforme o indivíduo. Através de nossa análise de estudos sobre a “pixação” e pesquisa etnográfica realizada com “pixadores” goianienses, nota-se uma grande influência do ambiente e círculo de amigos como facilitadores e estimulantes. “Pixadores” entrevistados relataram começar a “pixar” enquanto frequentavam as séries de ensino fundamental e médio e já tinham conhecidos que “pixavam”. Um “pixador” relatou ser estimulado a deixar sua marca pela cidade após ver as “pixações” feitas em sua vizinhança.

Segundo o “pixador” Sene (entrevista na íntegra em Apêndice 2): “São duas palavras que definem esse ato de “pixação”, ou é um ou é outro, adrenalina e expressão. Não tem outra coisa; revolta não sei o que. . . Expressão. ‘Eu tô grilado [sic] com os meus pais’, expressão. ‘Eu não tenho nada pra fazer’, quero fazer alguma coisa, adrenalina. (. . .)” Segundo uma pesquisa de cunho psicossocial e sócio cultural realizada com 32 indivíduos por CEARÁ e DALGALARRONDO (2008): “A motivação para começar a pichar foi, em 29 (91%), por

envolvimento com um grupo de pichadores, em 2 (6%), por interesse pessoal e um (3%) não citou o motivo.”

Através dos dados coletados é possível dizer que grande parte dos “pixadores” afirma começar a “pixar” por influência de amigos e/ou do ambiente. Embora tenham motivações variadas para continuar a “pixar” e do que querem passar como mensagem ou até o que os motiva internamente, dificilmente se começa a “pixar” sozinho. Outro equívoco comum no que se refere aos “pixadores” goianienses entrevistados, não existe uma clara relação entre a cultura e movimento hip hop com a “pixação”.

2.1.3 Morfologia da “Pixação”

É possível encontrar diferentes grafias de “pixo” pelo país, com estilos peculiares e que são moldados também pelas técnicas e as ferramentas usadas na “pixação”. Para tanto, este subcapítulo visa apresentar e contextualizar os diferentes tipos de “pixos” em São Paulo, Rio de Janeiro e Goiânia.

2.1.3.1 “Tag reto”

Em São Paulo, escaladas em prédios, subir nos ombros dos colegas, pendurar-se nas construções e as limitações do corpo refletem claramente na maneira como o “pixo” é feito. Muitas vezes é pouco conveniente usar sprays, já que o preço é pouco acessível e a posição do “pixador” nem sempre favorece o uso. Para resolver isso, os “pixadores” paulistanos passaram a usar o rolo de pintura, famoso “rolinho” junto da tinta látex - que pode ainda ser dissolvida na água ou outros solventes e assim render mais - para fazer as “pixações”.

Outra forma de obtenção de novas latinhas de spray é por meio do furto em lojas de tinta ou materiais para construção, ou mesmo o furto de pequenos objetos para trocar pelos sprays (PEREIRA, 2005). A configuração do rolinho permite que o “pixador” faça curvas espaçadas e linhas retas e pontiagudas, o que acaba por caracterizar o “tag reto” de São Paulo, bem como a Escola Paulista de Pixação (LASSALA, Gustavo, 2010).

“As suas diversas gambiarras, as quais estão diretamente ligadas à forma da letra pichada, como é o caso do uso do rolo de pintura e de garrafas plásticas (pet) para o transporte da tinta, sem mencionar outras diversas maquinações, tanto das táticas empregadas quanto das estratégias da ação pichadora. É o caso da escada humana, como os pichadores a chamam, onde um escritor de “pixo” sobe nos ombros de outro(s) pichador(es) para atingir o alto de muros e ou de paredes.” (MITTMANN, D. 2012).

Figura 8 – “tag reto”



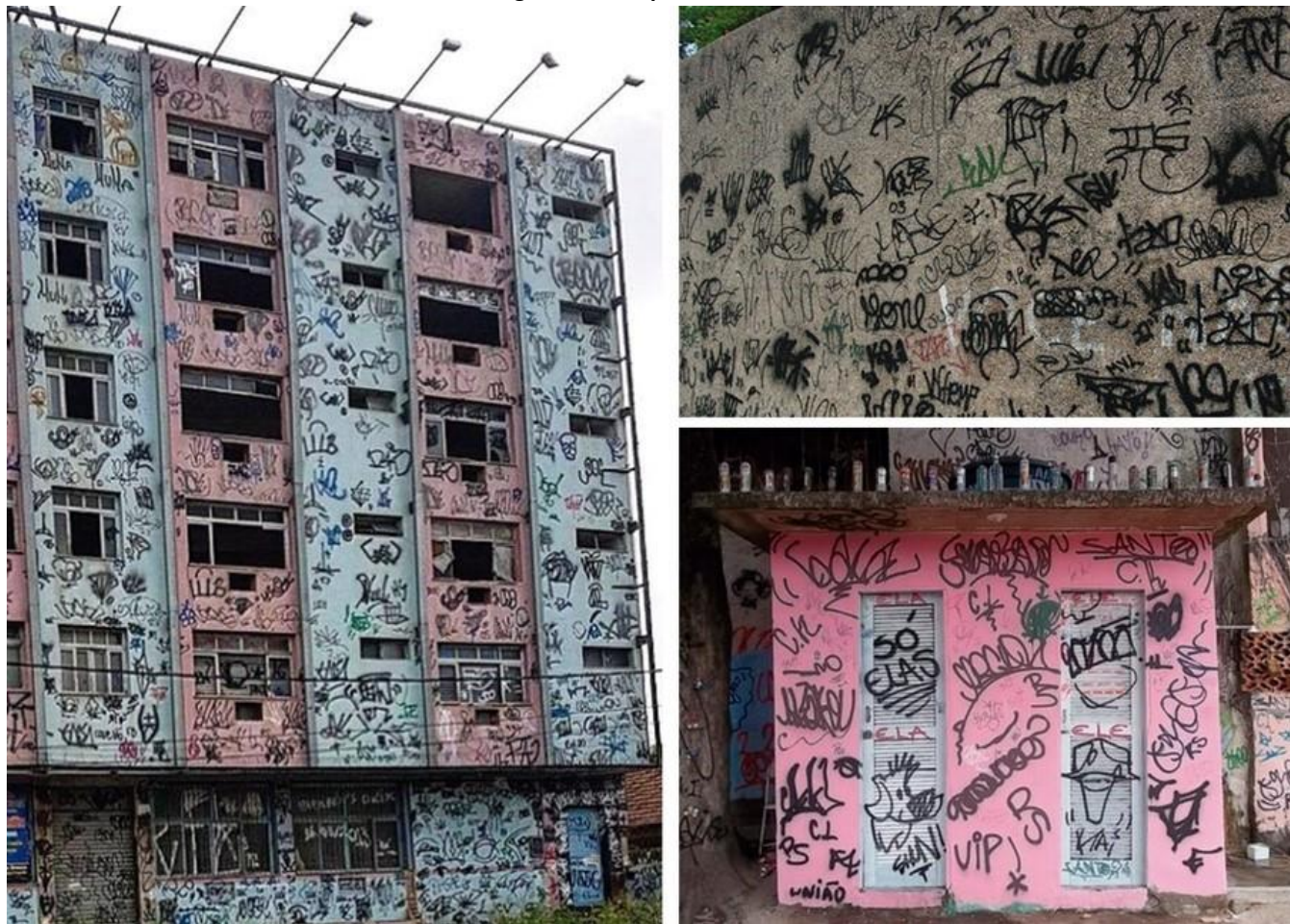
<http://iamgraffiti.es/lettering-y-caligrafia-en-el-graffiti-3a-parte>

2.1.3.2 “Xarpi”

No Rio de Janeiro, com intuito de diferenciar-se dos demais tipos de escrita urbana, há uma forma singular de “pixação”, apelidada pelos “pixadores” de “xarpi”, anagrama de “pixar” de trás para frente. Sendo que as letras e “tag” dos “pixadores” são conhecidas pelo nome de “carioquinha” (MITTMANN, D. 2012).

O constante uso do spray, acompanhado de movimentos que envolvem o braço - e também todo o corpo - o xarpi do Rio acaba por assumir formas mais orgânicas, “arredondadas”, sem seguir as linhas retas das letras e do sentido de leitura do “tag reto” em São Paulo.

Figura 9 – “xarpi”



<http://fazendomedia.org/pichacao-carioca-arte-ou-vandalismo/>; <http://xarpixo.blogspot.com.br/>; <https://br.pinterest.com/pin/202662051953729673/>

2.1.3.3 “Pixação made in GO”

As formas de “pixação” em Goiânia e Brasília possuem o mesmo estilo de grafia, provavelmente por serem cidades vizinhas, localizadas na mesma região Centro-Oeste. Há diversas histórias contadas por “pixadores” para explicar o surgimento desse estilo. Uma delas é que em Brasília, devido ao fato de haver maior renda per capita, os jovens viajavam nas férias para São Paulo e Rio de Janeiro e, ao encontrarem os estilos de “pixação” “tag reto” e “xarpi” feitos lá, acabaram sendo influenciados. Com o tempo, esses jovens começaram então a produzir um estilo com características da junção dos “pixos” de São Paulo e Rio, construindo “pixações” escritas em “blocos retos” porém com a forma mais orgânica do “xarpi” (PIRES, Tiago Rodrigues, 2009).

Algumas particularidades podem ser observadas: as letras estão configuradas em sentido horizontal ao invés de vertical ou em diagonais; os tipos são, muitas vezes,

representados todos em caixa alta; e o “formato das letras” é menos compreensível para leigos, quando comparamos com o tag reto em São Paulo.

Figura 10 – “pixação em Goiânia”



<https://www.flickr.com/photos/tiagoslim/3664527534/>; <https://ospiores2011.wordpress.com/2011/01/19/entrevista-thor-adn/>; <http://g1.globo.com/goias/noticia/2012/03/pichadores-desafiam-policia-e-revoltam-populacao-em-goiania.html>

2.2 Propaganda x Grafite x “Pixo”

O grafite e a “pixação”, apesar de serem intervenções urbanas, se diferenciam “principalmente pelo tipo de figuração, no caso do primeiro, usando o recurso figurativo de personagens anônimos e no da segunda, uma tipografia feroz e ilegível para leigos. O grafite tem sido aceito como manifestação artística no Brasil desde a década de 1980; instituições artísticas têm feito exposições com grafite e atualmente temos galerias especializadas no assunto.” (TAVARES, 2010, p. 23)

A “pixação”, essencialmente precisa da rua, pelo seu caráter marginal e invasivo, ocupa seu espaço de destaque, disputando o imaginário dos transeuntes, mesmo espaço disputado com o marketing, mas esta é socialmente aceita. As propagandas estão por toda cidade, invadindo e comprando o espaço e “imaginário” do sujeito, assim com as intervenções, sem

aviso ou permissão prévia da população, mesmo considerando a compra legal do espaço privado e público, tornando recorrente a poluição visual, causada pelo seu excesso.

Entretanto a “pixação” consegue se apropriar dos mesmos espaços, com força similar, mas com ideais diferentes, como “marcar a cidade com seu sinal individual, permeável primariamente à sua própria comunidade” (TAVARES, 2010, p. 24), desamparados de uma estrutura social e econômica.

Portanto, projetos que envolvem a estética de “pixação”, devem estar embasados em conceitos maiores que apenas a comercialização, com pretensões de enaltecimento de sua visualidade e seu registro, agregando ao seu “movimento”.

A ação de escrever nas paredes é uma prática antiga, nas ruínas de Pompéia e Herculano, em Roma, que havia incorporado o alfabeto grego e feito modificações, enriquecendo o desenvolvimento da escrita, segundo Meggs, “os letristas escreviam avisos, material para campanhas políticas e anúncios de publicidade nas paredes externas” (MEGGS, 2009, p.46), e também foram descobertos xingamentos, poesias e cartazes eleitorais, no estilo “capitalis rustica”, estreitas, ocupando pouco espaço, provavelmente feitas rapidamente. Isso denota a existência de uma competição por espaço entre as intervenções urbanas, como grafite, “pixação” e a propaganda.

2.3 A exploração comercial da visualidade da “pixação”

Apesar da “pixação” ser um movimento, estritamente ligado o rua e puramente como forma de expressão, sua estética única, pode transcender de seu suporte principal e ser explorado em outras áreas, como a comercial, ressignificando seu sentido. A seguir apresentaremos exemplos dessas diferentes formas de aplicação.

2.3.1 Tony de Marco

Tony de Marco, artista plástico, type designer e fotógrafo, que foi ilustrador do jornal A Folha de S. Paulo, desenvolve tipografias desde 1989, premiado pelo International Type Design Contest da Linotype com sua fonte Samba, obtém mais de 50 alfabetos.

Realiza também intervenções urbanas com “pixação”, “stickers” e outros materiais. Os seus projetos de intervenções mais reconhecidos, o Pixotosco, que ele define como seu “street name”, no qual ele propaga pela cidade, a ilustração de um jacaré estilizado e o Rolinho Bros, a ilustração de um rolo de tinta estilizado e que nomeia um grupo de artistas, no qual faz parte, que não usa spray.

E baseado no Pixotosco, foi desenvolvido um jogo no estilo “snake game” produzido pelo estúdio de design goiano Nitrocorpz, que recebeu uma menção honrosa no BRIO 2013. O

jogo faz uso dos elementos ligados à “pixação” como o rolo de tinta, balde de tinta, escada, inclusive o carro de polícia.

Figura 11 – Pixotosco aplicado num muro



http://www.tonydemarco.com.br/portfolio/wp-content/uploads/2013/04/IMG_0567.jpg

Figura 12 – Rolinho Bros aplicado num muro



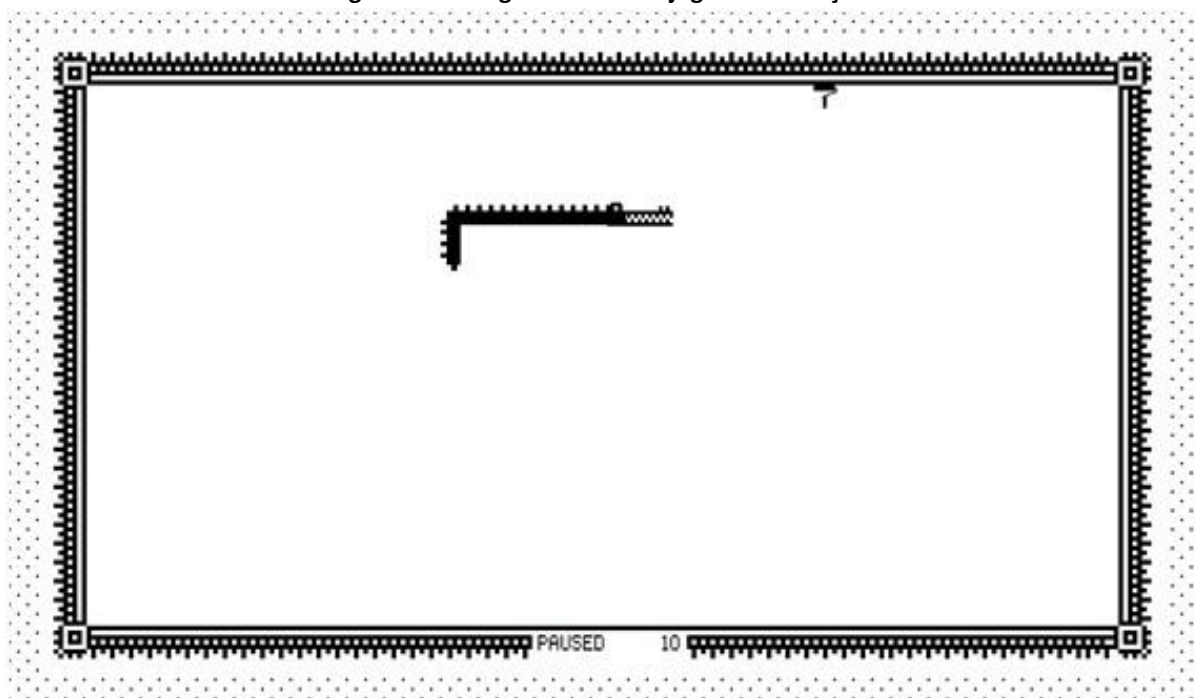
http://www.tonydemarco.com.br/portfolio/wp-content/uploads/2013/07/SAM_5610.jpg

Figura 13 – Imagem da tela do jogo 'Pixotosco'



<http://www.tonydemarco.com.br/portfolio/game/>

Figura 14 – Imagem da tela do jogo em execução 'Pixotosco'



<http://nitrocorpz.com/games/pixotosco/>

2.3.2 Nike

A marca de artigos esportivos, Nike, lançou em 2010, a coleção “True Colors”, de roupas para torcedores da África do Sul, Estados Unidos, Holanda, Inglaterra, França e Brasil. Realizado através do projeto da marca, “o Six Collaborations”, em parceria com artistas dos respectivos países.

No Brasil a criação de novo mascote, brasão e uniforme, ficou a cargo do artista paulistano, Nunca, que se inspirou nos grafismos indígenas e na pichação paulistana, segundo ele retrato da sociedade atual. Com experiência em arte de rua, ele relata, “Meu primeiro contato com a rua foi por meio da pichação no bairro de Itaquera, em São Paulo. Foi o que me deu base para o que eu faço hoje em dia, me deu noção de como analisar um espaço, de como adaptar um desenho”. Portanto, denota-se o interesse de grandes marcas, como a Nike, para as visualidades urbanas.

Figura 15 – Lettering (escrito Brasil) desenvolvido para a coleção.



<https://passooponto.files.wordpress.com/2010/04/nike-ss-2010-six-collaborations-31.jpg>

Figura 16 – Coleção de roupas "True Colors"



<https://passooponto.files.wordpress.com/2010/04/nike-ss-2010-six-collaborations-341.jpg>

2.3.3 Tipografias inspiradas na "pixação"

A seguir analisamos quatro tipografias inspiradas no “pixo”, como estudo para possibilidade de serem usadas na segunda etapa deste projeto.

2.3.3.1 Adrenalina

Figura 17 – Fonte digital Adrenalina



<http://ppgdesign.anhemi.br/datjournal/index.php/dat/article/view/18/13>

Projeto do designer Gustavo Lassala, inspirados nos “pixo”/“tag reto” de São Paulo, possui letras retas alongadas e pontiagudas, sua família dois aspectos diferentes no traço, “letras com tinta escorrida e letras com textura, simulando a aplicação da tinta na imperfeição do suporte.” O que mantém a irregularidade no traço e diminui a legibilidade.

2.3.3.2 Rooftop

Figura 18 – Fonte digital Rooftop



www.behance.net/gallery/32736877/ROOFTOP-typeface

Projeto do designer Robsom Aurélio, de Águas Lindas de Goiás (GO), premiado no “Behance Appreciation Award” e foi destaque na página inicial do “Behance”. Ele usou como referência o “pixo” de Brasília. Como declara em entrevista:

“Abordar a escrita marginal foi uma oportunidade de levar essa linguagem para a universidade, local demasiadamente elitizado em que nem sempre as vozes da periferia são levadas em consideração. Como morador do entorno foi uma grande responsabilidade para mim.” (Dcon, Do grafite a uma tipografia em destaque, 2016).

Ela simula a “pixação” feita com o rolinho no extensor, que tem movimentos limitados, produzindo uma letra com pouca variação, com considerável legibilidade. Outra característica que possui é o peso diferente das linhas, linhas verticais mais largas que as horizontais com curvas, também conferidos do movimento do rolinho.

2.3.3.3 Fosca type

Figura 19 – Fonte digital Fosca type



www.behance.net/gallery/19461151/Fosca-Type

Projeto do designer Danilo Bretas, de Santos (SP), inspirado nas tags de São Paulo. Esta emula o uso do spray, com traços de peso diferentes e altura de “X” longa, sua legibilidade e leiturabilidade são médias, exceto pelo “B” e “D” as letras são reconhecíveis. O nome se originou da gíria “Foscar”, que significa “usar o spray mate”.

2.3.3.4 Rua type

A apropriação da pichação por outros meios fomenta a discussão de sua legitimação como arte ou em cunho comercial, mas também contribui positivamente para sua exploração e compreensão de sua estética. Por estar enraizada no seu caráter transgressor e ilegal, por isso, muitos do movimento defendem o posicionamento de afastar-se. Entretanto, consideramos que estas ações não anulam a outra, mesmo que, a força de pregnância na rua seja maior. Portanto as diferentes apropriações devem ser vistas como contribuições para seu reconhecimento enquanto cultura e seu registro, levantando mais questionamentos sobre o assunto.

“A pichação tem como dinâmica a ocupação dos espaços urbanos, os lugares por onde milhões de pessoas passam, o mesmo espaço pelo qual as imagens da propaganda lutam. O espaço da arte, fechado e elitizado, mesmo que há décadas venha se abrindo ao grande público, não tem o mesmo poder sobre o imaginário dos cidadãos de uma grande metrópole como São Paulo que a paisagem das ruas. Por dia, passam mais pessoas pela Radial Leste, com sua grande quantidade de pichações e grafites, do que por todos os museus da cidade em um ano” (TAVARES, 2010, p.25).

Um bom exemplo de exibição do “pixo” em museus foi a exposição Caixa de Letras da fonte digital Adrenalina, projetada pelo designer Gustavo Lassala, inspirada na estética da pichação paulistana, realizado em 2015, no Museu da Língua Portuguesa em São Paulo, exposta com outras fontes com o mesmo conceito e mais 23 diversas. Segundo, Henrique Nardi, o curador do evento a exposição, “tinha por função estabelecer um rico diálogo com a cultura visual brasileira e conhecer a história e apreciar os detalhes das letras que nos cercam”, como representado na figura.

Figura 20 – Exposição da fonte digital Adrenalina.



2.4 Projetos de Higienização

Em Nova York, o grafitti, que no Brasil chamamos de pichação, teve início na década de 1970. Os writers, como era chamado os pichadores, começaram a grafitar nos muros e principalmente nos vagões de metrô (BELÉM, Amanda. 2015).

Como forma de repreensão ao movimento que começava a surgir, logo nos primeiros anos da década seguinte, a prefeitura de Nova York lançou um programa de combate ao grafitti. A escrita nos muros logo passou a ser considerada uma prática ilegal e repreendida pelo departamento policial da cidade (BELÉM, Amanda. 2015).

Campanhas de combate ao grafite e à pichação têm ganhado cada vez mais espaço no cenário urbano e político. Em São Paulo, desde a gestão do Prefeito Kassab, há um número crescente de pichações e grafites apagados. Deu-se início à disputa que pode ser expressa na frase abaixo, pichada em um muro de Botucatu/SP: “eu pixo vocês pinta vamo ve quem tem + tinta?”

Figura 21 – Muro pichado de escola em Botucatu “eu pixo vocês pinta vamo ve quem tem + tinta?”



<https://acontecebotucatu.com.br/policia/vandalismo-muro-de-escola-e-pichado-no-centro-de-botucatu/>

Um episódio marcante nessa política de Kassab culminou com 700m² de muro pintado por grafiteiros internacionalmente reconhecidos, “Os gêmeos”, “Nunca”, “Zefix” e “Nina”, apagados, na Avenida 23 de Maio. O muro amanheceu cinza e a insatisfação dos moradores paulistanos deixou Kassab sem saída. Como pedido de desculpas pelo “erro”, a Prefeitura da cidade permitiu que os grafiteiros pintassem novamente o local. Este episódio pode ser conferido no documentário Cidade Cinza.

“A Prefeitura autorizou a pintura do novo mural, mas não quis arcar com os custos. Coube à associação comercial de São Paulo patrocinar a obra. Os

grafiteiros tiveram 15 dias para fazer o trabalho.” (MESQUITA, Marcelo; VALIENGO, Guilherme. Cidade Cinza. [Filme-vídeo]. 2013).

Provando que a busca por esse processo de higienização é partidária e não se polariza em esquerda ou direita, o prefeito sucessor de Kassab, Fernando Haddad, também deu continuidade à política de combate ao grafite e pichação desde o início de seu mandato em 2013 (REOLOM, Mônica, 2013).

Recentemente, o atual Prefeito de São Paulo, João Doria, iniciou sua gestão batalhando contra pichadores através de seu programa Cidade Linda, que assim como os anteriores, recebe críticas e protestos. Segundo a jornalista Tatiana Santiago, Doria sancionou um projeto de lei que pune pichadores com multas entre 5 e 10 mil reais. Se a infração for cometida em patrimônio público ou bem tombado, a multa é de 10 mil reais, assim como em casos de reincidência do ato. Também foi incluída uma lei que proíbe a venda de latas de spray para menores de dezoito anos, sob multa de 5 mil reais para o estabelecimento infrator. Em sua defesa, Doria afirma: “A Prefeitura não vai ter tolerância com pichador. Não há diálogo com contraventor. Todo pichador é bandido.”.

Entretanto o grafite está isento das punições da lei, caso o proprietário do bem tenha concedido o local. Todo o dinheiro arrecadado com as multas irão para o Fundo de Proteção ao Patrimônio Cultural. Tudo isso somente foi possível ser realizado com demasiada rapidez devido ao fato de que Doria e os vereadores utilizaram de um projeto de lei lançado em 2005 - que estava arquivado - para acelerar o processo de aprovação. (G1 São Paulo, Tatiana Santiago).

Para o prefeito, os pichadores vão passar “vergonha”. “E Aqueles como transgressores vão ter a condenação do poder executivo, do poder legislativo e do poder judiciário. A esses que insistem em transgredir serão punidos não apenas pecuniariamente, mas vão passar pela vergonha de serem punidos duas vezes, criminalmente como crime de meio ambiente e judicialmente”, afirmou. (G1 São Paulo, Tatiana Santiago).

Conforme o jornalista Giga Bergamim JR., Doria deu início a um novo projeto, MAR, Museu de Arte de Rua.

“A operação do projeto MAR foi integralmente dos grafiteiros. Nós abrimos um bom diálogo com eles porque sempre tratei os artistas de rua com muito respeito. Eles têm o nosso apoio.” Disse Doria à Folha. Ele promete criar até o final do ano o que chama de a primeira escola de arte de rua do município (JR. BERGAMIM, Giga. 2017).

Pensando nisso, o prefeito fez parcerias com coletivos de artistas da cidade de São Paulo. Ele teria lançado um edital no qual oito num total de vinte e três grafiteiros foram selecionados para integrar a comissão de artistas do museu.

“Conseguimos lançar um projeto que teve o apoio da comunidade do grafite. Várias pessoas que participaram da comissão, que negociaram com a gente, são claramente opositoras à gestão, mas nem isso impediu que contribuíssem com uma política da cidade”, disse o Secretário Municipal de Cultura, André Sturm (JR. BERGAMIM, Giga. 2017).

3 Metodologias

3.1 Método de Pesquisa de Campo

Afim de coletar dados relevantes para o desenvolvimento deste trabalho, será utilizado um método de pesquisa de campo baseado em metodologias aplicadas em etnografias, na qual utiliza-se de investigações de imersão em uma determinada cultura, buscando se obter uma compreensão dos conceitos com ela relacionados enquanto o pesquisador está inserido em do contexto em questão. Sintetizando essa reflexão sobre etnografia, Laptine e Araujo afirmaram:

“A disciplina de Etnografia é oriunda da Antropologia, teve origem no século XIX, pelas expedições exploratórias de missionários, exploradores e administradores, cujo trabalho consistia em coletar informações para os pesquisadores eruditos” (LAPLANTINE, 1988, apud ARAUJO, 2012).

O método desenvolvido teve como base o trabalho de Eduardo Pucu de Araujo (Um Estudo Sobre a Etnografia Aplicada ao Design, PUC-RIO 2012), adaptado para o projeto em questão. As etapas foram divididas em: Definição; Preparação; Imersão; Análise.

3.1.1 Definição

Essa primeira etapa serve para se conhecer o escopo da pesquisa, o grupo a ser pesquisado e quem serão os pesquisadores. Foi definido que metade do grupo, Laís e Lucas, ficaria responsável pelas próximas etapas da pesquisa por ter maior conhecimento do assunto e do grupo abordado. Também foi determinado a abrangência e método de pesquisa: imersão etnográfica através de entrevistas semi-estruturadas presenciais (a partir de agora registradas como “bate-papos” ou “conversas com pixadores”) e saídas em rolês de “pixo” com cerca de dez “pixadores” na cidade de Goiânia.

3.1.2 Preparação

Etapa onde se tem um contato inicial com o grupo pesquisado, são combinados locais e horários em que a imersão irá acontecer, é definido um roteiro para os “batepapos” e se faz uma observação exploratória preliminar, visitando locais frequentados por “pixadores”, fazendo um registro fotográfico da “pixação” e buscando pesquisas similares.

Usando como base ARAUJO, foi escrito um roteiro com perguntas chave que deveriam ser feitas durante as conversas com “pixadores”. Essas perguntas são classificadas como descritivas, estruturais, de contraste e apoio, e servem respectivamente para se obter uma descrição de algo (Como e quando começou a “pixar”?), delimitar o universo da

pesquisa (Faz parte de algum grupo de “pixadores”?), esclarecer dúvidas (Considera o grafite arte?) e criar empatia (Conhece alguma história de violência policial?). Com essas questões em mente, foram realizadas reuniões informais, buscando deixar os entrevistados a vontade para expressar suas opiniões. A estrutura (“script”) dos bate-papos está disponível em Apêndice 1.

3.1.3 Imersão

Durante essa etapa ocorreram os bate-papos e o rolê de “pixo” (relatório disponível em Apêndice 4), que foram documentados através do uso de celular para gravar o áudio das conversas, fotografar e filmar “pixações”. Os envolvidos mantiveram suas identidades anônimas, sendo representados somente pelas “tags” e apelidos que utilizam no mundo da “pixação”. As entrevistas foram realizadas em locais variados de acordo com a disponibilidade dos participantes, sendo conduzidas também pelo pesquisador disponível para aquela ocasião.

3.1.4 Análise

Após a etapa de análise da pesquisa de campo, tendo como base os levantamentos obtidos através das entrevistas com “pixadores” e da participação de um dos integrantes em um rolê de “pixo”, o grupo elencou os seguintes “insights” acerca da pesquisa:

- 1) Há grande diferenciação entre o “pixo” goiano e o de outros lugares.
- 2) Falta de união do movimento do “pixo” goianiense em geral, diferentemente de São Paulo.
- 3) Quem foi “pixador” nunca esquece e dificilmente pára de vez (de “pixar”).
- 4) Em Goiânia se faz uso quase exclusivo de tinta spray e “canetão”.
- 5) Muitos dos grafiteiros goianienses já foram e ainda são “pixadores”.
- 6) Grande rivalidade entre a “pixação” das torcidas organizadas TEV e FJG, que marcam boa parte da cidade e repúdio dos “pixadores” por esse tipo de “pixação”.
- 7) O hip hop é mais relacionado com bairrismo do que explicitamente com grafite ou “pixação”.
- 8) A ilegalidade da “pixação” contribui para adrenalina e expressão da “pixação”, aumentando assim sua força e sentido.

- 9) A “pixação” pode demandar uma expressividade e qualidade gráfica alta, com padronização de letras e uso de desenhos originais, por exemplo.
- 10) Adrenalina, expressão e marginalidade fazem parte da “pixação” incontestavelmente.

3.2 Metodologia de projeto

A metodologia de um projeto permite conhecer o contexto, planejar e executar o projeto em que o objeto está inserido. Uma metodologia é composta por um conjunto de processos executáveis para atingir um determinado objetivo, que no caso, trata-se de um livro objeto com o tema pixação com enfoque local. A abordagem metodológica que utilizaremos neste trabalho é proposta por Passos (2014), foi escolhida por ser uma metodologia muito usada pelos integrantes do grupo e a qual possuímos grande afinidade, além de conter o nível necessário de detalhamento e profundidade em cada fase, possibilitando maior controle durante o processo de desenvolvimento do nosso projeto.

O método é composto por três partes principais, que podem ser seguidas de forma linear ou na ordem que o grupo julgar necessário (baseado nas necessidades que surgirão ao decorrer do projeto). Dentro dessas 3 partes há um segundo nível de detalhamento, onde essas partes são subdivididas em fases menores. São elas:

3.2.1 Delimitação do objeto:

É delimitado o objeto, estudando possibilidades na escolha do artefato a ser projetado, escolhendo a possibilidade mais adequada para ser realizada. Briefing, brainstorming, pesquisa de mercado e de tendências podem ser usadas nessa fase.

3.2.2 Conhecimento do Objeto:

Fase em que se conhece o contexto em que o objeto se insere e suas características.

3.2.2.1 Coleta e análise de informações:

É coletada e analisada informações sobre o produto e o nicho em que ele se encontra. ex: estudo bibliográfico, análise de similares, estudo ergonômico, pesquisa com usuário, definição de personagem símbolo, pesquisa qualitativa e quantitativa, estudo de materiais e tecnologias, etc.

3.2.2.2 Conceituação:

Definição conceitos estético, simbólico e funcional do artefato baseado pela proposição de alternativas.

3.2.2.3 Definição do objeto:

Fase onde é estipulado os requisitos necessários o desenvolvimento do projeto. Eles são classificados em:

- - Funcionais: Relativos ao uso do artefato
- - Formais: Relativos à estética e simbologia do artefato
- - Conceituais: Referentes à conceituação do objeto

3.2.3 Desenvolvimento do objeto:

É a fase em que ocorre a materialização do que foi planejado durante o projeto. Deve contemplar a lista de requisitos e validar a solução que foi escolhida em meio às alternativas, sempre buscando eficiência de resultados.

3.2.3.1 Geração de alternativas:

Proposição de soluções que atendam as demandas definidas pela lista de requisitos.

3.2.3.2 Desenvolvimento de alternativas:

Fase onde é desenvolvida a alternativa selecionada.

3.2.3.3 Adequação e validação:

Fase onde a alternativa sofre mudanças necessárias para a sua validação ou adequação ao projeto. Normalmente realizada no ambiente real de uso.

3.2.3.4 Fechamento e apresentação:

Finalização do projeto em uma apresentação para possíveis interessados (stakeholders).

Fundamentada a estrutura metodológica, serão desenvolvidas as etapas listadas acima de acordo com as demandas do projeto. Todo o conteúdo necessário para dar auxílio ao projeto será encontrado nas apêndices e anexos.

4 Design Editorial

O design editorial pode ser compreendido como uma especialidade da área do design gráfico, que realiza projetos gráficos em editoração. Neste tópico serão abordados aspectos de cunho técnico que encontram-se diretamente relacionados com a concepção do protótipo do livro, tais como tipos de impressão, acabamentos, papéis, grids e facas especiais.

4.1 Produção Gráfica

A etapa de produção gráfica objetiva a precisão durante o andamento dos processos de pré-impressão, impressão e pós-impressão do material. Sendo que para tanto é necessário a disposição de conhecimentos técnicos em métodos de impressão, cores, acabamentos que serão apresentados de maneira sucinta.

O serviço de impressão possui suas especificidades técnicas que são primordiais para a qualidade da execução do projeto. Os processos de pré-impressão, impressão e pós-impressão e também as formas de impressão, assim como outras demandas, que são determinadas pelas necessidades do projeto.

Apesar do crescente uso da interface digital, o impresso ocupa grande espaço na produção gráfica, por diversas razões: desde o custo, o tradicionalismo e também sua flexibilidade de formatos. Com a possibilidade de escolha entre o digital e o impresso, os livros devem passar por critérios e requisitos específicos relacionados com sua impressão. Dentre as vertentes de impressos, o livro-objeto torna-se mais desejado pela experiência que entrega ao usuário, sendo este o artefato desenvolvido neste projeto.

4.1.1 Métodos de Impressão

Há diversos tipos de impressão, desde impressões manuais, digitais e com transferência direta ou indireta ao suporte. Contudo, aqui trouxemos apenas alguns dos processos mais utilizados atualmente no mercado gráfico, considerando que a escolha mais adequada varia conforme as necessidades do projeto em termos de tiragem, tipo do material de suporte, qualidade da impressão e resistência.

- 1) Offset: Neste tipo de impressão a imagem não é impressa diretamente no material. Esse processo é indicado por apresentar excelente qualidade de impressão, alta tiragem, rapidez, capacidade para imprimir formatos bastante variados além de permitir impressão em plásticos e papéis de diferentes gramaturas;

- 2) Rotogravura: Também conhecida como processo em baixo relevo. Este tipo de impressão é indicada para grandes tiragens de material, com impressos de boa qualidade em suportes que possuam baixa gramatura.
- 3) Serigrafia: Denominada também de silk-screen, trata-se de um processo de impressão manual que permite tiragem unitária até média tiragem através de telas de nylon e cola fotosensível. A serigrafia é muito encontrada estampando materiais como adesivos, chaveiros, tecidos, canetas, PVC e madeira.
- 4) Impressão digital: Neste processo, a impressão é feita de uma única vez, com transferências direta no suporte. Assim, há a possibilidade de tiragem unitária assim como em outras quantidades, possuindo também melhor custo benefício para pequenas tiragens e provas de impressão.
- 5) Flexografia: Permite pequenas à altas tiragens e possui custo de alterações de matriz mais acessíveis. É frequentemente utilizada na impressão de rótulos para embalagens.

Após esta breve introdução sobre o assunto, é possível notar explicitamente que cada uma delas atende uma necessidade projetual específica. Portanto, a escolha do método de impressão ideal para implementação no presente projeto será apresentada posteriormente, após a identificação dos requisitos do projeto.

4.1.2 Tipos de Papel

Atualmente, há no mercado diversos tipos de papéis com diferentes gramaturas, formatos, acabamentos, cores e texturas de variadas marcas. A escolha do papel influenciará diretamente na qualidade do impresso, no tipo de impressão, dobras e encadernação que são viáveis de serem utilizadas, bem como no custo final do projeto. A seguir serão apresentados alguns dos tipos mais utilizados de papéis e que estarão contidos no nosso livro objeto.

- 1) Papel acetato: Geralmente o papel é vendido por metro. Ele pode ser encontrado em diferentes gramaturas, possui textura extremamente lisa, não absorvente como um plástico, transparente e rígido, além de não rasgar com facilidade;
- 2) Papel couchê fosco: Também pode ser encontrado sem dificuldade em diferentes gramaturas. O papel possui um brilho tênue, textura lisa e é indicado para impressos de alta qualidade. Pode ser facilmente encontrado em flyers, folders, cartões de visitas e cartazes.

4.1.3 Acabamentos Gráficos

Acabamento gráfico pode ser definido como etapa do processo de finalização do material após a impressão. Esses acabamentos podem conferir valor estético ao produto, maior durabilidade e resistência. Existem variados tipos de acabamentos gráficos, abaixo estão listados alguns dos mais comumente usados.

- 1) Vernizes: São aplicados sobre todo o material ou de forma localizada. Há diversos vernizes e eles podem conferir brilho, texturas, aromas, etc;
- 2) Laminações: Uma película plástica é aplicada sobre o papel, podendo ela possuir brilhos, cores e texturas. Geralmente a aplicação é feita em ambos lados do impresso e assim evitar a sua deformação, conferindo também proteção extra;
- 3) Facas especiais: Este trata-se de um processo de recorte que utiliza lâminas moldadas em matriz de madeira, as quais são aplicadas sob pressão ao papel, cortando-o;
- 4) Vincos: Marca feita no papel capaz de facilitar a dobra do material impresso;
- 5) Hot stamping: É um tipo de impressão muito usado em detalhes com a finalidade de produzir um efeito metalizado.

4.1.4 Encadernação

Encadernação pode ser definida como uma técnica utilizada para unir folhas de maneira sequencializada por meio de uma costura, grampeamento e até colagem do material. Com a finalidade de proporcionar uma proteção extra, resistência, embelezamento, manter o impresso organizado e fácil de ser manuseado conforme seu uso.

(Poché)

Existe uma enorme variedade de encadernações, sendo os mais utilizados comercialmente, os tipos brochura, composto com costura simples e cola para unir as folhas; canoa, realizada geralmente por meio do grampeamento das folhas; e wire-o, encadernação feita utilizando de anéis duplos em espiral que atravessam furos nas folhas, unindo-as.

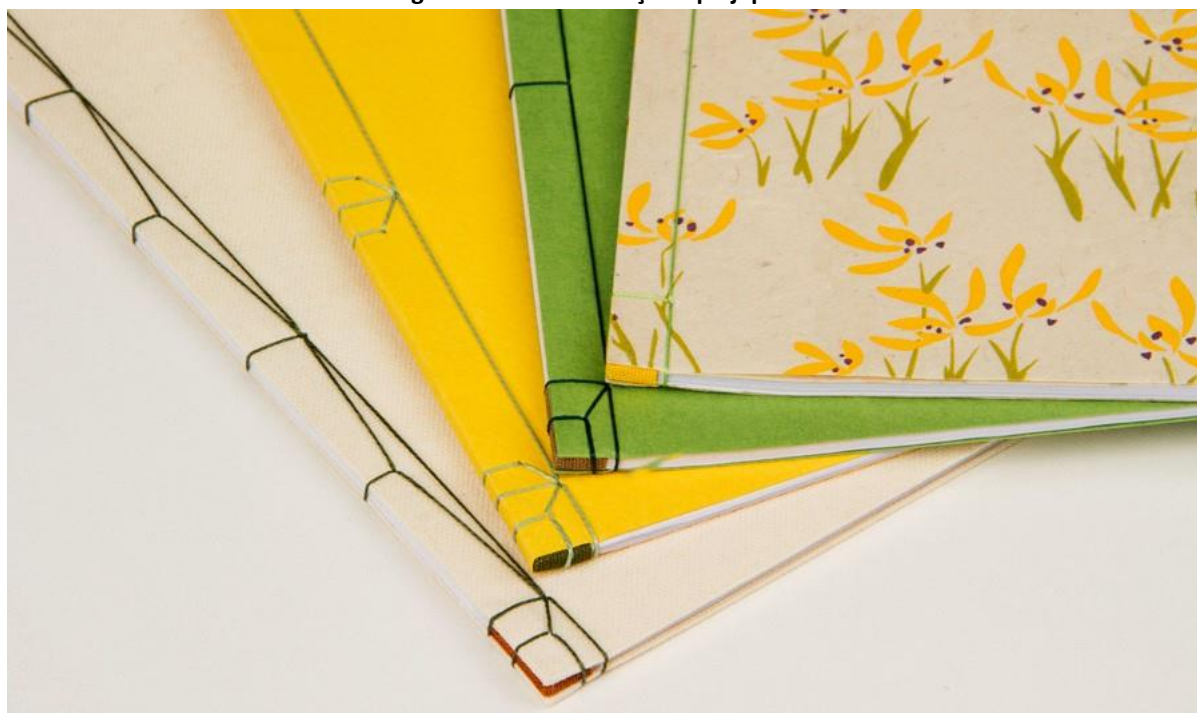
Figura 22 – Imagem encadernação brochura, canoa e wire-o



<https://www.graficalcr.com.br/?lightbox=dataltem-ink8h9x1>; <http://lupidesigners.com/books-catalogues/>

Há também encadernações produzidas de maneira artesanal, geralmente feitas de costura, com nós, perfurações nas folhas e até mesmo bordados para decoração da lombada do livro. Dentre estes, os mais populares são os tipos “coptic stitch” e japonesa.

Figura 23 – Encadernação tipo japonesa



<https://beta.eduk.com.br/courses/5065>

Figura 24 – Encadernação tipo coptic stitch

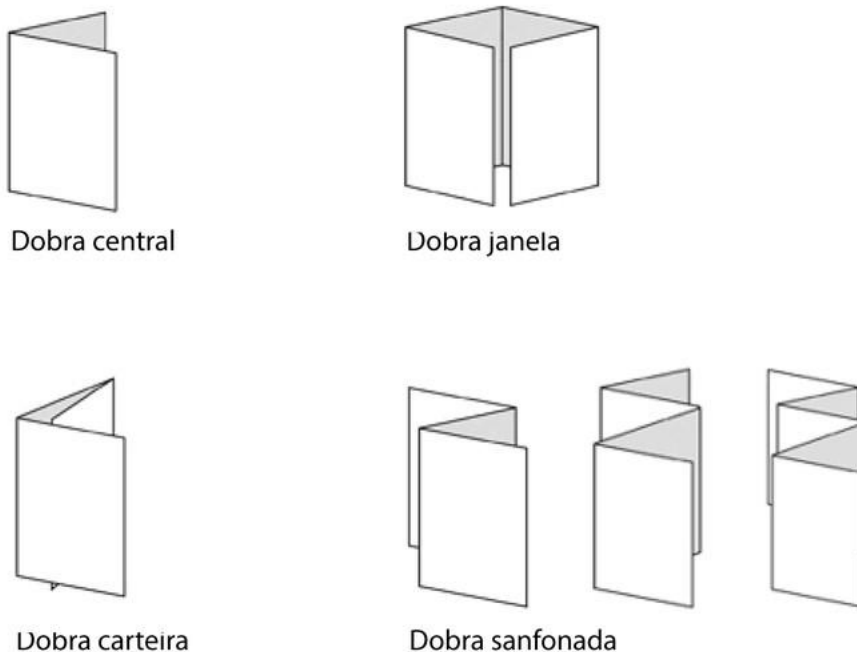


<https://www.etsy.com/listing/210976054/on-sale-blank-art-journal-6x9-inch>

4.1.5 Dobras

Há diversos tipos de dobras com finalidades distintas. Pode-se realizar dobras para desempenhar uma função como facilitar a encadernação, acrescentar ou organizar conteúdo na folha dobrada, ou mesmo para produzir efeitos estéticos para o material. Dentre os métodos para dobras, podemos citar a dobra central, janela, carteira e sanfonada.

Figura 25 – Dobras



<http://www.infante.com.br/blog/voce-sabe-quais-os-tipos-de-dobra-mais-usados>

4.2 Livro-objeto

Há poucas definições reconhecidas por autores para livro-objeto, sendo ela classificada entre as artes e a literatura.

De acordo com Paiva (2010), os livros normalmente são categorizados conforme seu conteúdo narrativo. Ela identifica cinco tipos distintos de livros e os classifica em: Livro de Leitura Sequencial; Livro Obras de Referência; Livro Digital ou E-book; Livro Raro; e Livro de Arte. O primeiro contém ensaios, memórias, romances, novelas, poesias, teatro e história em quadrinhos. O segundo consiste em anuários, dicionários, manuais, enciclopédias, catálogos, guias e livros didáticos. O terceiro, livro digital, como o próprio nome diz, é um livro em formato digital que pode ser lido em aparelhos eletrônicos que suportem o arquivo. Já o quarto, Livro Raro, são em sua maioria livros antigos, de edições limitadas e exemplares limitados. O último, Livro de Arte consistem em obras que tratam sobre o assunto em questão, seus princípios, técnicas, história, manifestações, referências e etc.

Conforme os estudos de Paiva, o presente projeto pode assumir a classificação de Livro de Arte. No entanto, iremos utilizar aqui o termo Livro-objeto por propormos uma diagramação que não seja exclusivamente orientada por princípios do design editorial, mas que também possibilite a exploração de recursos mais tangentes; por optarmos fazer deste livro uma obra destinada à um público restrito e com número limitado de exemplares; e por sugerir ao leitor que ele interaja com o livro utilizando o canetão e intervindo nas páginas.

4.2.1 Tipografia

A tipografia, escrita com uso de tipos, constitui em elementos visuais básicos que compõem um texto. Por meio desta, pode-se construir blocos de texto, com entrelinhas, recuos e colunas, influenciando diretamente na construção de um layout. Robert Bringhurst (2010), reconhecido pelo seus estudos nesta área, defende a ideia de que o bom uso dos tipos acarreta na consonância entre a semântica das palavras e sua configuração visual.

A seguir, serão abordados brevemente alguns dentre os conceitos e técnicas para implementar o uso da tipografia.

- Entrelinhamento

Ellen Lupton (2013) afirma que a distância da linha de uma linha de base tipográfica para outra possui nome de entrelinha, que também pode ser chamada de leading. A entrelinha pode ser usada em diferentes tamanhos, o designer pode expandir o espaço e assim proporcionar maior “leveza” à mancha tipográfica, bem como condensá-la e torná-la mais “pesada”.

Figura 26 – Entrelinha

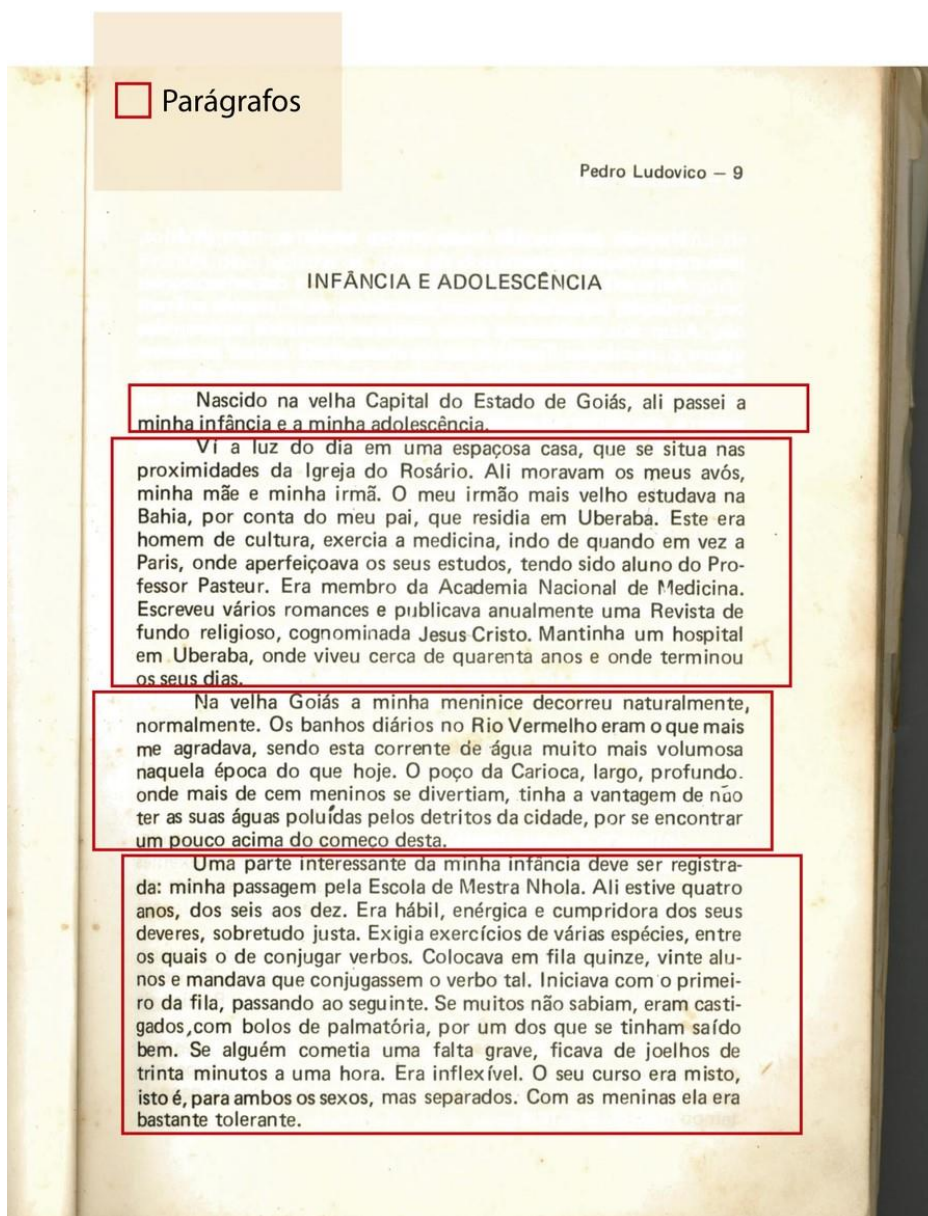


<https://tipodafonte.wordpress.com/2013/04/12/entrelinha-alinhamento/>

- Parágrafos

Segundo o dicionário Michaelis, um parágrafo pode ser entendido como uma seção textual que constrói uma ideia que mantém maior relação entre si do que com o restante do texto. Diversos elementos visuais podem ser utilizados para representar essa segregação entre parágrafos, porém, a que vamos utilizar no desenvolvimento do livro objeto serão apenas quebras de linhas, as quais consistem na separação de uma linha tipográfica.

Figura 27 – Parágrafo



<http://www.museupedroludovico.go.gov.br/post/ver/147269/biografia-pedro-ludovico-teixe>

- Alinhamentos

Segundo Ellen Lupton, quatro modos de alinhamento formam a gramática básica da composição tipográfica. Eles carregam consigo sua bagagem histórica que pode ser percebida

intuitivamente pelos leitores. Os quatro alinhamentos citados por ela, são: justificado, centralizado, alinhamento à esquerda e à direita.

O alinhamento justificado possui aparência limpa, retangular e preenchida por todos os lados. No entanto, o mau uso deste pode causar “buracos” ou “caminhos de rato” dentre a mancha de texto.

Já o alinhamento centralizado confere organicidade ao bloco tipográfico, formalidade e aparência clássica. Este tipo de alinhamento necessita de bom uso das quebras de linha para que elas não rompam com o sentido do texto.

Alinhamento à esquerda, tem-se um espaçamento desigual na lateral direita, o fluxo de leitura é contínuo e confortável. Porém deve-se evitar formação de diagonais e uso excessivo de hifenizações ao lado direito.

O texto alinhado à direita possui o lado esquerdo desigual, é uma forma considerada “menos orgânica” de leitura, além de pouco usada quando comparada às anteriores. É preciso ter atenção com as margens excessivamente desalinhadas à direita para não prejudicar o ritmo de leitura.

Figura 28 – Alinhamentos

Alinhamento Justificado. Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit, sed diam nonummy nibh euismod tincidunt ut laoreet dolore magna aliquam erat volutpat. Ut wisi enim ad minim veniam, quis nostrud exercitation ullamcorper suscipit lobortis nisl ut aliquip ex ea commodo consequat. Duis autem vel eum iriure dolor in hendrerit in vulputate velit esse molestie consequat, vel illum.

Alinhamento Centralizado. Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit, sed diam nonummy nibh euismod tincidunt ut laoreet dolore magna aliquam erat volutpat. Ut wisi enim ad minim veniam, quis nostrud exercitation ullamcorper suscipit lobortis nisl ut aliquip ex ea commodo consequat.

Alinhamento à esquerda. Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit, sed diam nonummy nibh euismod tincidunt ut laoreet dolore magna aliquam erat volutpat. Ut wisi enim ad minim veniam, quis nostrud exercitation ullamcorper suscipit lobortis nisl ut aliquip ex ea commodo consequat. Duis autem vel eum iriure dolor in hendrerit in vulputate velit esse molestie consequat, vel illum.

Alinhamento à direita. Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit, sed diam nonummy nibh euismod tincidunt ut laoreet dolore magna aliquam erat volutpat. Ut wisi enim ad minim veniam, quis nostrud exercitation ullamcorper suscipit lobortis nisl ut aliquip ex ea commodo consequat. Duis autem vel eum iriure dolor in hendrerit in vulputate velit esse molestie consequat, vel illum.

Acervo Próprio

- Famílias tipográficas

Famílias tipográficas pode ser entendida como conjunto de diferentes pesos da mesma tipografia. Tal conceito originou da necessidade de organizar tipos romanos e itálicos. (LUPTON, 2013).

Figura 29 – Família Tipográfica Helvetica Neue

Helvetica Neue 25 Ultra Light
Helvetica Neue 35 Thin
Helvetica Neue 45 Light
Helvetica Neue 55 Roman
Helvetica Neue 65 Medium
Helvetica Neue 75 Bold
Helvetica Neue 85 Heavy
Helvetica Neue 95 Black

<https://www.chiefofdesign.com.br/tipografia/>

- Corpo do tipo

Segundo Heitlinger, a expressão “corpo do tipo” faz referência ao tamanho que as letras ocupam no espaço. Há diferentes unidades de medida tipográficas que podem ser utilizadas para definir o tamanho, dentre as mais comumente usadas são pontos (pt), pixels e paicas (pc). Logo, um alfabeto em corpo 12, tem 12 pontos de altura, por exemplo.

Determinar o tamanho de um tipo é muito importante dentro de um projeto editorial, pois o corpo do tipo infere na legibilidade e hierarquização das informações dispostas na página.

Figura 30 – Corpo Tipográfico



<https://www.chiefdesign.com.br/tipografia/>

4.2.2 Cor

O bom uso da cor num projeto de design gráfico tem como base não apenas a aplicação de seus elementos cromáticos individuais, mas sim toda a combinação dessas estruturas que interagem entre si criando harmonia e significado. Vale ressaltar que neste capítulo o intuito é alertar sobre o uso e a importância das cores em um projeto de design gráfico, não propriamente explicar acerca da Teoria das Cores e outros princípios técnicos.

“[. . .] as cores constituem estímulos psicológicos para a sensibilidade humana, influenciando no indivíduo, para gostar ou não de algo, para negar ou afirmar, para se abster ou agir. Muitas experiências sobre as cores se baseiam em associações ou experiências agradáveis tidas no passado e portanto, torna-se difícil mudar preferências sobre as mesmas.” A cor preta, na maioria das culturas é associada ao luto, à morte, pelo que não é normal que um indivíduo que não esteja em situação de luto vista toda roupa de cor preta nessas culturas. Em Design Gráfico “o significado das cores também depende da proporção e da forma que a cor ocupa um determinado espaço.” (MAURÍCIO D.E., 2010).

Portanto, a escolha de uma paleta de cores para um projeto não deve se limitar aos gostos e preferências pessoais do designer gráfico, mas sim ser derivada de análises de similares, painéis semânticos e pesquisas com usuários, pois contextos e projetos distintos possuem necessidades particulares. Assim, quando a seleção cromática é bem sucedida, torna-se possível proporcionar experiências inesquecíveis ao público alvo, facilitar a compreensão pela segregação de informações, aprimorar a pregnância de uma marca ou produto, etc. Em suma, a cor tem o potencial de agir sobre o usuário e contribuir com a assimilação entre o que é visto e o que é compreendido.

“O contexto é o critério que irá revelar se uma cor será percebida como agradável e correta ou errada e destituída de bom gosto. [. . .] cor que desperta sentimentos positivos ou negativos. [. . .] quando associamos sentimentos a cores, pensamos em contextos muito mais amplos. O azul é o céu – portanto azul é também a cor do divino, a cor eterna. A experiência constantemente vivida fez com que o azul fosse a cor que pertence a todos, a cor que queremos que permaneça sempre imutável para todos, algo que deve durar para sempre.” (HELLER, Eva. 2013).

4.2.3 Formato

O formato de um livro pode ser entendido como suas dimensões, mais especificamente largura e altura. Assim sendo, ele pode assumir diferentes formas e tamanhos para atingir bom aproveitamento de papel e também para atender determinadas condições de usabilidade, tais

como livro de bolso, de imagens, didáticos e etc. Portanto, cabe a um designer gráfico identificar e determinar necessidades como estas para, dessa maneira, conceber um projeto coerente com seus requisitos.

“Para se calcular a quantidade de papel necessária, a referência é sempre o formato final, aquele que colocamos no software como documento. O planejamento adequado desse formato é fundamental para um uso racional, pois o uso de um formato fora da folha original, AA(760mm x 1.120mm) ou BB(660mm x 960mm), pode acarretar despesas indesejadas ao impresso.” (COLLARO, 2007).

4.2.4 Grid

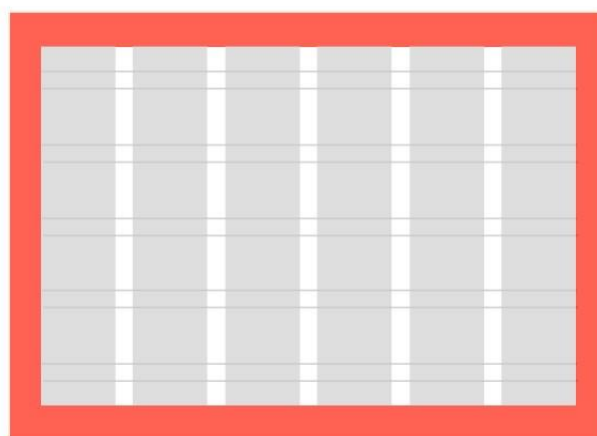
Segundo David Arty, faz-se necessário o uso de grids para projetos de design, pois com este procedimento é possível determinar o fluxo de leitura de um usuário, projetar composições harmoniosas com manchas gráficas equilibradas, elaborar layouts eficientes e também posicionar elementos com precisão.

Como toda técnica projetual, as partes que compõem a construção de um grid possuem nomenclatura própria e estão apresentadas a seguir.

- Margens

Conforme Arty defende em seu blog, margens constituem em “espaços vazios” entre o limite da página e o conteúdo. Elas possuem função de enquadrar o conteúdo, proporcionando assim, conforto visual e espaço para acréscimo de informações secundárias.

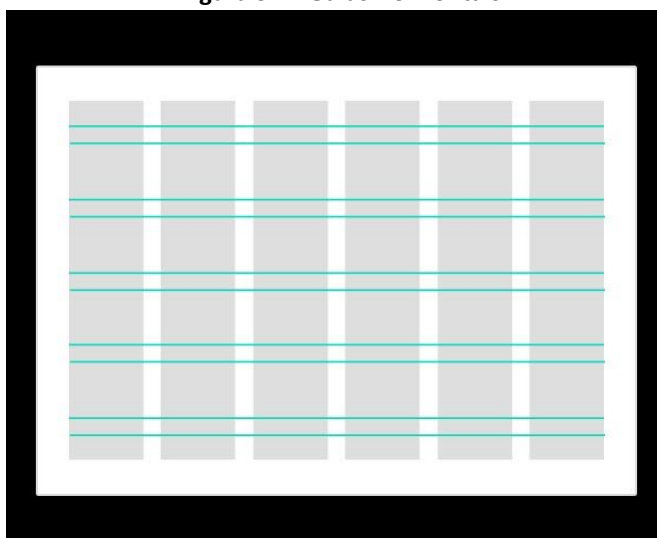
Figura 31 – Margem



- Guias Horizontais

Alinhamentos horizontais que segregam o espaço neste mesmo sentido. Utilizados para guiar o olhar durante a leitura, criar “áreas de respiro”(vazios), início e término de imagens e textos.

Figura 32 – Guias Horizontais

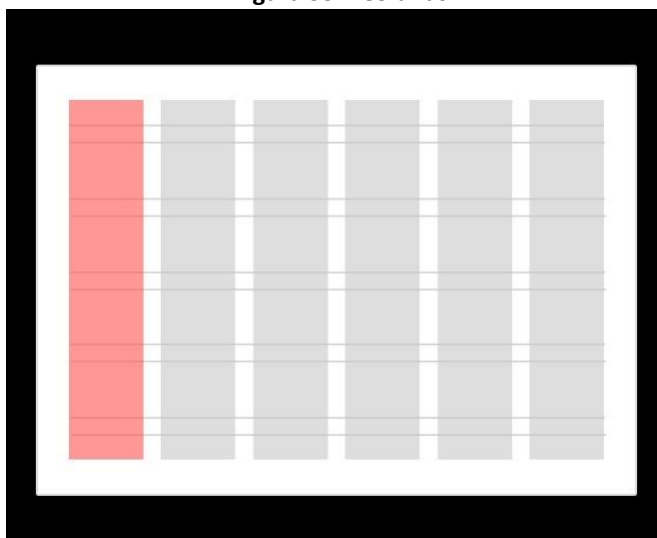


<https://www.chiefdesign.com.br/tipografia/>

- Colunas

Colunas são conhecidas como estruturas verticais que podem ser utilizadas para delimitar manchas gráficas de texto e imagens num layout.

Figura 33 – Colunas

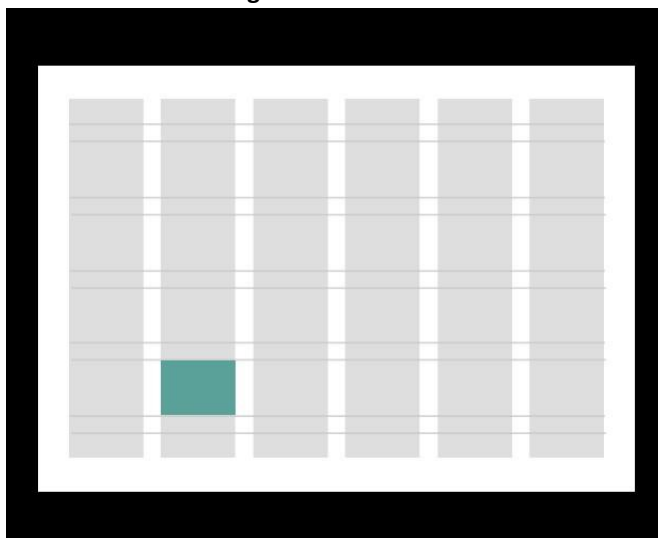


<https://www.chiefdesign.com.br/tipografia/>

- Módulos

Blocos formados pelo encontro de colunas e guias horizontais. Estas unidades permitem o alojamento do conteúdo pelo layout.

Figura 34 – Módulos



<https://www.chiefdesign.com.br/tipografia/>

- Gutters

Podem ser definidos como a área disponível entre as colunas.

Figura 35 – Gutters



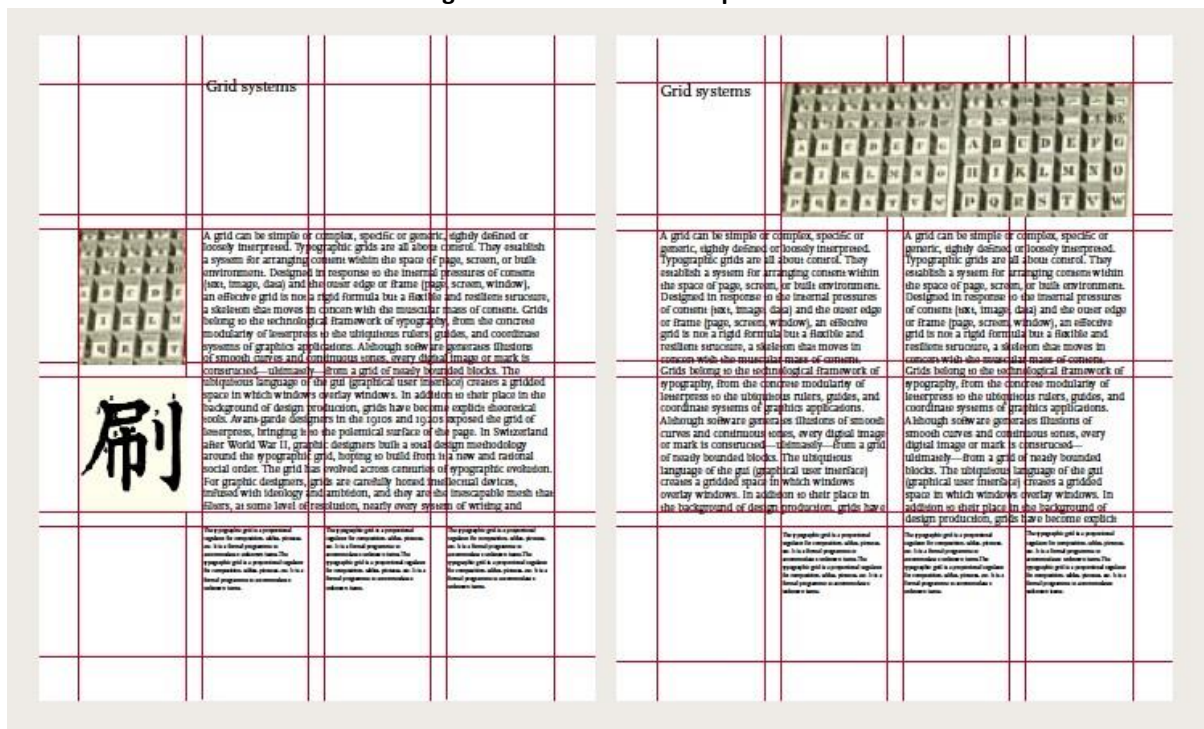
<https://www.chiefdesign.com.br/tipografia/>

Para complementar, Gavin Ambrose e Paul Harris em seu livro Grids, defendem a ideia de que este é um elemento estrutural constante na retaguarda de trabalhos que conferem hierarquização de informações, consistência e ordem ao projeto de design. Conclui-se que, apesar de o grid não ser literalmente visível na concepção de um projeto final, ele influencia diretamente no posicionamento dos elementos, dentre eles tabelas, manchas de texto, imagens e títulos num layout, além de auxiliar o designer a realizar diferentes rearranjos e soluções visuais.

Ainda sobre o mesmo livro, os autores concluem que os grids podem ser tipificados em 7, sendo eles: Grid simétrico, dividindo o mesmo tamanho de margem interna e externa para produzir equilíbrio e coerência; Assimétrico, possibilita agregar dinamicidade ao layout, sem perder o ritmo do design; Modular, sendo os módulos pequena unidades dentro de um sistema de grid, eles permitem grande flexibilidade para desenvolvimento de diferentes soluções visuais, a criação de movimentos verticais e horizontais na página, ou ainda elaborar layouts estáticos; Compostos, reunindo variados elementos, dentre eles, construção de guias colunas, grid de imagens e linhas de base para permitir grande flexibilidade e versatilidade; Horizontais, como o próprio nome diz, essa grid promove sensação de movimento horizontal, podendo ser estruturada com a divisão dele em seções ou módulos; Verticais, ocorre da mesma forma que a anterior, porém em plano vertical; e Diagonais, possui grids com elementos inclinados, para construção de layouts menos ortodoxos.

Confira a seguir um exemplo em que a grid modular foi aplicada para concepção do layout.

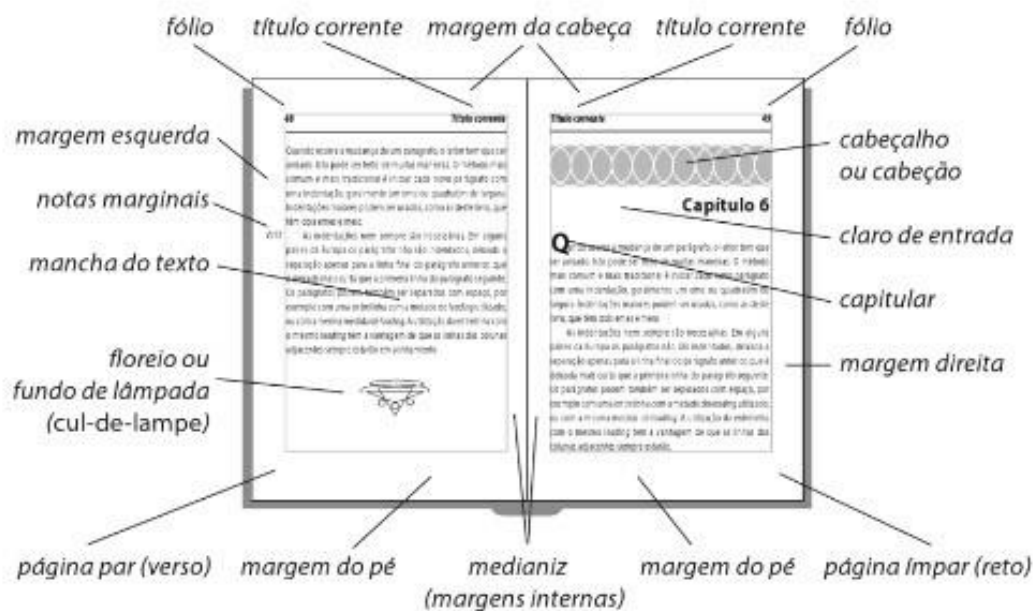
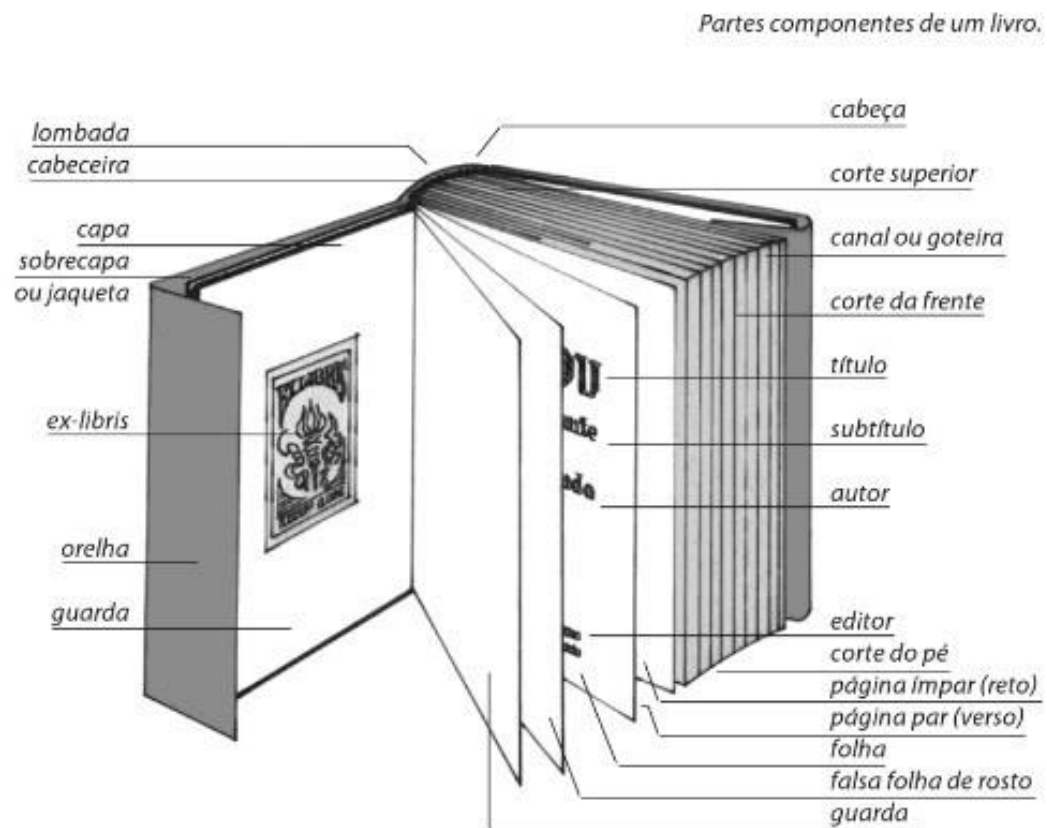
Figura 36 – Grid Modular Aplicada



4.2.5 Anatomia do Livro

Neste subtópico apresentamos brevemente a estrutura e as respectivas nomenclaturas que compõem um livro impresso. Para tanto, dispomos como embasamento teórico da obra *Tipografia e Design Gráfico* de Joaquim da Fonseca (2010).

Figura 37 – Anatomia do livro



Livro Tipografia e Design Gráfico de Joaquim Fonseca

- **Lombada**

Lateral do livro frequentemente usada para identificação do exemplar (por meio de título, autor, numeração e editora) quando em posição enfileirada.

- Cabeça e cabeceira

Em um livro de capa dura, é a parte superior do livro que está situada para além das folhas.

- Capa

Segundo o dicionário Michaelis, a capa de um livro é uma cobertura rígida ou flexível que envolve e protege externamente a obra, reunindo o miolo. Ela muitas vezes contém informações como título, editora e autor, além de possuir grande capacidade para seduzir um leitor em potencial.

- Sobrecapa ou jaqueta

Uma folha individual que envolve o livro. Muito usada para proteger a obra, acréscimo de informações extras, podendo ou não funcionar juntamente da capa. Sobrecapas de tamanho menor que o formato do livro são apelidadas de “cintas”.

- Ex-libris

Ex-libris são inscrições que colecionadores de livros colam - em geral na contracapa - para indicar o nome, iniciais ou outro sinal que indique a posse da obra pelo colecionador, conforme o dicionário Michaelis.

- Orelha

Constituem em abas dispostas nos extremos laterais do livro, geralmente contendo informações sobre autor, obra ou editora.

- Guarda

Folhas que unem a capa rígida ao miolo do livro. Muitas vezes são estampadas ou texturizadas.

- Corte superior

Limite do superior do livro.

- Corte da frente

Quando em formato fechado, trata-se do limite lateral direita do livro.

- Corte do pé

Limite do inferior do livro.

- Página par (verso) e ímpar

Página par consiste na face esquerda de uma folha localizada no miolo, conhecida como verso. Já a página ímpar é a face direita de uma folha localizada no miolo, frequentemente utilizada para apresentar aberturas de capítulos.

- Falsa folha de rosto ou ante-rosto

Situada logo após a capa, contendo geralmente somente o título da obra. No verso, conhecido como frontispício, contém o ISBN.

- Fólio

Identificação numérica da página

- Margem esquerda

Elemento da grid responsável por enquadrar a página. Margem esquerda pode ser entendida como o “espaço de respiro” lateral esquerdo da página par.

- Margem direita

Da mesma forma que a margem esquerda, o que diferencia as duas é o fato de que a margem direita está situada na lateral direita da página ímpar.

- Notas marginais

Notas marginais podem ser definidas como notas situadas à margem da mancha de texto, ou seja, nas margens da página.

- Mancha do texto

Conjunto textual, reunindo-se em blocos de texto que formam uma mancha gráfica.

- Floreio

Ornamentos que indicam encerramento de capítulo.

- Margem do pé

“Espaço de respiro” da margem localizado no lado inferior da página.

- Margem da cabeça

“Espaço de respiro” da margem localizado no lado superior da página.

- Medianiz

No formato aberto, o “espaço de respiro” entre as duas páginas é denominado medianiz.

- Capitular

Caractere especial frequentemente usado no início do texto de um novo capítulo. O caractere muitas vezes é estilizado, em maior corpo e peso.

- Claro de entrada

Espaço em branco presente no layout de uma página que “entra” em um novo capítulo.

- Cabeçalho

Seção localizada no lado superior de uma página muito usada para adicionar informações relacionadas a identificações.

- Título corrente

Título de uma publicação ou texto referencial para o leitor localizar-se ao longo do miolo.

4.2.6 Prototipação

Situado na última etapa da metodologia utilizada neste projeto, a prototipação é a fase em que as ideias são testadas para então serem validadas. Podendo ser representado por essa frase presente no livro *Design Thinking - Inovação e Negócios* da MJV: “Prototipar é tangibilizar uma ideia, a passagem do abstrato para o físico de forma a representar a realidade - mesmo que simplificada - e propiciar validações.”.

A elaboração de protótipos diminuem os potenciais erros de um projeto de maneira rápida e com baixo custo ao colocar as ideias em testes, possibilitando assim o descarte de soluções pouco eficientes para adoção de outras assertivas. Por meio da criação de modelos-teste de produtos e/ou serviços submetidos a análises de eficiência que atendam os requisitos identificados, torna-se possível a aprovação de uma solução. Resumindo, a prototipagem é útil para validações de ideias e assim melhorar o produto ou serviço desenvolvido.

Segundo a MJV, as prototipações podem possuir três níveis de fidelidade: baixa, média ou alta. Sendo a primeira uma representação conceitual análoga à ideia. A segunda, a representação de aspectos da ideia e, por fim, a última trata-se de um “mock-up”, a representação mais idêntica possível do produto/serviço final.

Continuando com a referência da MJV, para colocar os protótipos à prova, é possível também envolver ou não potenciais usuários no processo e ser realizado em ambiente controlado ou no local de destino do produto/serviço. Os níveis desta contextualidade pode ser conferido na figura a seguir.

Figura 38 – Níveis de contextualização da prototipagem



5 DESENVOLVIMENTO

Nesta etapa, damos início à apresentação do desenvolvimento do projeto, da concretização, validações de soluções e execução do produto final que delimitamos anteriormente, o livro objeto sobre a “pixação” goianiense.

6 Delimitação do Objeto

Nesta etapa foi formalizada a proposta de pesquisa e desenvolvimento, com a elaboração de um briefing. Este documento serve como parâmetro para os desenvolvimentos posteriores e orienta as decisões relacionadas ao design e as estratégias de mercado.

6.1 Briefing

Seguindo a metodologia de design proposta por Passos, o briefing trata dos aspectos objetivos do projeto, que direcionam a tomada de decisões. De acordo com a metodologia, as partes constituintes do briefing são conforme abaixo:

- Visão

Desenvolver um livro que trate da pichação goianiense por uma visão imparcial, não acadêmica, casual e neutra como uma conversa, buscando atingir um público maior que o dos artigos. Além disso, ser uma introdução ao tema, respeitando a complexidade do assunto.

- Missão

Adequar o conteúdo adquirido através das pesquisas de campo, bibliográfica e filmográfica ao formato de um livro objeto, com grande preocupação com o acabamento gráfico e o design editorial.

- Essência do Objeto

Apresentar a pichação em uma publicação mantendo sua essência transgressora e respeitando seus códigos de conduta.

- Atributos do Livro

Linguagem casual, design editorial, conteúdo transgressor

- Proposta de Valor

Apresentar as características da pichação através de uma publicação atrativa pelo seu design editorial e com conteúdo próprio do movimento da pichação. Desta forma, demonstrando como a estética da pichação pode ser utilizada em projetos de design.

- Público Alvo

Pichadores e pessoas com interesse pelo assunto além do público leigo.

- Mercado alvo

Compradores individuais em busca de publicações de qualidade do tipo livro objeto.

- Vantagem Competitiva

Utilizar linguagem mais acessível que artigos e servir de ponto inicial para um maior aprofundamento no assunto. Tratar da pichação goianiense, que possui estilo único e reconhecido mas menos publicações (relativamente) que a pichação paulista.

- Stakeholders

Os autores (designers e pesquisadores), os pichadores goianos, os colaboradores do projeto (entrevistados), a gráfica, os leitores (consumidores), as pessoas mencionadas ou de alguma forma relacionadas.

6.1.1 Definição de Objeto

Em sequência ao projeto editorial foi elaborado uma lista de requisitos, subdividida em requisitos funcionais, formais e conceituais. Neste tópico, as necessidades imprescindíveis - reconhecidas conforme as pesquisas realizadas anteriormente - são determinadas e devem orientar as tomadas de decisões sobre o projeto.

6.1.1.1 Requisitos Funcionais

O requisitos desta etapa fazem alusão à função do objeto, ao seu uso.

- Ainda que a “pixação” goianiense seja pouco legível para leigos (e a intenção é de demonstrar esse aspecto) deve-se de “traduzir” frases e trechos com pouca ou nenhuma legibilidade, além de optar por utilizar fontes tipográficas que proporcionem maior legibilidade.

- Para que o leitor tenha a possibilidade de compreender com maior profundidade a pixação dentro de seu contexto, faz-se necessário o uso das fotografias autorais.
- Deve-se projetar um livro com formato em retrato, sendo possível haver páginas do miolo com diferentes medidas, dobras e facas.
- Como trata-se de um livro objeto, direcionado para leitura verbal e especialmente imagética, com finalidade contemplativa, informativa e sem a necessidade de ser portátil, não há preocupações quanto ao peso ou tamanho da publicação.
- O livro deve possuir encadernação manual “copic stick”, que dispensa o uso de cola, tornando o projeto um pouco menos dispendioso; possibilita abertura do livro em 180° para boa contemplação dos diferentes acabamentos e sobreposições de facas e papéis transparência; permite a visualização da costura quando o livro está fechado.
- Para a apresentação de um infográfico com maior riqueza de detalhes evitando que as informações fiquem confusas ou apertadas num pequeno espaço, faz-se necessário orelhas nas páginas. Possibilitando assim maiores medidas e maior espaço para trabalhar os dois elementos.
- Faz-se necessário projetar um envelope para que o leitor possa colecionar “folhinhas pixadas” e guardá-las num local próprio, como os “pixadores” fazem.
- Como o livro propõe ao leitor que intervenha em algumas páginas, torna-se essencial projetar páginas que tenham papel (gramatura elevada) e layout propícios para a ação.

6.1.1.2 Requisitos Formais

Os elementos formais aqui descritos são relacionados à forma, à configuração visual atribuída ao objeto em questão.

- A grid que norteará o layout deverá permitir grandes variações e apresentações de uso ao decorrer do livro. Sendo assim, ela deverá ser modular de maneira que permita certa “inconstância” na configuração visual do layout.
- A paleta de cores para identidade do livro objeto deverá ser restrita, contendo dentre elas o uso do preto e branco.
- Um infográfico deverá ser apresentado ilustrando o tema “rolê de pixação”. O conteúdo deve possuir clareza na apresentação de sua ideia, com uso de imagens e cores quando possível.

- Grafismos devem ser bidimensionais, evitando o uso de formas retas e geométricas perfeitas. Grafismos como imagens, quando usados, devem estar situados no infográfico para facilitar e dinamizar a compreensão das informações. Deve-se evitar o uso destes fora do infográfico.
- Para corpo de texto, deve-se utilizar uma fonte tipográfica linear, não serifada. E para títulos devem ser usadas fontes que simulam a “pixação”, porém com legibilidade considerável para compreensão.

6.1.1.3 Requisitos Conceituais

Conforme a metodologia de Ravi Passos, os requisitos conceituais correspondem aos aspectos essenciais do projeto, os conceitos que estão intrinsecamente atrelados ao contexto que abordamos.

- No decorrer do livro, este deve apresentar a “pixação” através de elementos visuais, tais como tipografias inspiradas na “pixação”, paleta de cores restrita, fotografias e até mesmo a disposição destes elementos em consonância com o que é visto de “pixação” em Goiânia;
- O conteúdo como um todo deve ser apresentado em meio a experimentos gráficos como sobreposições de camadas de diferentes tipos de papel, transparência, dobras e facas. Remetendo ao contexto entrecortado da cidade em que esses “pixos” se encontram;
- A tipografia do corpo de texto deve ser linear e não serifada para não contrapor o contexto contemporâneo abordado e o excesso de informações visuais que já serão trazidas com a tipografia inspirada em “pixação” nos títulos e os demais elementos visuais como dobras, facas, etc;
- Como este projeto tem a pretensão de ser um livro objeto, trazendo conceitos presentes no movimento da “pixação”, dentre eles o hábito de fabricar e modificar materiais por meio de trabalhos manuais, o tipo de encadernação usado no projeto deve ser artesanal.

7 Conhecimento do Objeto

Após a determinação dos parâmetros que irão orientar o projeto na etapa anterior através do briefing, damos início a esta etapa, de aprofundamento das informações. Seguindo a metodologia de Passos, são realizados os procedimentos referentes aos estudos de materiais

e tecnologias, pesquisa e análise (paramétrica) de similares e estudo de ergonomia. Durante esta etapa são obtidos os painéis semânticos, que fornecem insights de cor, tipografia e grafismos utilizados em todo o projeto. Ao fim deste processo são elaborados requisitos conceituais, formais e funcionais que servem como uma lista de checagem dos elementos necessários à realização do projeto.

7.1 Análise Paramétrica

Seguindo a metodologia proposta por Passos, que se baseia em Baxter:

“A análise paramétrica serve para comparar os produtos em desenvolvimento com produtos já existentes ou àqueles dos concorrentes, baseando-se em certas variáveis, chamadas de parâmetros comparativos.” (BAXTER, 2008, p. 72).

Portanto, fez-se uso desta ferramenta para se obter um melhor entendimento e método de comparação dos muitos aspectos relacionados com os similares, usabilidade do livro (ergonomia) e no que trata de materiais e tecnologias.

“Um parâmetro é algo que pode ser medido e geralmente se refere à medidas dimensionais (como metros, quilogramas, newtons e outras). Contudo, a análise paramétrica de um problema ou produto geralmente abrange os aspectos quantitativos, qualitativos e de classificação.” (BAXTER, 2008, p. 72).

Para este projeto, optamos por utilizar parâmetros do tipo qualitativos, que segundo Baxter (2008, p. 72) “são aqueles que servem para comparar ou ordenar os produtos, mas não apresentam uma medida absoluta”. Este tipo de parâmetro melhor classifica os elementos referentes ao design incorporados neste projeto, como tipografia, cores e diagramação. Nas próximas seções os resultados destas análises são apresentados.

7.1.1 Estudo de Similares

Utilizando das definições anteriores de parâmetros, foi realizado um estudo de similares com escopo reduzido para objetos bastante similares: os livros “Pichação não é Pixação” e “Xarpi”. Esta escolha foi feita com base na similaridade do conteúdo destes

livros com o desenvolvido neste projeto e também pela conveniência de possuir os livros, o que facilitou a análise. Segue as tabelas com o resultado da análise paramétrica relacionada com os aspectos de design editorial.

- Pichação não é Pixação

Figura 39 – Tabela Lassala

Pichação não é Pixação

Parâmetro	Variável	Características
Tipografia do texto	Fonte	Adriane
	Categoria	Versalete
	Cor	Preto / Branco / Vermelho
Tipografia de título	Fonte	Adrenalina / Broxa
	Categoria	Caixa alta
	Cor	Cinza / Preto / Branco / Vermelho
Produção Gráfica	Papel	Alta alvura
	Gramatura	120 g/m ²
	Encadernação	Codex Biding Exposto
Diagramação	Grid	Modular
	Formato de página	30x11 cm
Elementos Visuais	Grafismos	Manchas de Tinta
	Fotografias	Em P&B sangrando a página

Acervo Próprio

- Xarpi Resultados

Figura 40 – Tabela Xarpi

Xarpi

Parâmetro	Variável	Características
Tipografia do texto	Fonte	Nobodi
	Categoria	Versalete
	Cor	Preto
Tipografia de título	Fonte	Din Next Rounded
	Categoria	Caixa alta
	Cor	Ciano
Produção Gráfica	Papel	Couché Matte
	Gramatura	300 g/m ²
	Encadernação	Codex Biding
Diagramação	Grid	Modular
	Formato de página	21x26 cm
Elementos Visuais	Grafismos	Formas geométricas
	Fotografias	Coloridas; enquadradas ou sangrando

Acervo Próprio

7.1.1.1 Resultados

Utilizando as informações recolhidas nas tabelas de estudo de similares, foi possível observar características similares. Além das características tipográficas como uso de versalete

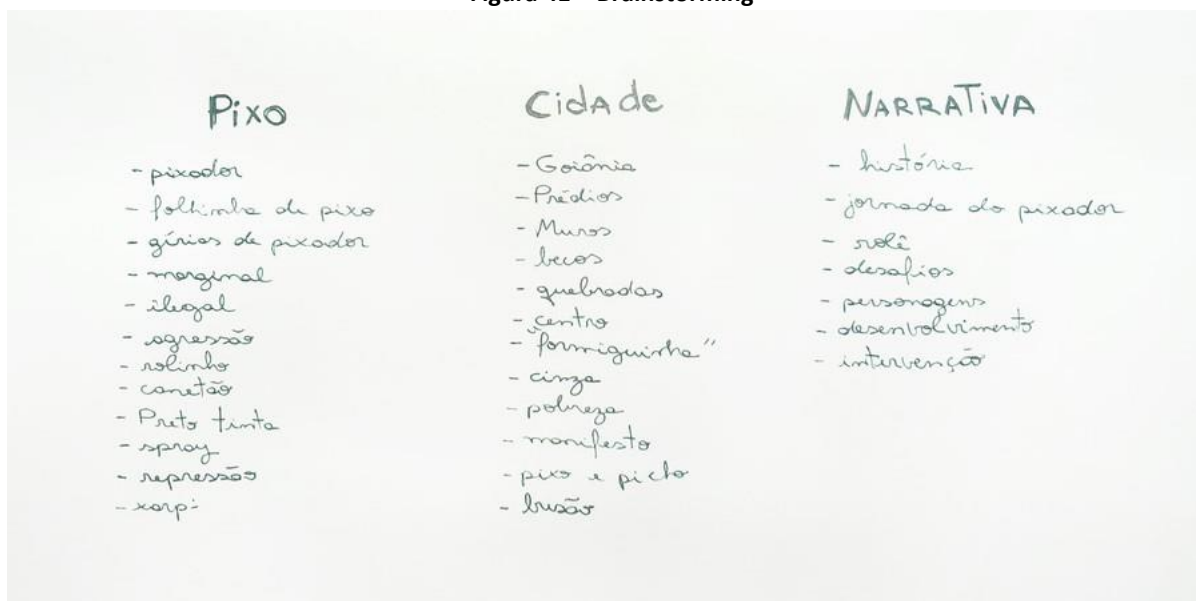
e cores pretas para o corpo do texto, que são muito utilizadas, o uso de grid modular (simétrica) e fotos sangrando além da página são características que agregam valor às publicações. Estas duas características serviram de inspiração para a produção deste projeto, baseando-se no bom resultado dos similares.

7.1.2 Painéis Semânticos

Com a finalidade de estabelecer uma base de dados que possam contribuir com os elementos visuais que integram o projeto final, foram realizados painéis semânticos derivados de palavras-conceitos que aqui delimitamos por meio da técnica de brainstorming. Neste trecho sucinto sobre painel semântico, Passos discorre: “O painel semântico se utiliza de composições de imagens contendo elementos visuais diversos para utilização como referência de seus traços mais marcantes, sejam formais, cromáticos ou compositivos.” (PASSOS, 2014).

Para escolher as palavras e definições que trouxessem conceitos abordados no projeto, conforme dito, foi realizado uma sessão de brainstorming. Representado aqui está o resultado do processo, realizado anotando rapidamente as ideias assim que elas surgiam, conforme ilustra a próxima figura.

Figura 41 – Brainstorming



Acervo Próprio

Depois de realizada a técnica inicial de brainstorming¹, foi feita uma seleção de alternativas, onde ocorreu acréscimo e subtração de idéias adicionais. Por fim, foi obtido um

¹ É uma ferramenta recente para a concepção de liberação da imaginação, cuja tradução ao pé da letra seria tempestade cerebral. Criada pelo diretor de um banco comercial, colaborador de várias revistas e sócio de

painel semântico com referências imagéticas que contam também com algumas das fotografias autorais que produzimos para ilustrar o conteúdo do livro.

Figura 42 – Painel Semântico



Acervo diverso

A partir do painel semântico formado, foram extraídas referências visuais que auxiliassem o desenvolvimento da paleta de cores, tipografia e grafismos para implementação. Observa-se que nela há uma forte presença de preto, branco e tons de cinza. As poucas matizes de cores que aparecem são em sua maioria análogas, de composição quente e com média à pouca saturação. Esse resultado era esperado, já que, conforme às pesquisas anteriores que fizemos, é complicado para um “pixador” - muitas vezes com poucas condições financeiras - possuir cores e tons de tinta diversificados.

nas forças armadas, divisões das repartições públicas federais, nas indústrias e empresas comerciais e onde novas idéias estivessem sendo requisitadas.” (SANTO, Rui, 2005.)

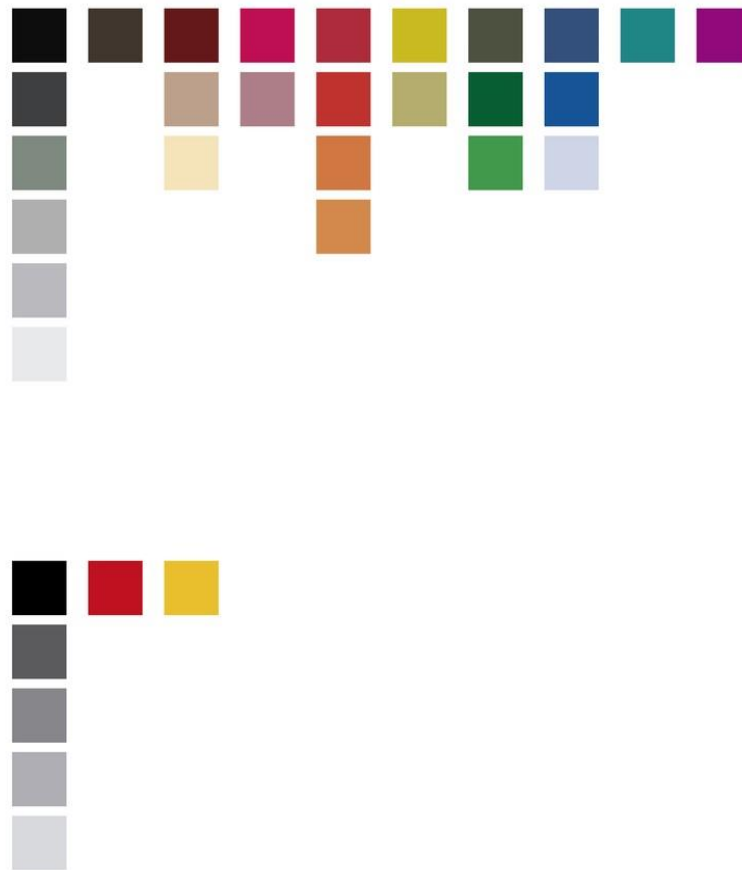
uma agência de publicidade, Alex Osborn, foi aplicada pela primeira vez em 1938, e em 1950 foi adotada em universidades americanas, em cursos de exatas, humanas e biomédicas,

Figura 43 – Cores do Painel Semântico



Acervo Próprio

Figura 44 – Desenvolvimento de Paleta Cromática



Acervo Próprio

Portanto, optamos, em acordo ao caso apontado acima, por utilizar de uma paleta cromática limitada com tons de cinza, preto, e variações de vermelhos e laranjas, sem grandes variações em matizes de cor.

Figura 45 – Tipografias do Paine Semântico



Acervo Próprio

Quanto à tipografia, em sua maioria tratam-se de imagens de “pixações” oriundas de diferentes regiões do país. Há desde “pixos” paulistanos, até cariocas e goianos na imagem acima. Dentre eles podemos identificar também “tags” de “pixadores”. Frequentemente as fotografias mostram a “pixação” feita em tinta preta sobre muros e prédios que proporcionam contraste entre fundo e “pixo”.

Contudo, para que o entendimento do leitor sobre o conteúdo textual do livro não seja prejudicado, utilizaremos, além de fontes tipográficas inspiradas em “pixações”, legendas e grandes manchas de texto em fontes que apresentem boa legibilidade. Para isso é válido ressaltar que dentre o painel também há a presença de fonte não serifada, condensada.

Por fim, em relação aos grafismos encontrados, pode-se ressaltar o uso inconstante de grids para preencher muros e prédios, a presença de manchas de tintas que podem ser identificadas como em sua maioria feitas por canetas de feltro, rolinhos e spray. Além da presença do desalinhamento e sobreposições das formas.

Figura 46 – Grafismos do Painel Semântico



Acervo diverso

7.1.3 Análise Ergonômica

A IEA, Associação Internacional de Ergonomia, anunciou em 2000 sua definição oficial sobre o termo:

“A Ergonomia (ou Fatores Humanos) é uma disciplina científica relacionada ao entendimento das interações entre os seres humanos e outros elementos ou sistemas, e à aplicação de teorias, princípios, dados e métodos a projetos a fim de otimizar o bem estar humano e o desempenho global do sistema. Os ergonomistas contribuem para o planejamento, projeto e a avaliação de tarefas, postos de trabalho, produtos, ambientes e sistemas de modo a torná-los compatíveis com as necessidades, habilidades e limitações das pessoas.”

No presente projeto, as questões ergonômicas englobam aspectos como facilidade ao manusear o livro, conforto para leitura e segmentação dos distintos conteúdos e assim descomplicar o uso do material e compreensão do assunto.

- Tipografia

Para que o conteúdo a ser transmitido seja absorvido pelo leitor, é fundamental que ele consiga distinguir as palavras e os variados tipos de informações numa página.

Assim, faz-se necessário definir por famílias tipográficas que proporcionem legibilidade - capacidade de distinguir caracteres - e leituralidade - fluidez com que o olho percorre ao ler um conjunto de palavras - coerentes (Heitlinger, 2007). Dessa forma é essencial estar atento à elementos técnicos como corpo do tipo, entrelinhas, quebras de linha e serifas.

- Formato

Livros podem assumir diversos formatos, podendo ser definido por questões como conceitos, recursos, estética ou funcionalidade. Mesmo assim, frequentemente é possível encontrar livros em formatos quadrados, retratos e paisagem, provavelmente devido à facilidade de manuseio que esses formatos possuem, junto dos recursos mais acessíveis quando comparado à uma confecção de facas especiais para produzir um livro inteiro.

- Cores

A paleta cromática muitas vezes deriva de uma série de estudos de similares, elaboração de painéis semânticos e conceitos. Ela geralmente auxilia na hierarquização das informações, na reafirmação do conceito e também do embelezamento do material, sendo assim, essencial fazer uso da paleta de cores a fim de proporcionar conforto visual e facilidade de acesso à informação.

- Encadernação

Conforme explicitado em capítulos anteriores, existem diversos tipos de encadernação. Há encadernações que permitem a abertura do livro em 180° sobre a mesa, há aquelas que possibilitam abertura total em 360°, há também encadernações feitas com e sem uso de colas, costuras e grampos, e outras que permitem maior customização em bordados. O importante para encadernação proporcionar boa aplicação em termos ergonômicos é que a sua escolha adeque-se ao formato do livro, assim como seu conceito e usabilidade.

7.1.4 Estudo de Materiais e Tecnologias

Para que o projeto possua qualidade considerável de impressão e acabamento, fizemos um levantamento de materiais possíveis para implementação no livro (tipos de papéis, texturas) bem como pesquisas por processos de encadernação e impressão mais adequados conforme as necessidades do projeto. Estudos sobre esses materiais e processos encontram-se mais detalhados anteriormente, no quarto subtópico, de

“Produção Gráfica”, o qual discorreremos especificamente tipos de papéis, processos de impressão, encadernação, acabamentos, dobras, entre outros.

8 Desenvolvimento do Objeto

Nesta etapa, após a realização de levantamento teórico, estudos, análises e definições de requisitos, inicia-se a implementação gráfica do livro objeto. Aqui serão apresentados processos de geração de alternativas, desenvolvimento e seleção dela, bem como sua adequação e validação para apresentação final.

8.1 Geração e Seleção de Alternativa

Em geração de alternativas objetiva-se criar possíveis soluções que atendam as necessidades do projeto delimitadas anteriormente nas listas de requisitos. Para isso, foram usadas inicialmente técnicas para geração rápida de ideias e esboços de layouts que podem ser conferidas nos subtópicos a seguir.

- Naming

Para encontrar um nome que traduza o conteúdo que pretendemos apresentar no livro, um dos integrantes do grupo responsabilizou-se por iniciar o brainstorming gerando rapidamente palavras que remetesse ao tema. Após esse primeiro momento, o brainstorming passou a ser aberto para todos os integrantes do grupo participarem propondo mais palavras. Num terceiro momento, depois dessa torrente de ideias, elas foram votadas e separadas das demais. Cada integrante sentiu necessidade de expressar o motivo de seu voto e em seguida foi feita uma segunda votação apenas com as alternativas que receberam votos anteriormente. E como resultado a opção “Tipos Suspeitos” foi a mais votada e portanto, título do livro deste projeto.

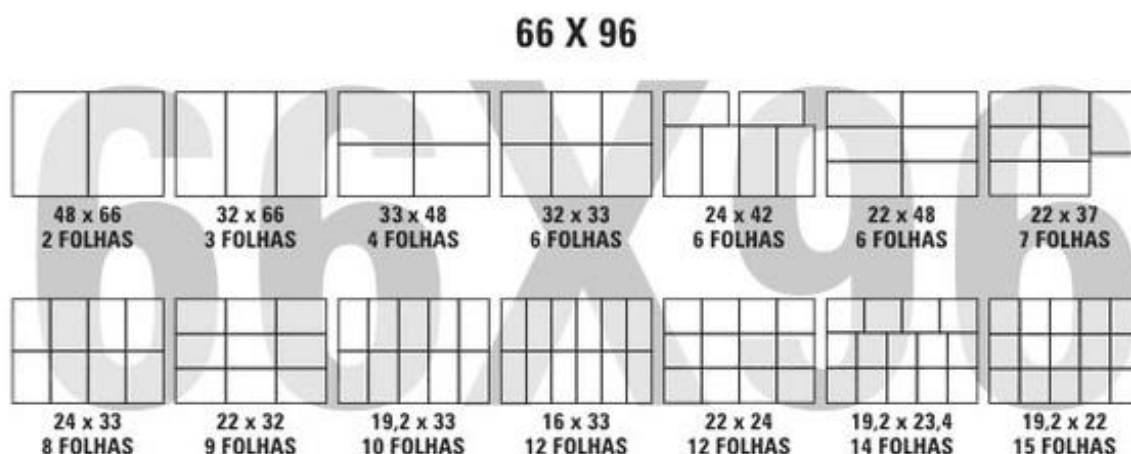
“Tipos Suspeitos” foi uma ideia proposta por um dos integrantes durante um insight obtido durante uma caminhada noturna. O nome “suspeitos” teria vindo da aflição as vezes sentida ao encontrar um sujeito desconhecido tarde da noite nas ruas, da sensação de que todos são suspeitos. “Tipos” no caso, faria uma associação com a “tipografia” muitas vezes desconhecidos por leigos, da “pixação”. Bem como referência à palavra “tipos” no sentido dos arquétipos e padrões que algo “suspeito” e marginalizado como o circuito da “pixação”, pode assumir.

- Formato

Para que grid e layout sejam definidos, é essencial que o formato das páginas que compõem o livro sejam primeiramente delimitadas, para só então explorar o espaço disponível.

Ainda que o projeto não vise produções em larga escala, por utilizarmos de variados tipos de papéis no mesmo livro e conseqüentemente várias pranchas de diferentes tipos de papéis, fez-se necessário pensar em aproveitamento de papel para evitar maiores desperdícios, mesmo que o aproveitamento atenda melhor apenas o tipo de papel mais utilizado. Considerando que o papel mais frequente possua formato 66x99 cm, realizamos alguns estudos de aproveitamento de papel que corresponda a esse formato e que atenda os requisitos indicados. Assim, pensando na área de segurança entre as folhas, juntamente da sangria de cada uma, o formato selecionado possui 16x23 cm, com total de 8 folhas por prancha.

Figura 47 – Aproveitamento de Papel



equipgraf

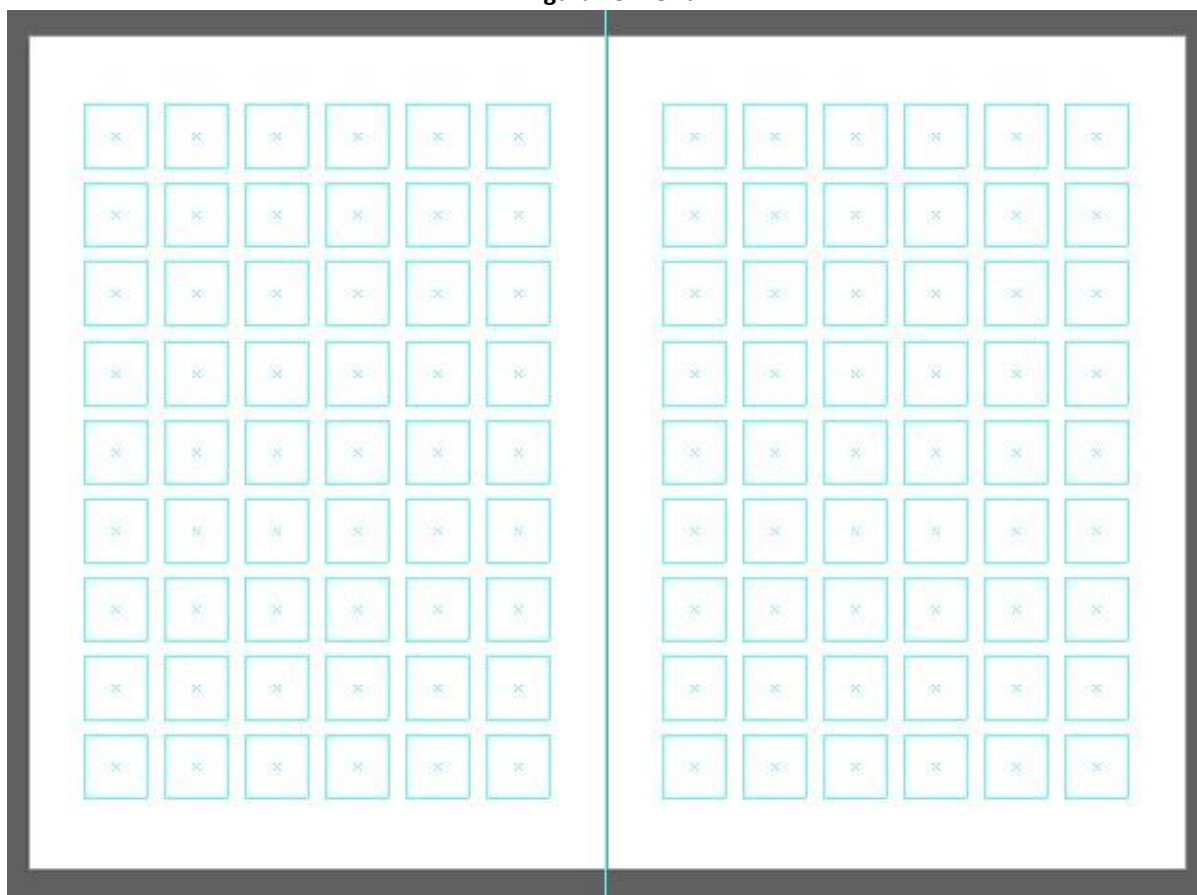
- Construção da Grid

Para que o layout possua uma estrutura que oriente sua configuração no espaço e assim seja possível segregar informações de maneira coesa, torna-se essencial o uso do grid.

“O grid é a base sobre a qual um design é construído. Ele permite que o designer organize de modo eficiente diversos elementos em uma página. Em essência, é o esqueleto de um trabalho. Grids adicionam ordem e estrutura aos designs, sejam eles simples[. . .] ou com grande quantidade de informação[. . .].” (AMBROSE Gavin e HARRIS Paul, 2009).

Com a finalidade de proporcionar abertura para construir um layout dinâmico, com configurações de layout horizontais, verticais e até mesmo diagonais, selecionamos a opção de grid modular simétrica, com pode ser conferido abaixo.

Figura 48 – Grid



Acervo Próprio

- Fotografias

Como o “pixo” goianiense é um dos temas centrais abordados no livro objeto e também devido à possibilidade de dispor de maior controle sobre o conteúdo visual, nos propomos a produzir grande parte das fotografias que ilustram o nosso livro.

Inicialmente fotografamos imagens de “pixos” nos muros, porém logo sentimos necessidade de fotografar “pixos” inseridos no seu contexto, na vida da cidade, também em outros suportes e até mesmo dos materiais utilizados e assim dar suporte ao conteúdo textual. Quando possível, optamos por utilizar imagens que dispusessem de certo humor para não restringir o livro como um documento de caráter estritamente documental.

Dentre as fotografias de autoria, há a imagem do bandeirante “pixado”. A estátua faz alusão à crítica às inúmeras vezes na qual Goiânia é representada com a imagem de um bandeirante que “desbravou” o interior do país. Sem considerar que esse processo de apropriação prejudicou os habitantes nativos que já viviam no lugar onde hoje é a cidade. Esse pequeno protesto foi representado na imagem do bandeirante “pixado”, assim como os

“pixadores” fazem, “pixando” o espaço e assumindo - dentre outros aspectos - o caráter de um movimento cultural, de uma contestação social.

Figura 49 – Fotografias autorais



Acervo Próprio

- Cores

Conforme abordado no tópico anterior de Painel Semântico, juntamente de uma análise de similares e síntese das cores. Foram selecionadas matizes de vermelho, amarelo e tons de cinza. Em relação à aplicação das cores ao decorrer do livro, optamos por utilizar os tons de cinza nas fotografias cuja a cor não possui relevância para absorção da mensagem. Os tons de vermelho e amarelo podem ser usados em títulos, citações e principalmente com a finalidade de conferir maior hierarquia das informações dispostas no texto.

Figura 50 – Cores definidas para aplicação no livro objeto



CMYK: 0; 29; 92; 0.



CMYK: 0; 98; 94; 0.



K: 100



K: 80



K: 60



K: 40



K: 20

Acervo Próprio

- Início de capítulos

As aberturas de capítulos não foram projetadas para seguirem determinações conceituais em design editorial por se tratar de um livro objeto, onde não há necessidade de seguir regras já pré-definidas. Portanto os inícios de capítulos podem iniciar em ambos lados esquerdo ou direito acompanhados de uma duas tipografias definidas para títulos, que são aquelas inspiradas em “pixação”: “Rolinho” e “Rua Type”.

Figura 51 – Exemplo de abertura de subcapítulo



Acervo Próprio

- Encadernação

Através da formação de cadernos de 16 páginas, elaboramos o total de três cadernos para compor o livro, unindo-os com encadernação manual. A técnica que optamos por utilizar por corresponder satisfatoriamente o nosso requisito conceitual já abordado e portanto sem necessidade de repetí-lo aqui - é a denominada “coptic stitch” apresentada previamente no tópico de produção gráfica.

- Tipografias

Conforme identificado em Requisitos, selecionamos as tipografias que atendem as necessidades do projeto.

Para definir corpo de texto, que no caso demanda uma fonte não serifada, foi eleita a família tipográfica Fira Sans Condensed. Como esta família possui diversas fontes latinas de variados pesos - o que contribui para a organização e hierarquização das informações na página - e atender todos os requisitos apontados, ela compõe todo corpo de texto do livro, incluindo notas de rodapé, comentários e legendas.

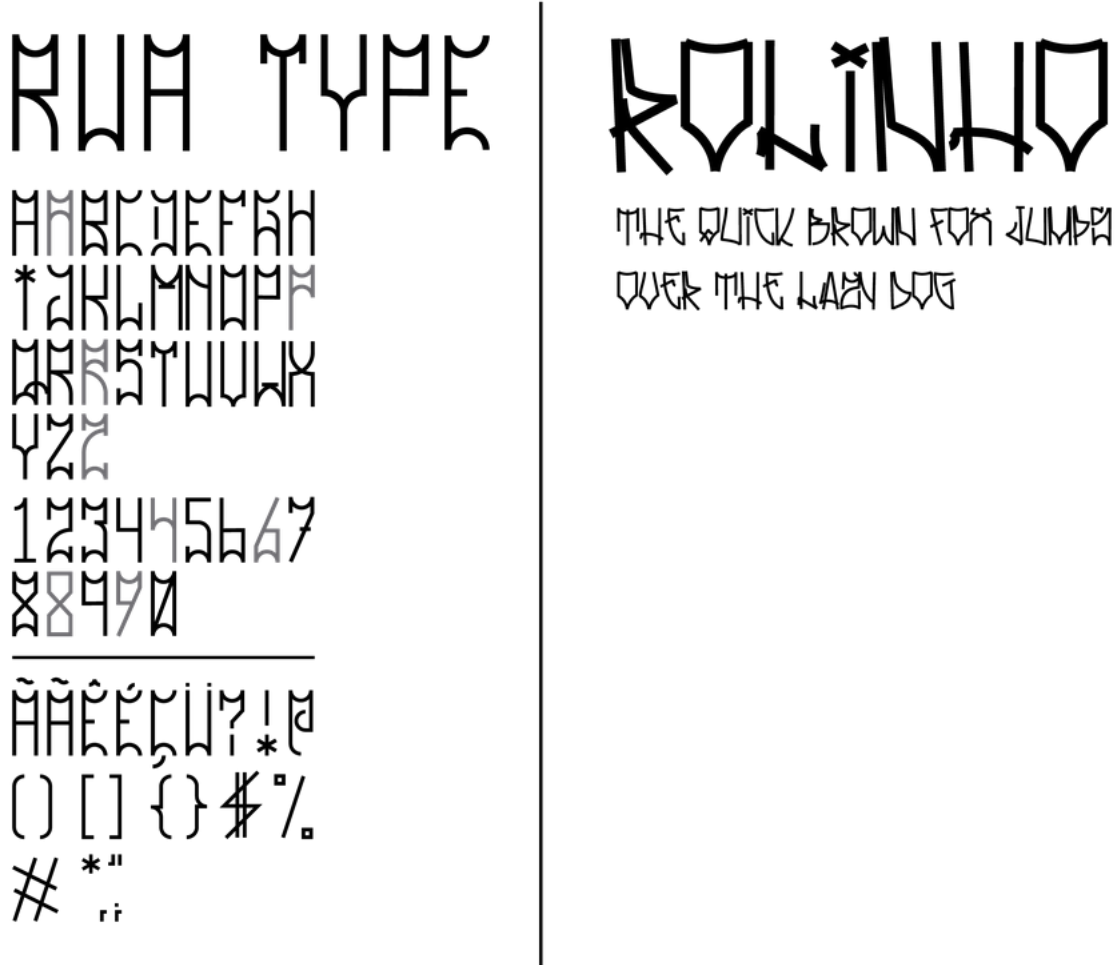
Figura 52 – Diferentes pesos da família tipográfica Fira Sans Condensed

Fira Sans Condensed Light
Fira Sans Condensed Regular
Fira Sans Condensed Italic
Fira Sans Condensed Semibold
Fira Sans Condensed Bold

Acervo Próprio

Para estruturar os títulos de capítulos e subcapítulos, optamos por variar a utilização de duas fontes, sempre acompanhadas de uma legenda. São elas: Rolinho e Rua Type. Sendo que a última é apenas uma type face, não se tratando ainda de uma fonte. Além dessas duas tipografias, selecionamos também a fonte Pixo Reto a ser usada como grafismos e assim colaborar com a construção do layout.

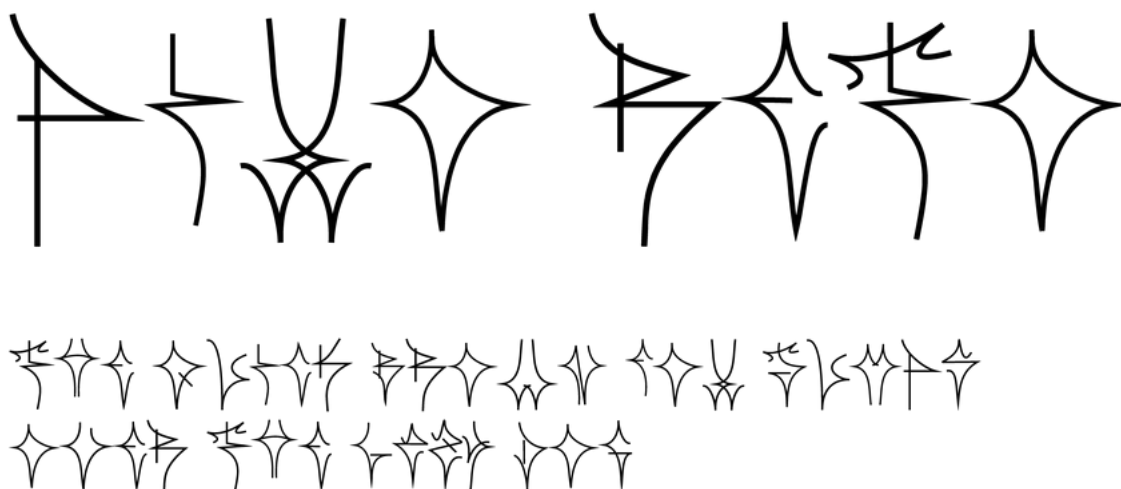
Figura 53 – Fontes tipográficas “Rua Type” e “Rolinho”



Acervo Próprio

Essas fontes para títulos e grafismos selecionadas, conforme a configuração das próprias “pixações”, elas não possuem boa legibilidade. Por vezes é difícil distinguir as letras entre si e por consequência a legibilidade é moderadamente prejudicada por esse fator. Contudo as fontes corroboram com o conceito a ser transmitido pelo livro e observa-se que é mais complexo a busca pela distinção dos caracteres entre si do que a leitura completa de uma palavra.

Figura 54 – Fonte tipográfica “Pixo Reto” utilizada em grafismos



Acervo Próprio

Para finalizar esta etapa, vale ressaltar que o licenciamento de todas as fontes utilizadas foram verificadas e encontram-se disponíveis para uso acadêmico e comercial.

- Papéis

Para prototipação do livro, e também com o propósito de corresponder às listas de requisitos, realizamos um levantamento de possíveis papéis que podem ser utilizados. Dentre esses, selecionamos papel offset para compor todo o miolo do livro e solucionar problemas como uso de canetas de feltro sobre o papel e transparências para visualização de imagens sobrepostas.

Para o miolo, o papel utilizado é o offset de gramatura 180g/m². A escolha foi feita devido ao baixo custo, à grande durabilidade do material, sua porosidade capaz de absorver a tinta de canetas de feltro - e assim evitar carimbos e manchas nas folhas próximas - e boa qualidade de impressão no processo de mesmo nome, offset, o qual utiliza água. Para evitar que a tinta depositada pelo “canetão” provoque “sombras” no lado oposto do papel, optamos por - apenas nas páginas em que é estimulada a intervenção com o “canetão” - utilizar o papel offset de gramatura mais elevada, 240g/m². Ainda sobre o miolo do livro, com a finalidade de fazer uso de imagens sobrepostas, selecionamos o papel acetato (0,2 micras), o qual é transparente e apresenta alta resistência a rasgos.

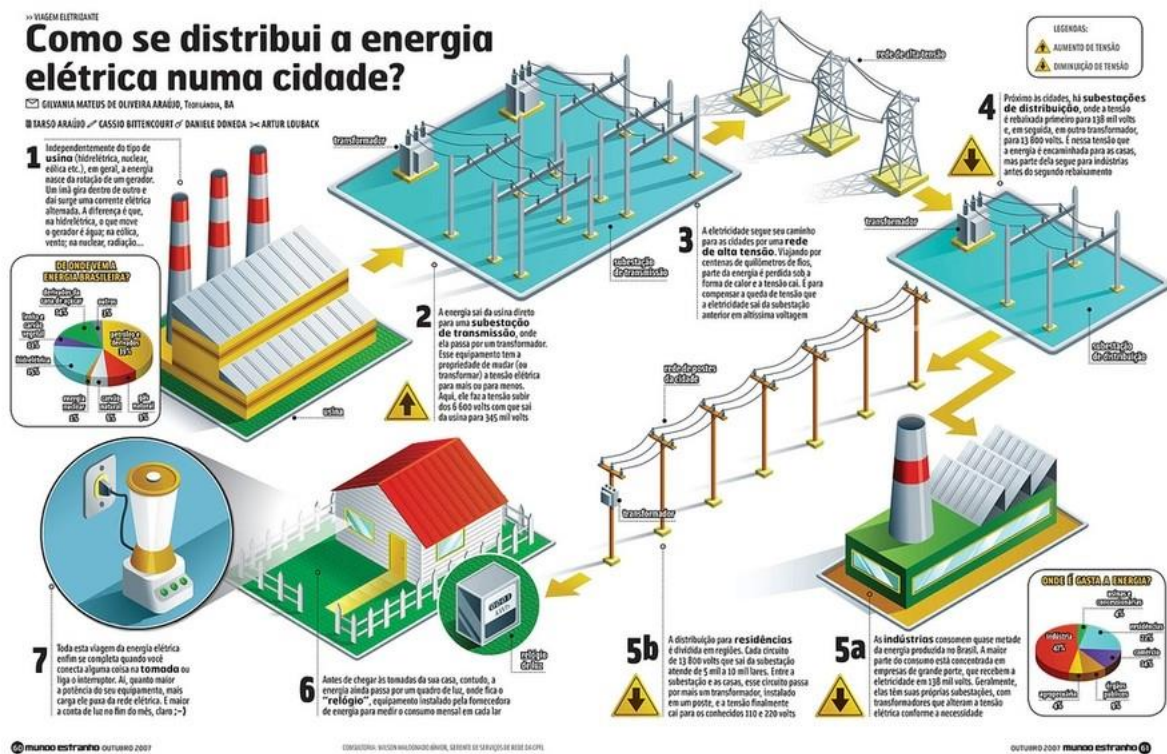
Por fim, com a intenção de compor as capas do livro e conferir maior resistência e embelezamento ao material impresso, foi selecionado o papel triplex de gramatura 300g/m².

O papel possui revestimento em ambos os lados para receber impressão apresentando grande qualidade gráfica, sendo frequentemente usado em embalagens e cartões de visitas.

- Infográficos

Para ilustrar melhor o conteúdo textual e tornar o livro mais interessante foi feito elaborado um infográfico explicando do que se trata o termo “Rolê”, gíria dos “pixadores”. O texto escolhido para ser utilizado nos infográficos teve de ser adaptado para combinar com as imagens e evitar que as páginas ficassem muito carregadas. Como referências foram utilizados os infográficos da revista Mundo Estranho da Editora Abril. A tipografia utilizada é a mesma do texto normal, as seções do infográfico “Rolê” foram divididas em cores para facilitar a orientação de leitura, e foram empregados grafismos característicos do “pixo” para estilização. As imagens foram retiradas de buscas na internet e posicionadas de forma a se relacionar com o texto mais próximo, além disso no infográfico “Rolê” as imagens receberam efeitos para se assimilarem a fotografias recortadas e coladas com fita de forma tosca na página. De fundo do infográfico “Rolê” foi utilizada uma imagem do “google maps” das ruas do Setor Campinas, de Goiânia, com cores em “grayscale”.

Figura 55 – Exemplo de infográfico da revista Mundo Estranho, 2007



- Construção de Layout

Para organizar o conteúdo nas páginas do livro, optamos por utilizar a fonte para corpo de texto definida anteriormente em corpo legível 10pt, conforme os testes de impressão e entrelinha 1.5 (15pt) em relação ao corpo e assim corroborar com um bom ritmo de leitura. Para a fonte “Pixo Reto”, definida com grafismos (e portanto sem a necessidade de determinar seu corpo de texto), optou-se por usá-la predominantemente em plano de fundo e em cores para diferenciar das manchas gráficas de texto.

A construção das margens (superior e inferior: 19mm; esquerda e direita 15,7mm), medianiz(31,4mm) e gutters(4,5mm) foram obtidas ao construir a grid de seis módulos na horizontal e nove na vertical, a qual possibilita versatilidade para gerar diferentes soluções de layout de acordo com os tópicos anteriores sobre grid. Vale lembrar que este espaço na qual a grid está inserida possui formato fechado de 16x23cm e aberto, 32x23cm.

Para títulos não foi definido um padrão para o corpo do tipo que equivalesse em todo o livro por não se tratar de um projeto que segue os princípios convencionais de design editorial. Como alguns títulos possuem legibilidade comprometida por serem baseadas na visualidade da “pixação”, surgiu a necessidade de legendar alguns destes títulos. Para estas legendas deve ser utilizado a fonte Fira Sans Condensed Light em corpo dezesseis.

Outras manchas como notas de rodapé, devem estar na fonte de mesma família, Fira Sans Condensed Italic em corpo seis e - seguindo o raciocínio de optar por entrelinha 1,5 em relação ao corpo - esta ficou definida como nove.

Devido ao fato de o livro ser narrado com diversas histórias de “pixadores”, surgiu a tarefa de organizar a forma com que os comentários são apresentados. Nestes casos, definiu-se a utilização da fonte Fira Sans Condensed Italic em corpo nove aplicada sobre fundo amarelo.

8.2 Adequação e Validação

Para validar o projeto, optamos por realizar um protótipo de alta fidelidade - como um “mock-up” impresso do livro - e de contextualização geral conforme introduzido anteriormente no subcapítulo “Prototipação”. Foram realizados diversos testes de impressão para visualização das páginas dispostas e assim validar o corpo e peso das fontes escolhidas, a aplicação delas em determinados locais, avaliar o emprego das cores no layout e o uso do grid ao longo das páginas, além da qualidade das imagens usadas. Somente após esses testes iniciais de impressão que o “mock-up” pode ser implementado de fato.

Para o miolo comum do livro foi utilizado o papel offset 180g/m². Para elementos que necessitavam de imagens sobrepostas optamos pelo papel acetato. As páginas que compõem o “blackbook” para o usuário intervir sobre as “folhinhas”, foi confeccionado em papel sulfite

60g/m² com a finalidade de simular um papel de pauta escolar e fino. As capas foram preparadas, assim como o miolo comum, em papel offset, porém com gramatura mais elevada para conferir maior qualidade e proteção ao interior do livro impresso. A encadernação manual realizada foi a “coptic stitch”, a qual permite abertura em 180° sem dificuldades. Para conferir proteção e melhor acabamento ao livro, foi elaborado uma embalagem simples com papel triplex, de gramatura 360g/m², envolvendo o livro. Contudo, não é relevante para este projeto abordar os detalhes da construção desta, já que o foco do projeto é em design editorial e não embalagens.

8.3 Fechamento e Apresentação

No intuito de configurar o projeto como um livro objeto, foi feito um estudo de diagramação e grid para aproximar a visualidade do livro com a do movimento da pichação. No que concerne os aspectos de acabamento e produção gráfica, foram inseridas no miolo do livro folhas e recortes com facas especiais, além de páginas com tamanhos maiores e orelhas. O papel utilizado na maior parte do livro possui uma gramatura maior, visando uma resistência superior e possibilidade de interação com uso de pincéis atômicos.

Para apresentação à banca, foi planejado uma caixa que referencia o conteúdo do livro. O protótipo do livro foi impresso em alta fidelidade, utilizando os materiais selecionados na etapa de adequação.

8.4 Considerações Finais

Este trabalho resultou na confecção de um livro sobre a pichação goianiense, seguindo a metodologia de projeto de Passos, foram feitas as etapas de delimitação, conhecimento e desenvolvimento do objeto. Durante a etapa de pré projeto (TCC 1), foi feita toda a pesquisa referente à parte 1 - Referencial Teórico, que envolve levantamento bibliográfico de livros e artigos, documentários e a pesquisa de campo com pichadores locais. O escopo do projeto mudou após a pré-banca, de uma loja virtual para o desenvolvimento de uma publicação com características de livro objeto. Esta mudança atendeu melhor às demandas de projeto, que incluíam a imparcialidade e não apologia ao tema.

REFERÊNCIAS

- ABRAHAM. Graffitystylers, 2015. Disponível em: <<http://iamgraffiti.es/lettering-ycaigrafia-en-el-graffiti-3a-parte/>>. Acesso em: 07 de Junho, 2017.
- ANDRADE, Rodrigo. A cruzada cinzenta de Kassab, 2009. Disponível em: <<http://alias.estadao.com.br/noticias/geral,a-cruzada-cinzenta-de-kassab,438376>> . Acesso em: 28 de Maio, 2017.
- ARAÚJO, Eduardo Pucu de. Um estudo sobre etnografia aplicada ao Design, 2012. 104 f. Dissertação - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- AURÉLIO, Róbsom. Rooftop typeface. Disponível em: <www.behance.net/gallery/32736877/typeface>. Acesso em: 07 jun. 2017.
- BELÉM, Amanda. A história da pichação no Brasil e no mundo, 2015. Disponível em: <<http://xar-pixo.blogspot.com.br/2015/09/a-pichacao-no-brasil-e-o-mundo.html>>. Acesso em: 28 de Maio, 2017.
- BRETAS, Danilo. Fosca type. Disponível em: <www.behance.net/gallery/19461151/FoscaType>. Acesso em: 06 jun. 2017.
- Entrevista: Thor - ADN. Disponível em: <<https://ospiores2011.wordpress.com/2011/01/19/entrevista-thor-adn/>>. Acesso em: 07 de Junho, 2017.
- Dicionário infopédia da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2017. Disponível em: <www.infopedia.pt/dicionarios/linguaportuguesa/>. Acesso em: 20 de maio, 2017.
- FEITOSA, Lourdes Conde. Amor e Sexualidade: o masculino e o feminino em grafites de Pompéia. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2005. Resenha de: CARLAN, U.C. História, vol 26. n.1, Franca, 2007.
- GUEDIN, Eduardo. Do grafite a uma tipografia em destaque. Disponível em: <designconceitual.com.br/2016/07/05/do-grafite-a-uma-tipografia-premiada/>. Acesso em: 06 jun. 2017.
- HEITLINGER, Paulo. Tony de Marco (1963). Disponível em: <tipografos.net/brasil/tonimarco.html>. Acesso em: 22 maio, 2017.
- HÓRIO, Rosana. Cultura Visual: definições, escopo e debates. Domínios da Imagem, Londrina, v. 01, n.2, p. 129-134, Maio 2008.
- JR. BERGAMIM, Giga. Museu do grafite lançado nas ruas de SP atrai até artista contrário a Doria, 2017. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/0>>

6/1890088-museu-do-grafite-lancado-nas-ruas-de-sp-atrai-ate-artista-contrario-a-doria .shtml>. Acesso em 09 de Junho, 2017.

LASSALA, Gustavo; GUERRA, Abilio. Cripta Djan Ivson, profissão pichador. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/entrevista/13.049/4281?pag e=1>>. Acesso em: 05 de junho, 2017.

LASSALA, Gustavo. Fonte digital adrenalina: um projeto inspirado na “pixação” paulistana. v.1 n.1 . São Paulo: DATJournal, 2016.

MARCELO, João. Xarpi: um registro sobre a “pixação” no Rio de Janeiro. 1ª ed. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 2015.

MARCO, Tony de. “pixo” tosco 2013. Disponível em: <www.tonydemarco.com.br/portfolio/“pixo”-tosco-2013>. Acesso em: 22 maio, 2017.

MARCO, Tony de. Game. Disponível em: <www.tonydemarco.com.br/portfolio/game/>. Acesso em: 20 maio, 2017.

MARCO, Tony de. “pixo” tosco . Disponível em: <www.flickr.com/photos/tonydemarco/sets/101544457/>. Acesso em: 22 maio, 2017.

MENDES, Gabriel; MAZZACARO, Natasha. Intervenções artísticas pipocam pela cidade e se descolam do grafite, 2016. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/bairros/intervencoes-artisticas-pipocam-pela-cidade-se-descolam-do-grafite-18644403>>. Acesso em: 07 de Junho, 2017.

MESQUITA, Marcelo; VALIENGO, Guilherme. Cidade Cinza. [Filme-vídeo]. 2013. Produção independente. Disponível em: <<https://vimeo.com/ondemand/cidadecinza/161544457>>. 79 min. Color. Som.

MITTMANN, D. O sujeito-“pixador”: tensões acerca da prática da pichação paulista, 2012. 125 f. Dissertação - Instituto de Biociências, Rio Claro.

NUNES, Beto. Rua type. Disponível em: <www.behance.net/gallery/26025649/RUATYPE-FREE-FONT>. Acesso em: 07 jun. 2017.

PASSOS, Ravi. Design da informação: Um modelo para configuração de interface natural, 2014. 231 f. Tese - Universidade de Aveiro, Aveiro. 2014.

PASSOS, Ravi. O design da informação em interfaces de hipermídias, 2008. 100 f. Dissertação - Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo.

Pichadores desafiam a polícia e revoltam a população em Goiânia. G1, Globo. 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/goias/noticia/2012/03/pichadores-desafiampolicia-e-revoltam-populacao-em-goiania.html>>. Acesso em: 07 de Junho, 2017.

REOLOM, Mônica. Grafite apagado de osgemeos foi considerado pichação por subprefeitura, 2013. Disponível em: <<http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,grafite-apagado-de-osgemeos-foi-considerado-pichacao-por-subprefeitura,1030845>>. Acesso em: 25 de Maio, 2017.

REVISTA QUEM. Seleção: artista recria uniforme com letras de pichação. Disponível em: <http://revistaquem.globo.com/Revista/Quem/0,,EMI124214-9531,0_0_SELECAO+ARTISTA+RECRUA+UNIFORME+COM+LETRAS+DE+PICHACAO.html>. Acesso em: 25 maio, 2017.

ROCHA, Ricardo. Nike, Brasil, arte urbana. Disponível em: <passooponto.wordpress.com/2017/05/25/nike-brasil-arte-urbana/>. Acesso em: 25 maio 2017.

RODRIGUES, Tiago Pires. ““pixo” GO” UMA TIPOGRAFIA INSPIRADA NOS “pixo”S DE GOIÂNIA. Trabalho de final de graduação - Design de Comunicação, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2009.

SÁ, Eduardo. Pichação carioca: arte ou vandalismo?, 2017. Disponível em: <<http://fazendomedia.org/pichacao-carioca-arte-ou-vandalismo/>>. Acesso em: 07 de Junho, 2017.

SANTIAGO, Tatiana. Doria sanciona lei que penaliza pichadores com multa, 2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/doria-sanciona-lei-que-penaliza-pichadores-com-multa.ghtml>>. Acesso em: 28 de Maio, 2017.

TAVARES, Andréa. Ficções urbanas: estratégias para a ocupação das cidades. 16. ed. São Paulo: ARS, 2010.

‘Todos os pichadores são bandidos’, afirma Doria em entrevista a rádio, 2017. Folha De S.Paulo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/02/1855912-todos-os-pichadores-de-sao-paulo-sao-bandidos-diz-doria.shtml>>. Acesso em: 28 de Maio, 2017.

TUFANO, Emiliano. The walls of Pompeii: the inscriptions and the graffiti. Disponível em: <<https://pompeiiourguide.me/2014/06/06/the-walls-of-pompeii-the-inscriptions-and-the-graffiti/>>. Acesso em: 07 de Junho, 2017.

WAINER, João; OLIVEIRA, T. Roberto. “pixo”. [Filme-vídeo]. Brasil, 2010. Disponível em: <<https://vimeo.com/29691112>> 61 min. Acesso em: 20 de Abril, 2017. Color. Som.

WHEELER, Darby. Hip Hop Evolution. [Filme-vídeo]. Canadá, 2016. Banger Films. Disponível em: <<https://www.netflix.com/br/>>. Acesso em: 18 de Março, 2017. Color. Som.

ADG Brasil. Abc da ADG: Glossário de Termos e Verbetes Utilizado em Design Gráfico. 1ª edição. São Paulo. Editora Blucher, 2012.

COLLARO, Antonio Celso. *Produção Gráfica: Arte e Técnica da Mídia Impressa*. São Paulo. Editora Pearson Prentice Hall, 2007. 135 p.

WESTON, Heather. *Bookcraft: Techniques for Binding, Folding and Decorating to Create Books and More*. 1ª edição. Massachusetts. Editora Quarry, 2008.

PAIVA, Ana Paula Mathias de. *A aventura do livro experimental*. Belo Horizonte. Autêntica Editora, 2010. 144 p.

BAXTER, Mike. *Projeto de Produto*. São Paulo, Editora Blucher, 2008.

LASSALA, Gustavo. *Pichação não é Pixação - Picho is not Pixo - 2ª Edição Revisada e Ampliada Bilingue*. São Paulo, Altamira Editorial, 2017.

MARCELO, João. *Xarpi - Um Registro Sobre a Pixação no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 2017.

Maurício, D.E.. *Propaganda e Design Gráfico: Estratégias de Comunicação e Persuasão*. Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharelato. Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. 2010.

HELLER, Eva. *A Psicologia das Cores - como as cores afetam a emoção e a razão*. 1ª edição. São Paulo. Editora Gustavo Gili, 2012.

LUPTON, Ellen. *Pensar com Tipos*. 2ª edição. São Paulo. Editora Cosac Naify, 2013.

AMBROSE, Gavin e HARRIS, Paul. *Design Básico: Grids*. Porto Alegre. Editora Bookman, 2009.

FONSECA, Joaquim. *Tipografia e Design Gráfico: design e produção gráfica de impressos e livros*. Porto Alegre, Editora Bookman, 2008.

TIME MJV. *Design Thinking: Inovação e Negócios*. Rio de Janeiro. MJV Press, 2012.

BRINGHURST, Robert. *Elementos do Estilo Tipográfico*. São Paulo. Editora Cosac Naify, 2005.

EQUIPE PRINTI. *Os Processos de Impressão e suas Características*, 2013. Disponível em: <<https://www.printi.com.br/blog/os-processos-de-impressao-e-suas-caracteristicas>>. Acesso em: 17 de Outubro, 2017.

EQUIPE PRINTI. *Impressão Digital vs Impressão Offset*, 2014. Disponível em: <<https://www.printi.com.br/blog/impressao-digital-vs-impressao-offset>>. Acesso em: 17 de Outubro, 2017.

EQUIPE PRINTI. *Papel couché: saiba o que é!*, 2014. Disponível em: <<https://www.printi.com.br/blog/papel-couche-saiba-o-que-e>>. Acesso em: 17 de Outubro, 2017.

COSTA, Ricardo. *4 vantagens da flexografia na Impressão de Rótulos*, 2015. Disponível em: <<https://www.codimarc.pt/blog/4-vantagens-da-flexografia-impress%C3%A3o-de-r%C3%B3tulos>>. Acesso em: 17 de Outubro, 2017.

TINGA, Mélio. O poder da cor em design gráfico: dicas importantes para o uso das cores em seus projetos, 2017. Disponível em: <<https://designculture.com.br/o-poder-da-cor-em-design-grafico-dicas-importantes-para-o-uso-das-cores-em-seus-projetos>>. Acesso em: 17 de Outubro, 2017.

ARTY, David. Guia sobre grid. Disponível em: <<https://www.chiefofdesign.com.br/guia-sobre-grid/>>. Acesso em: 17 de Outubro, 2017.

TIME MJV. O papel da prototipagem no design thinking, 2016. Disponível em: <<http://blog.mjv.com.br/papel-da-prototipagem-no-design-thinking>>. Acesso em: 20 de Outubro, 2017.

KOBBAZ, Vitor. O que é grid no design gráfico?, 2015. Disponível em: <<http://vitorkobbaz.com/blog/2015/12/23/o-grid-no-design-grafico/>>. Acesso em: 20 de Outubro, 2017.

TIME EQUIPGRAF. Tabela de aproveitamento de papel, 2010. Disponível em: <<http://www.equipgraf.com.br/tabela-de-aproveitamento-de-papel/>>. Acesso em: 20 de Outubro, 2017.

EQUIPE CUTEDROP. A anatomia essencial do livro para designers. Disponível em: <<http://www.cutedrop.com.br/2016/05/a-anatomia-do-livro-para-designers/>>. Acesso em: 20 de Outubro, 2017.

VALLE, Paulo. Papel duplex, triplex, duodesign e muito mais, 2013. Disponível em: <<https://cardquali.com/papel-duplex-triplex-duodesign-outros-mais/>>. Acesso em: 20 de Outubro, 2017.

ARTUR, Ricardo. Legibilidade e leiturabilidade: entendendo as diferenças, 2011. Disponível em: <<http://ricardoartur.com.br/1001/2011/03/legibilidade-leiturabilidade-entendendo-diferencas/>>. Acesso em: 20 de Outubro, 2017.

Rio, R. P. do, Pires, L. Ergonomia: fundamentos da prática ergonômica. 3ª ed. São Paulo: LTr, 2001.

Website Associação Brasileira de Ergonomia. Disponível em: <http://www.abergo.org.br/internas.php?pg=o_que_e_ergonomia>. Acesso em: 02 de Outubro, 2017.

POCHÉ COMUNICAÇÃO. Guia Digital: Manual de Produção Gráfica Completo. Disponível em: <http://www.rickardo.com.br/epg/manuais/manual_Poche.pdf> Acesso em: 02 de Outubro, 2017.

EQUIPE TIPÓGRAFOS.NET. Anatomia das Letras. Disponível em: <<http://tipografos.net/glossario/anatomia.html>> Acesso em: 02 de Outubro, 2017.

HEITLINGER, P. Artigo online: Legibilidade do Texto Impresso. Cadernos de Tipografia. n. 3, 2007. Disponível em: <<http://tipografos.net/cadernos/cadernos-3.pdf>>. Acesso em: 10 de Outubro, 2017.

HEITLINGER, P. E-book: Alfabetos, 2014. Disponível em: <<http://tipografos.net/ebooks/Alfabetos-ebook-prova-de-leitura.pdf>>. Acesso em: 10 de Outubro, 2017.

PARÁGRAFO. Dicionário online Michaelis. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em: 10 de Outubro, 2017.

CAPA. Dicionário online Michaelis. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em: 10 de Outubro, 2017.

EX-LIBRIS. Dicionário online Michaelis. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em: 10 de Outubro, 2017.

Apêndices

APÊNDICE A – Estrutura da Conversa

Apresentação

Apresentar os participantes do trabalho presentes, explicar a proposta da conversa: “estamos fazendo o nosso TCC pro curso de design gráfico com tema na pixação como estética, para isso precisamos conhecer melhor esse universo trocando ideia com pixadores e pessoas envolvidas, ouvir o seu lado da história.”

Pedir permissão para gravar áudio e/ou vídeo, explicar que a conversa será anônima e usada para fins acadêmicos somente.

Relação com Pixo Quando

começou a pixar?

Que motivo levou a pixar?

Se continua pixando até hoje, é pelo mesmo motivo?

Tem alguma mensagem que queira transmitir?

“Rolês” de pixo

Como você costuma escolher o local que será pixado?

Que materiais utiliza?

Existem em Goiânia, points e festas de pixo assim como em São Paulo?

Se sim, como são organizados e qual o objetivo? (É cobrado entrada, é feito ao ar livre, etc)

Já teve problemas com a polícia?

Já sofreu ou conhece histórias de violência policial?

Galeras de pixo

De onde é? (Quebrada, setor)

Na sua quebrada quais são as galeras ou os pixadores mais famosos?

E em Goiânia?

Você faz parte de algum grupo de pixadores?

Qual o nome do grupo?

Qual a tag do pixador?

Existe rivalidade entre as galeras?

Se sim, por quê? (Território, “anular ou atropelar”)

Alguma vez essas rivalidades extrapolam os muros? Já ocorreram brigas e violência?

Sobre FJG e TEV qual sua opinião?

Você tem contato com pixadores de outras cidades ou estados?

Se sim, vê alguma diferença na “cena” local? Tipos de letras, relação de galeras, gírias, vocabulário, etc.

Relação com Graffiti

Você grafita ou já fez algum trabalho de graffiti?

Considera o graffiti arte?

E a pixação?

Qual a sua relação com a cultura hip-hop? Curte as músicas, vai em shows?

Relação com governo

O que você acha da pixação ser proibida? A ilegalidade contribui para a força do movimento da pixação?

Qual sua opinião sobre projetos de combate ao pixo?

Você tem conhecimento sobre o projeto de Dória? Se sim, qual sua opinião.

Recentemente, na T3 com a T7, um muro com graffitis foi pintado de branco para ser usado para propagandas. Um pixador fez uma “intervenção”, pintando em cima das propagandas e escrevendo sobre o acontecido. O que você acha disso? Tem mais algum conhecimento?

Qual sua opinião sobre projetos que buscam reformar pixadores ensinando graffiti para eles?

Pedidos

Esta é uma conversa anônima e o participante não será identificado, para ilustrar pedimos permissão de tirar foto de tag ou alfabeto próprio;

Se for possível disponibilizar para tirar foto de uma folhinha de tags.

APÊNDICE B – Relatório do Rolê de Pixo

No dia 30 de maio um dos pesquisadores (membro do grupo) acompanhou um pixador com quem havia combinado previamente, em um rolê de pixo, para registrar e entender melhor como funcionam essas saídas para pixar, parte importante da cultura da pixação. Munidos das câmeras dos próprios celulares e tintas spray, os dois percorreram uma região próxima da casa do pixador durante a noite, procurando por locais propícios para realizar o pixo. Foi realizado neste local devido ao pouco tempo de execução e falta de um automóvel

para locomoção, que segundo o próprio pixador, facilita muito e torna o rolê mais seguro, pois os pixos ficam mais espaçados entre si, diminuindo o risco de um flagrante pela polícia ou moradores. Durante esse percurso, o membro do grupo confirmou através de conversa com o pixador, observação e participação ativa informações que já haviam sido obtidas anteriormente através da pesquisa de artigos e livros.

Os locais escolhidos eram de preferência com grande visibilidade, embora também fosse importante não ficar muito à vista dos carros e transeuntes ocasionais, que poderiam denunciar a atividade. Foi observado que a prática do pixo acontece muito rapidamente, com um pixador experiente conseguindo escrever sua tag com o spray em menos de vinte segundos, rapidamente deixando o local e evitando um flagrante. Comumente nessas saídas, enquanto um pixa o(s) outro(s) observa a rua, pronto(s) para avisar caso precisem sair do local devido a presença de policiamento. Durante esse rolê, algumas viaturas passaram pelos dois, além de vigilantes noturnos, um de moto e outro de bicicleta e apito, mas não houve abordagem policial ou nenhum outro problema desse tipo. É notada uma marginalização do pixador, que deve se esconder de todos e disfarçar suas intenções para evitar problemas, além de precisar contar com a atenção e camaradagem de seu(s) companheiro(s) de rolê.

Além da rapidez no manuseio da lata de tinta spray, conforme o pixador ganha experiência também se torna mais atento a presença de câmeras de vigilância, muito presentes no setor onde ocorreu o rolê devido a população de classe média alta. Alguns locais que primeiramente foram vistos como bons suportes pro pixo foram descartados devido a relação pessoal do pixador com as pessoas que lá residem ou trabalham, demonstrando uma preocupação com as consequências da pixação. Um dos locais pixados foi uma porta de enrolar de uma loja em uma avenida próxima, primeiramente visto como um local de boa visibilidade a noite (quando a loja estaria fechada), se mostrou de difícil execução devido à natureza da superfície cheia de ondulações. Outro local interessante foi a lateral de uma lixeira de metal, onde o pixador usou uma tag diferenciada, mais curta e compacta, diferente da que utiliza para as paredes, mais reta e alongada, similar ao estilo tag reto paulista. Nessa saída surgiu a ideia de realizar um

APÊNDICE B. Relatório do Rolê de Pixo

bomb, mas que foi logo descartada devido a ausência de um cap adequado (no caso um “fat cap”).

Durante o rolê foi possível observar a tensão que um pixador sente quando sai para pixar, a adrenalina, a vontade de “fazer só mais um”, o medo sentido ao passar ao lado de uma viatura com as luzes apagadas e a sensação de deixar sua marca, sua expressão, na cidade.

APÊNDICE C – Análise dos dados etnográficos

Segue a análise dos pontos principais extraídos das conversas e do rolê de pixo.

Conversa com FONG & 9NAS

Ambos consideram a pixação e o grafite arte, além de muito parecidos.

Ambos demonstraram uma visão bem aberta em relação ao movimento da pixação e suas relações com outras intervenções urbanas e arte em geral.

Conversa com SLIM & NET

SLIM demonstrou um posicionamento mais radical em relação às classificações de pixação devido também à sua pesquisa na área para seu trabalho de TCC.

NET expressou opinião similar.

Ambos expressam a opinião de que o movimento da pixação de São Paulo e outros estados do Brasil é bastante diferenciado do de Goiânia, que quebra muitos pressupostos.

Ambos demonstram grande admiração pelo estilo de escrita da pixação em Goiânia e reforçam sua unicidade.

Ambos defendem a opinião de que o grafite de verdade é quando ele é usado como intervenção urbana, se tornando mural quando é autorizado.

Conversa com NET

A conversa foi sobre o modo como as letras são feitas e as diferenças entre cada cidade, evidenciando a unicidade do pixo de Goiânia.

Conversa com SENE

Demonstra opinião da “gourmetização” da pixação goiana, que ao contrário do que é imaginado pelos pressupostos não se originou ou cresceu na periferia ou por moradores da periferia.

Menciona a apreensão de pixadores em 2004/2005 como causando grande impacto no movimento goiano.

Fala das rivalidades e rixas entre grafiteiros e pixadores e entre as galeras de pixo, que às vezes resultaram em morte e muitas vezes eram relacionadas com as torcidas organizadas TEV e FJG

É a favor de se ensinar grafite para pixadores como uma opção mais segura e aceita de expressão, pois entende os perigos aos quais os jovens se expõem quando pixam.

Conversa VANT

Busca de locais visível e de preferência duradouros para o pixo.

Admiração pelos pixadores mais antigos.

Diferenciação entre o movimento do pixo goiano e o de outros estados, destacando a união e a força do movimento paulista em específico.

Expressa sua indignação com propagandas em muros (principalmente as feitas sem autorização).

Diz achar a pixação mais “estética” que o graffiti por possuir mais “regras”, por exemplo, as letras devem possuir um tamanho padronizado senão não agradam.

Fala sobre a proximidade entre grafite e pixação com design, atribuindo às intervenções urbanas uma função (marcar território no caso) similar ao design, em sua concepção.

Considera a pixação algo que nunca vai acabar enquanto houver repressão, só correndo risco caso seja legalizada.

Rolê de Pixo

Busca por visibilidade e ao mesmo tempo proteção da visão de transeuntes e da polícia enquanto está pixando.

Necessidade de fazer o pixo e rapidamente sair do local, evitando um flagrante. Para isso é bom sair de carro, pois possibilita deslocamento rápido e confere alguma proteção da visão.

Necessidade de atenção constante para evitar câmeras, viaturas e transeuntes.

Preocupação de não pixar em imóveis ou lojas de conhecidos e amigos.

O suporte pixado interfere bastante no resultado, tanto devido ao material quanto ao espaço, que pode forçar o pixador a usar uma tag mais compacta.

O sentimento de adrenalina é constante e estimulante e a partir do primeiro muro pixado a vontade é de continuar marcando o máximo possível.

A presença de mais de um pixador é muito valorizada, pois enquanto um pixa o outro observa as ruas e se prepara para avisar em caso de chegada de policiais ou do dono do muro.

Ao fim do rolê se cria um verdadeiro sentimento de companheirismo e cumplicidade, e a adrenalina continua alta durante um bom tempo.

APÊNDICE D – Livro Objeto



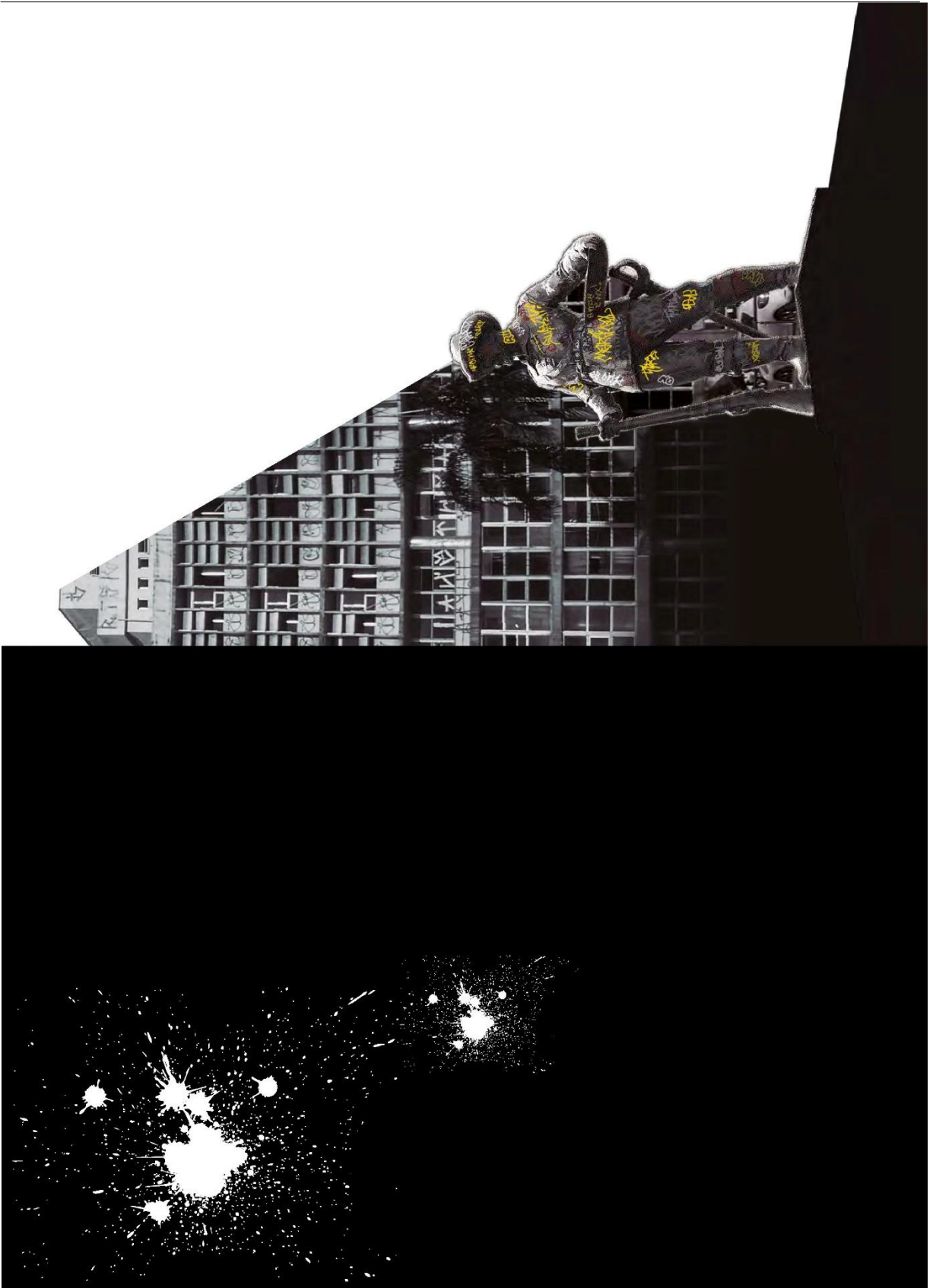
POP

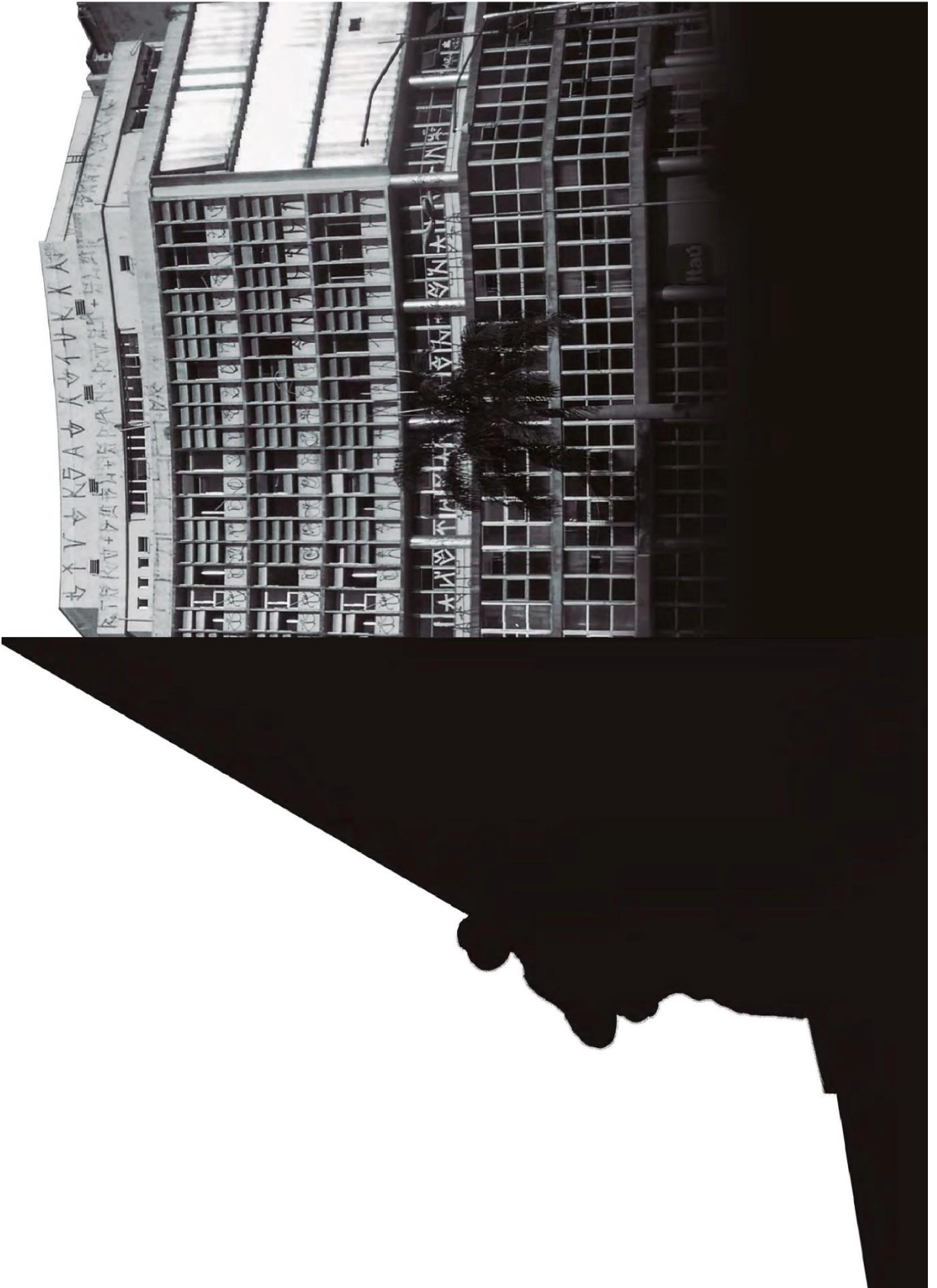
Tipos Suspeitos

Laís Santiago de Menezes
Lucas Mendes Oliveira
Natasha Hoshino

BANDEIRANTES

303 B 303 B





O livro que você tem em mãos trata da pixação¹ (sim, com "x") no ambiente da cidade de Goiânia e é fruto de uma pesquisa para TCC que envolveu conversas com pixadores, registros fotográficos e um mergulho na realidade do pixo goiano. Não buscamos fazer apologia ao vandalismo nem tomar partido nas disputas entre os governos e os pixadores, também buscamos não expor nenhum pixador que tenha ou não participado do processo. Se ao ler este livro tenha interesse por conhecer melhor o assunto é só procurar na internet ou seguir as diversas recomendações que fazemos ao longo das páginas, de livros, filmes, artigos e até músicas que nos ajudaram nessa jornada. O relatório (ou monografia) do TCC pode ser encontrado no repositório da UFG (Curso Design Gráfico, 2018) e apresenta o projeto por uma visão bem mais acadêmica e relacionada com o design.

Ah! e caso não esteja acostumado com o proceder e o dialeto é só dar uma conferida no Glossário (página 57).
Boa leitura!

¹ Baseado nos estudos de Gustavo Lassala (Pixação não é Pichação, Altamira Editorial, 2ª Edição 2017)



Nossos caminhos certamente são muito diferentes. E este livro resultado do nosso Trabalho de Conclusão de Curso em Design Gráfico contou com incentivo de muita gente e especialmente dos nossos professores, pais e amigos.

Gostaríamos de agradecer notadamente nosso professor e orientador deste projeto, **Flávio del Lima**, que tem nos iluminado durante esse percurso. E também à

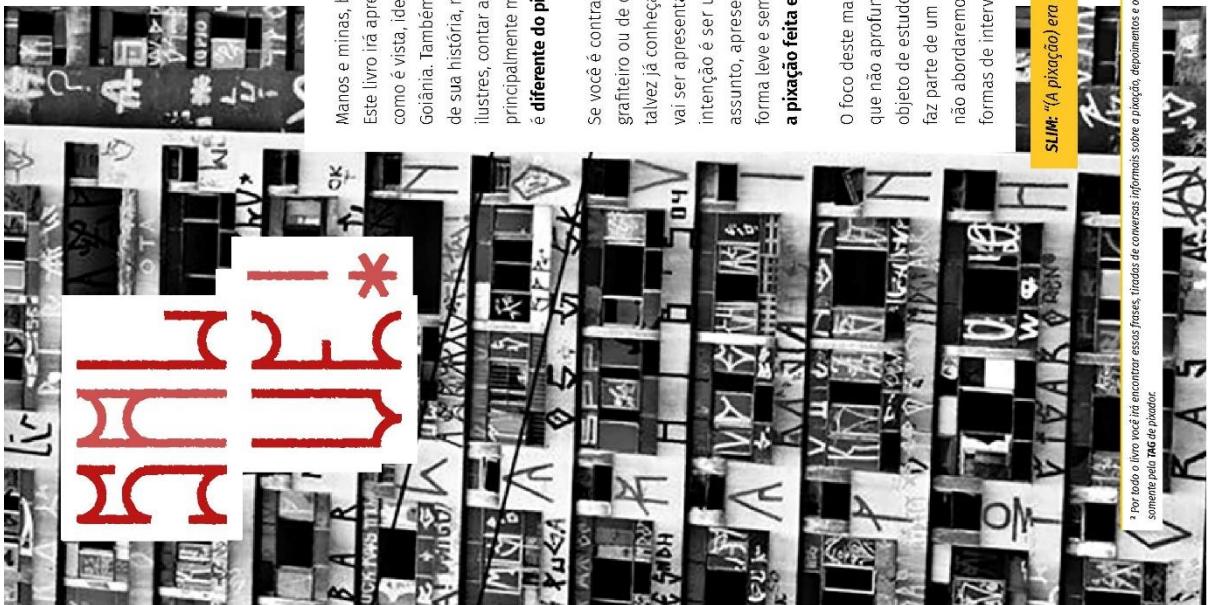
Jordana Alves que nos cedeu algumas de suas fotografias incríveis para compor este livro. E também a **Gustavo Lassala** e

Tiago Rodrigues por nos mostrar que é possível estudar a pixação no design.

E à muitas outras pessoas que de alguma forma contribuíram para o nosso desenvolvimento:

À todos vocês nosso muitíssimo obrigado.





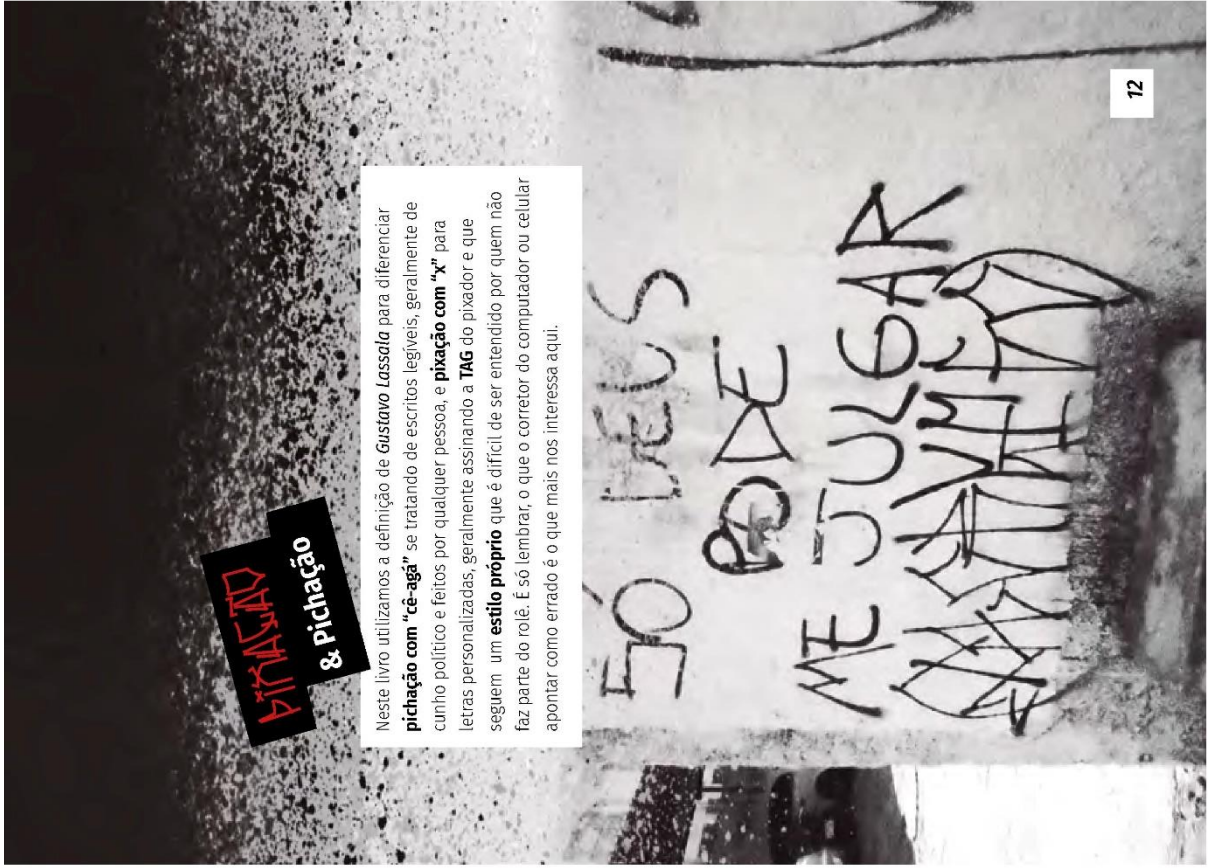
Manos e minas, bem vindos ao rolê! Este livro irá apresentar a pixação como é vista, idealizada e feita em Goiânia. Também vai contar um pouco de sua história, mostrar alguns locais ilustres, contar algumas tretas e principalmente mostrar como e porquê é **diferente do pixo do resto do Brasil.**

Se você é contra, à favor, pixador, grafiteiro ou de outra forma envolvido talvez já conheça um pouco do que vai ser apresentado aqui, mas nossa intenção é ser uma introdução ao assunto, apresentando de forma leve e sem compromisso **a pixação feita em Gyn.**

O foco deste material é ter, mesmo que não aprofundada a pixação como objeto de estudo. Entendemos que faz parte de um movimento, mas não abordaremos o graffiti e outras formas de intervenção urbana.

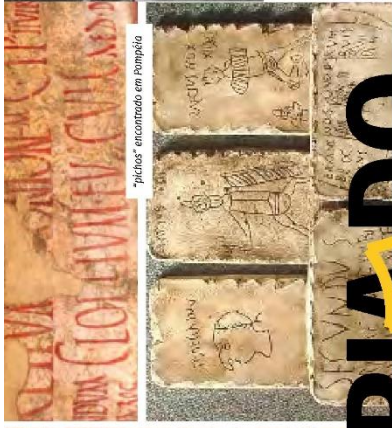
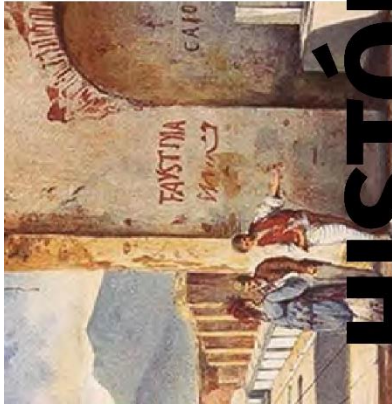
SLIM: “(A pixação) era muito mais tabii antes.”²

² Por todo o livro você irá encontrar essas frases, tiradas de conversas informais sobre a pixação, depoimentos e outras fontes. O autor não identificou somente pelo TAG de pixador.



PIXAÇÃO & Pixação

Neste livro utilizamos a definição de **Gustavo Lassala** para diferenciar **pixação com “cê-agá”** se tratando de escritos legíveis, geralmente de cunho político e feitos por qualquer pessoa, e **pixação com “x”** para letras personalizadas, geralmente assinando a **TAG** do pixador e que seguem um **estilo próprio** que é difícil de ser entendido por quem não faz parte do rolê. É só lembrar, o que o corretor do computador ou celular apontar como errado é o que mais nos interessa aqui.



HISTÓRIA DA GRAFITI

O uso de **tinta spray** para escrever em muros e outros locais começou logo na sua invenção durante a **Segunda Guerra Mundial**, onde já haviam protestos contra Hitler na Alemanha nazista.

Mais recentemente, na França a pichação de cunho político foi bastante utilizada, principalmente em maio de 1968 em forma de protesto e questionamento contra instituições de ensino, com frases icônicas (traduzidas) como: "Consuma mais, viva menos" "Sejam Realistas, demandem o impossível" "É proibido proibir" "Corra, camarada, o velho mundo está atrás de você!"

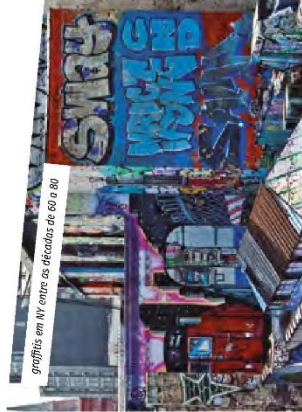
Lá eram escritos de forma simples, com letras maiúsculas, legíveis e em vermelho. Segundo arqueólogos, eram feitas pelo povo comum e também escritas e envolviam situações cotidianas, declarações de amor, críticas, políticas, xingamentos etc. Algumas frases traduzidas de Pompéia: "Ao que defeca aqui, que tudo dê certo para que você possa ir embora." "Gaius Sabinus deixa um olá amigável ao Statius. Viajante, coma pão em Pompéia mas vá a Nocera para beber. Em Nocera, a bebida é melhor." "Em 19 de abril, eu fiz pão." "Philerus é um etnuco!"

história antiga

A humanidade sempre escreveu na parede desde a pré-história, mas o que podemos considerar como as mais antigas manifestações escritas pelo povo em paredes ou locais públicos como forma de protesto ou chamar atenção foram os escritos de Pompéia, preservados até hoje sob sedimentos da erupção vulcânica.

A pichação na qual iremos nos focar, em que os pichadores escrevem suas tags e espalham o nome pelos muros da cidade, pode-se dizer que começou em **Nova York nos anos 60 e 70** com figuras como **TAK183, JULIO204, JOE136**, e outros. Esses jovens escreviam seus nomes ou apelidos seguidos do número da rua, uma forma de marcar território que chamou a atenção do **jornal The New York Times** que fez uma entrevista com TAKI.

A pichação nova iorquina logo se espalhou pelos vagões de metrô e se mantém muito relacionada com o grafite, e uma curiosidade é que ambos são chamados de graffitti em inglês e em muitos lugares até os murais são proibidos.

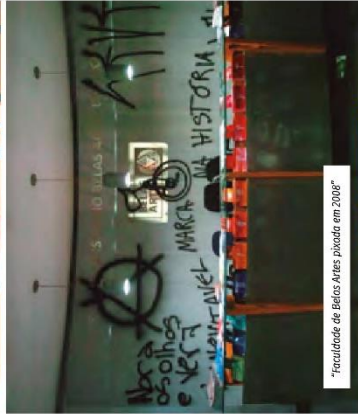




história recente

Desde esses tempos a pichação foi evoluindo e se diferenciando da pichação, que ainda é utilizada para protesto mas se distanciou dos pichadores que buscam reconhecimento entre si. Em 1992 no Rio de Janeiro uma das pichações mais notórias foi do **relógio da Leopoldina**, que fica a 110 metros de altura, com a frase "Picho porque sou revoltado", mais recentemente em 2010 **o Cristo Redentor** foi pichado com a frase "Cadê a engenheira Patrícia?" relacionada ao desaparecimento de uma jovem em 2008. Em São Paulo um dos pichadores mais famosos foi #DJI, conhecido por marcar seu nome no Conjunto Nacional, na demolição da mansão Matarazzo e em muitos outros topos de prédios até sua morte em 97 numa suposta briga de bar.

Em 2008 em São Paulo a **Faculdade de Belas Artes** foi pichada por mais de quarenta pichadores liderados por Rafael PixoBoml, que apresentou o rolê de picho como seu trabalho de conclusão de curso.



"Biennial Internacional de Artes de São Paulo pichado em 2008"

Para conhecer melhor a história da pichação e suas figuras recomendamos:

Os sites
<http://besidecolors.com/category/pixacao-2/>
<http://entrevistastumulos.blogspot.com.br/>

Os Filmes
PIXO (Brasil, 2009, dirigido por Roberto T. Oliveira e João Wainer)
Cidade Cinza (Brasil, 2013, dirigido por Marcelo Mesquita e Guilherme Vailengo)

Os Instagrams
@pixo_do_bom
@besidecolors
@artevandal
entre outros
@spvandalismo
@pixo_arcao
@criptadjan

Os Vídeos
100comedia (filmados, editados e produzidos por CriptaDjan)

Os livros
Pichação não é pichação (Gustavo Lassala, Alameda Editora, 2ª Edição 2017)
Xampi (João Marcelo, 2017)

As músicas
Hino - Dv Tribo
Pisar é Humano - Grilo 13
Meus amigo pichador - FBC
Irmãos de Tinta - James Ventura
Noite Fria - Rodrigo Ogi

No mesmo ano a **Bienal Internacional de Artes de São Paulo** foi também alvo do picho com frases como "Abaixa a ditadura", "Fora Serra", e "Liberte os urubu". Na Bienal seguinte, de 2010, pichadores foram convidados a expor suas letras, entre eles Cripta Djan, que se tornou um porta-voz do movimento em São Paulo e já tinha levado a pichação de SP para a França em 2009 e depois em Berlim em 2012 e continua trilhando esse caminho entre as galerias e os muros, com sua série "Criptografia Urbana".

Em 2016 Frek, Maru e Gorma foram acusados de pichar a **Igreja de São Francisco de Assis** em Belo Horizonte, no mesmo ano em que um desastre causado por negligência de uma multinacional causou mortes e destruição no interior mineiro. Tudo gerou grande repercussão, com protestos e eventos de pichadores para arrecadação de doações e mensagens de apoio à Goma, que foi condenado a 3 anos e quatro meses de prisão em regime semi-aberto em 2017.



SUM: "Em São Paulo não é igual ao Rio de Janeiro, que não é igual à Brasília que não é igual à Goiânia. As cidades são diferentes, e o fato da cidade ser diferente influencia no desenho da letra."

Para introduzir a cidade de **Goiânia**, apelidada de **Gyn**, vamos explicar um pouco da sua história: a cidade foi construída no contexto da Marcha para o Oeste, para ser uma grande cidade no Centro-Oeste próxima da nova capital Brasília e também se tornar a nova **capital do estado de Goiás** (antes era Vila Boa ou "Goiás Velho"). O local escolhido ficava ao lado do município de Campinas, que acabou sendo incorporado à cidade quando esta foi **construída, em 1935** com os bairros planejados **Centro, Sul, Oeste e Norte**. No coração da cidade fica o **Palácio das Esmeraldas, na Praça Cívica**, de onde saem as três avenidas mais antigas:

Araguaia, Goiás e Tocantins, que se encontram com a **Paranaíba** na outra ponta. Goiânia foi inaugurada oficialmente em **1942** e na **década de 50** teve grande desenvolvimento urbano e populacional, atingindo um milhão de habitantes somente em 1996.

17

Goiânia foi uma cidade construída bem tarde e com uma arquitetura **Art Déco**, ou seja, muitas casas grandes e com fachadas decoradas com formas naturais e poucos prédios; principalmente no Centro e Sul. O bairro de Campinas foi ter seu primeiro prédio maior que dois andares há menos de dez anos, então se comparada com outras metrópoles **possui uma paisagem pouco verticalizada**, e nos anos 2000 **era a segunda cidade com maior área verde por habitante**. Todas essas características fizeram com que a pixação de Gyn se desenvolvesse de uma forma diferente e muito interessante.



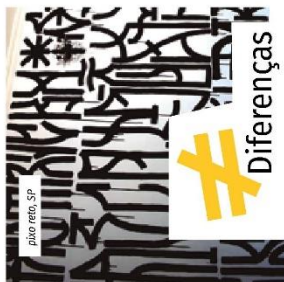
Começando pelos mais famosos: os

paulistas fazem seu estilo **pixo reto (ou tag reto)** utilizando rolinhos em paredes de prédios, de preferência nos locais mais altos para dar mais ibope, e por conta dos rolinhos as letras são mais retas e grandes, para ver bem de longe. O **xarpi** carioca é um estilo mais arredondado e cheio de curvas e é mais usado para escrever tags individuais e feito em qualquer tipo de local, incluindo paredes de pedra que preservam os escritos durante muito tempo. Também existem outros estilos em todo o Brasil, como o baiano, que possui letras super decoradas, o de Brasília, que parece muito com o goiano, entre outros.

Importante falar sobre o **estereótipo**, principalmente pelo que chega até as pessoas em geral, do **rolê paulista** que é sempre um

sujeito pobre que mora na periferia, escuta rap, estudou em escola pública e vai pizar sua indignação. Pelo que percebemos pela pesquisa e opiniões de vários pixadores, o **rolê de Gyn é "gourmetizado"**, geralmente é **classe média** ou até alta que tem condições de comprar as latas de spray, mora em bairros mais elitizados e pixa no centro, no próprio setor ou na periferia e na escola particular. Não tem nada a ver com rap, nada a ver com questão social, é sobre **se expressar no pixo**, ter uma adrenalina ou outros motivos pessoais. Muitas escolas de Goiânia são pixadas, desde as paredes do colégio público ou escondido no banheiro da particular e debaixo das carteiras da faculdade. Em alguns lugares que eram proibidos qualquer expressão (como a FAV UFG, por exemplo e os monumentos tombados no centro, como o monumento das 3 raças) recentemente foram pichadas.

18



O evento pelo qual Goiânia ficou mais famosa foi o acidente com a substância **Césio-137 em 1987**, quando um equipamento descartado que continha a substância foi encontrado por pessoas que não sabiam do que se tratava e acharam bonito seu brilho no escuro. Em pouco tempo muitas pessoas foram contaminadas por radiação e ocorreram diversas mortes, sendo essa tragédia considerada **o mais grave acidente radiológico em região urbana**. Daí veio a ideia do projeto **Píncel Atômico**, uma das primeiras formas de intervenção urbana na cidade, criado pelos artistas **Edney Antunes e Nonatto Coelho** que fizeram murais com mensagens de conscientização e desenhos coloridos. O local onde ocorreu a tragédia é atualmente um lote onde é proibido a construção e apresenta um grafite com tema relacionado.



ALFABETO

que das rivali
povis, festas ou poles
e N

NET: "(...) E aí a galera vai fazendo os alfabetos, e no começo são alfabetos bem simples. Alguns letras eles não usam, por exemplo o 'X' é muito difícil de usar. Tem um cara que o apelido dele é sexo, ele usa, mas são muito poucos até porque não tem muito nome."

Como explicamos antes, cada pixador busca desenvolver um **estilo de letra próprio**, que chamamos de alfabeto pois se desenha cada letra e as vezes até os números. Geralmente o alfabeto surge depois da tag, quando o pixador quer escrever algo além da sua própria assinatura, mas pode ser feito antes também. Os **alfabetos goianos** apresentam **letras com curvas, pontas e em geral bastante rebuscadas** mas também existem muitos pixos em Gyn que seguem um estilo mais reto, parecido com a tag paulista. As letras são desenvolvidas da mesma forma que a tag, praticando seu desenho em folhas, seja um desenho por letra até o "z" ou desenhando cada letra até ficar satisfeito com o resultado.

de Goiânia, ensaie são mais barredonadas.

como entender a pixação

o nome sua forma um modo de fazer

Um dos desafios de quem quer aprender a ler as letras é que **não existe um dicionário de pixação** e cada um tenta fazer sua letra com **um estilo próprio**, o que torna ainda mais difícil de entender. Algumas dicas de experiência própria que podem ajudar os iniciantes:

- Veja as legendas deste livro e tente relacionar cada letra com o desenho no muro
- Use o contexto! Se é uma palavra de **5 letras** e você conseguiu identificar somente as **3 finais "LVE"** tente pensar que palavras terminam assim, provavelmente será "salve"
- Tente reproduzir o desenho: assista vídeos de alfabetos ou tente copiar o desenho com a mão e veja que letra tem um desenho parecido. Com o pixo goiano, que é bastante rebuscado, dá pra notar que **alguns movimentos definem as letras**, como as duas barrigas do "B" ou o pingo do "i", o resto geralmente são enfeites para diferenciar.

É importante lembrar que enquanto não tem problema copiar outros alfabetos para aprender, copiar letras muito específicas pode trazer problemas! A dica é sempre tentar conseguir um padrão entre as letras, como uma fonte de computador que possui, por exemplo, a parte de dentro do "o", "d" e "b" geométricas ou a altura das maiúsculas iguais. Na pixação dá pra fazer isso usando um formato parecido para as letras "o", "q", "u", por exemplo; no fim a escolha é sua, encontre seu estilo.



MARCA

Materiais, superfícies e técnicas

A pixação é mais associada ao spray em Goiânia, mas também se encontra pixação usando rolinho, posca, canetão, giz branco, corretivo, caneta bic, giz de cera, etc. Neste capítulo vamos falar sobre os materiais mais utilizados e os locais também em que o pixo é feito.

Canetão

Com o "nome científico" de **pincel atômico ou marcador permanente**, esse material é usado em **pixos menores**, geralmente uma tag na parede do banheiro, na porta, no vidro, em azulejos, etc. Tem uma **fixação boa em grande parte dos materiais**, incluindo madeira e metal, e geralmente se usa na cor preto mas existem coloridos. É o mais indicado para treinar em folhas, usa movimentos parecidos com o da escrita normal, é relativamente silencioso, barato e portátil.



FONG: "É tem duas formas, que é do rolinho e do jet mesmo. Que o jet tá lá para fazer uma coisa rápida. Agora o rolinho é mais da galera (que) improvisa no cabo pra fazer um pixo alto, tipo bem alto."

FONG: "Outra coisa que eu lembrei também são os canetão né de você assinar dentro de banheiro de lugar, eu usava muito a posca que eu achava tranquilo de fazer."

Além dos tipos mais comuns, que costumam vir com ponta slab ou arredondada, existem os do tipo dripper / squeeze, um recipiente com a tinta que pode ser recarregado e ao apertar deixa marcas de escorrido. O site da hubik oferece canetões desse tipo próprios para arte urbana (<http://www.hubik.com.br/>)



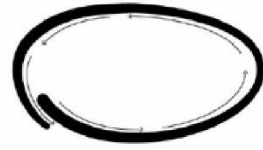
23

24

Jet

Apelidada de jet, a **tinta spray** é o material mais comum para pixação em Gyn, e o **símbolo da pixação em geral**, tendo sido até proibido sua venda para menores de idade como uma tentativa de combater a pixação (não precisa dizer que não deu certo). Os iniciantes podem notar uma grande diferença e até dificuldade no uso, com os primeiros trampos saindo bem diferentes do desejado. Existem diversas questões na hora de usar spray, como **a distância da parede, o tipo de cap, o tempo do jato e até os movimentos a se fazer**.

Existe também um outro tipo de spray, feito com borrifador em que o pixador regula a pressão e faz letras mais grossas e espalhadas, como um super fat cap. Confira este vídeo exemplificando a técnica: <https://www.youtube.com/watch?v=H9wV8GF6Ow>



Posições do bico de spray e o resultado do traço.

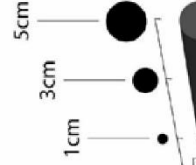


NET: "Sempre spray, Colorgin que era o mais viável."

SLIM: "A cor vai do spray mais barato."

Além do borrifador alguns pixadores usam extintores adaptados, principalmente no exterior, dando um efeito parecido ao borrifador.

O spray é o mais esparrrado, faz bastante barulho e gasta mais tempo caso o pixador ainda não esteja acostumado. Caso o interventor seja pego pela polícia portando um spray, precisará de muita criatividade para explicar...



Quanto maior a distância, maior a espessura do traço.

"Imagem do ICC de Vinga Rodrigues sobre a pixação em Goiânia, em que foi feita uma análise de como os traços são feitos incluindo até o movimento das mãos."

25

Rolinho

Mais comum em **São Paulo** por ser uma cidade com prédios muito altos, o rolo de tinta é uma opção mais barata que o jet sendo que uma lata de tinta dura mais, porém torna muito difícil fazer as formas curvas do pixo goiano. Se encontra pixo com rolinho em Gyn, embora somente em alguns lugares bem específicos como no alto de prédios e na **Marginal Botafogo**.



SENE: "Boa parte é spray mano. Quem faz grafite usa muito tinta látex né, pra fazer com o rolinho e tal, pega uns espaços maiores. Só que os muros aqui de Goiânia são muito chapiscados né aí acaba com os rolinhos. Dava pra fazer, mas o spray é a melhor opção."



"Tinta látex usada na pixação"



"Rolinho Bros, Tony Demarco"



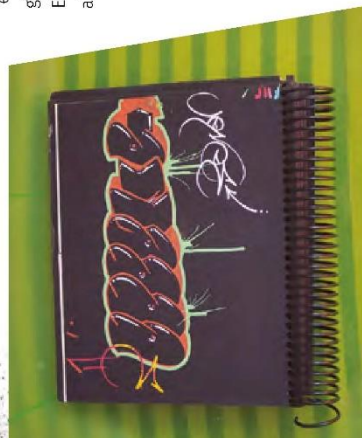
"Rolinho Bros, Tony Demarco"



26

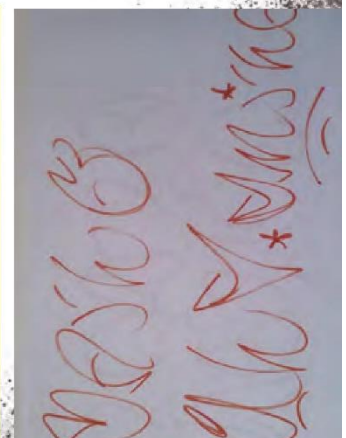
Superfícies

Quando se pensa em pixo logo se associa paredes de casas e muros, locais abertos e "públicos", mas a pixação aparece em muitos outros locais e mandar em um lugar inusitado gera muito mais íbopé.



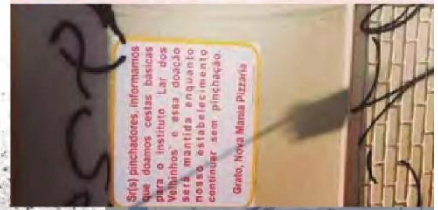
Papel

O pixo em papel, seja ele folhas de caderno ou outro papel diferenciado é mais utilizado para prática e para compartilhar **folhinhas**, e feito com canetão, caneta, lápis, corretivo, giz de cera, canetinha, o que estiver na mão. Esse livro foi feito em um papel de gramatura alta, pensando na possibilidade de ser usado para treinar ou colecionar tags.



Paredes e muros

As paredes são algo difícil de se definir, pois podem ser pintadas, de tijolo, com chapiscado, com massa branca e diversas texturas que interferem na tinta, principalmente na tinta de canetões e outros materiais mais fracos. Por isso **geralmente se usa jet** em paredes e muros, embora dependendo do lugar ainda pode escorrer ou não pegar bem a cor. Ainda assim, as paredes são os locais mais desejados e também os que são mais facilmente pintados para esconder o pixo. É comum vermos em muros de instituições como escolas e hospitais placas escritas "Sr pichador, informamos que doamos cestas básicas para uma instituição de caridade enquanto a parede estiver sem pichações" e coisas do tipo, buscando apelar para a empatia do pichador, o que costuma funcionar.



NET: "Vocês viram ali? Pintaram o muro tá novinho. A gente tava animadão [sic] pra pegar ele, quem chegou primeiro venceu. Se tem um muro novo, 'pow a galera pegou antes de nós'. A satisfação... Como é bom um muro branco. Não vai ser o ôbrio que vai parar a pixação. O que ele fez foi renovar o processo."



29

Busão

Os ônibus de Gyn são alvo das pixações de galeras e pichações mais legíveis também, e sempre concentradas na parte de trás e distribuídas nas costas dos bancos, nas próprias paredes internas e nos vidros. Na maioria das vezes são feitos com canetão ou caneta normal, corretivo ou giz e raramente com spray (geralmente relacionados a manifestações e protestos estudantis). Dependendo do lugar que é pixado pode dar uma visibilidade grande ou ser apenas uma curiosidade escondida, que passa despercebida no geral.

SLIM: "Hoje em dia tem uns spray cabuloso. Uns spray que não saem da porta. Usava muito canetão também, mas mais pra tag, orelhão assim. Ônibus"



SLIM: "Eu comecei na escola mesmo, eu estudei em escola pública, tinha pichação para todo quanto é lado e aquilo me fascinava muito. Eu sempre gostei muito de grafismos, eu nunca fui o cara do grafite porque eu nunca fui bom em desenho então eu gostava muito de grafismo. Livro de história eu pirava porque tinha um monte de grafismo e letras e tal. Sei lá, sexta série já pixava. Por causa da influência do meu entorno, eu ia no banheiro e tinha um monte de pichação. E aí torcida também, mexia com torcida, era Força Jovem (Goitás)."



3 Força Jovem Goitás ou FJG é uma torcida organizada. Mais informações no capítulo treitos

Banheiros

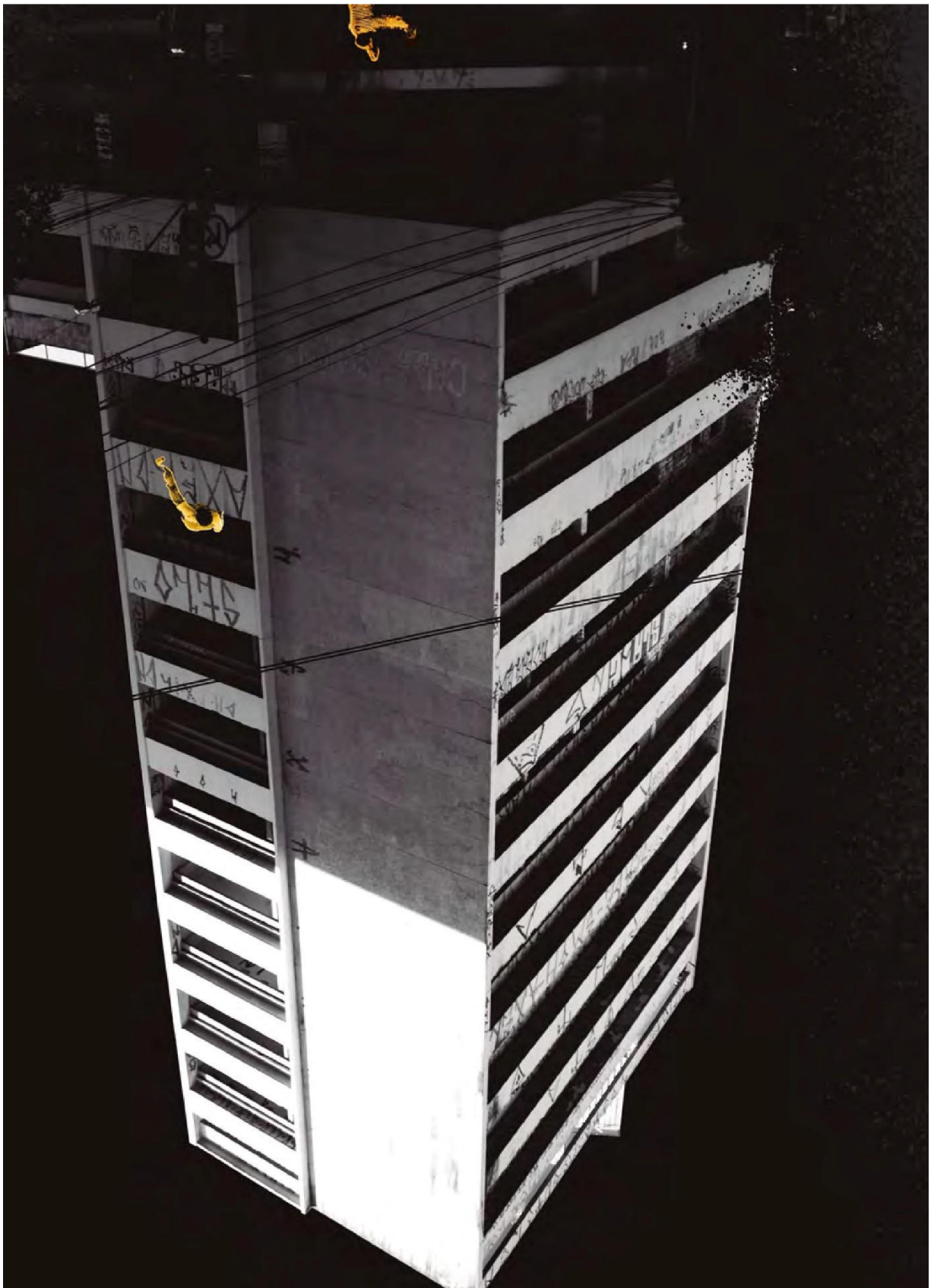
Os banheiros também são locais onde ocorre muita pichação, embora a exposição seja relativamente menor do que uma parede, é interessante pois será visto por um grupo mais próximo de pessoas: os alunos da mesma escola, a galera que vai no mesmo bar, etc. Uma das vantagens citadas pelos pixadores é o fato de geralmente ser um local sem câmeras, com privacidade e tempo de sobra. As paredes de azulejo e as portas de madeira tornam um pouco difícil o uso de outros materiais além do canetão (que são mais difíceis de se esconder, barulhentos) e não costumam durar muito.

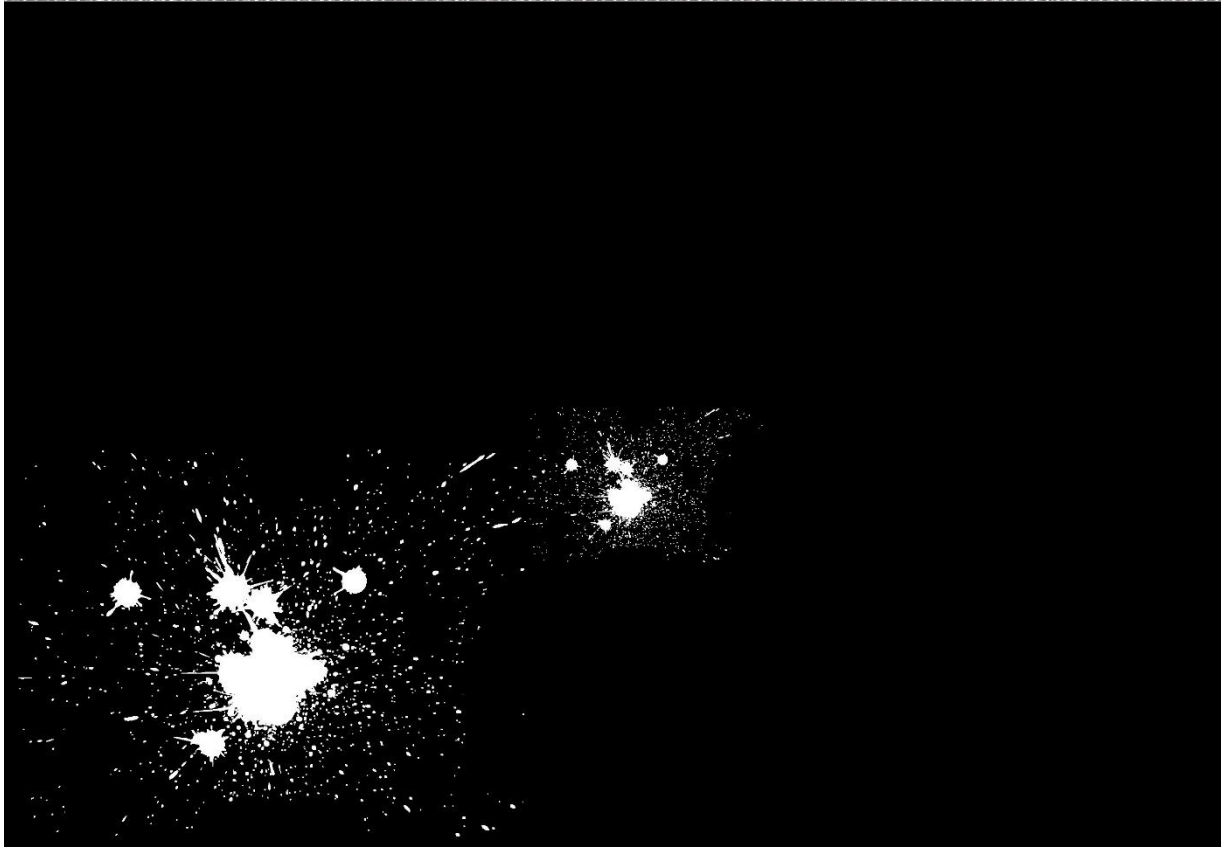
30

Outros

A pichação em portas de metal, portas retráteis de loja, lixeiras, postes, orelhões e outros locais também ocorre e costuma ser mais criativa, ocupando o espaço e interagindo com seu formato. Enquanto a maioria das pixações é feita com tinta preta em muros brancos ou de cor clara, essas pixações diferenciadas também costumam ser de cores diferentes para chamar mais atenção. Outra situação muito comum em que se usam cores diferentes, acontecem quando se vai comprar tinta e a cor preta já acabou.







FONG: "Antigamente era mais qualquer lugar que a gente achasse massa lá e pixava. Hoje está mais foda porque a gente já está com outra cabeça, em local que tem câmara assim a gente já fica (esperto), porque vai interferir na vida, trabalho, em tudo, a gente restringe mais a lugar meio que abandonado ou que sabe que não vai dar nada, que vai estar tranquilo."

Depois de entender como é feita a **tag**, aprender sobre a **história da cidade**, praticar o **desenvolvimento de um alfabeto e entender os materiais**, só falta conhecer o rolê de pixo, quando tudo toma forma e as histórias acontecem. O rolê pode ser entendido como o processo de sair de casa com um jet, rolinho ou canetão para pixar, seja sozinho, de galeria, de carro, a pé, de ônibus, com local em mente ou escolhendo na hora. **Não existem regras e os perigos são muitos.**

IBOPE

SLIM: "(...) Pixação é onde dá ibope, o lugar mais difícil e onde dá mais visibilidade. Como que esse cara subiu lá? Na avenida T7 por exemplo. (...) eu fui atrás dos picos que todo mundo deseja. T7, T9 são os lugares de pico de Goiânia. Acho que todo pixador busca isso. Tinha um pico que era o mais desejado do mundo que era muito engraçado, era ali no Marista onde tem as casinhas do exército e sempre tem um cara do exército. Tipo lá é o pico mais louco, tipo 'vou pixar com o cara do exército lá!' Já escrito do lado área militar. O cara lá lá pixava, no outro dia tava apagado. Ai o cara ia lá de novo e pixava."

IBOPE

O **salve** é quando um pixador escreve o nome de outra pessoa para chamar sua atenção, provocar, fazer uma homenagem (alguém que morreu) ou simplesmente porque a pessoa pediu. Em Gyn acontece muito, e as vezes também ocorre uma resposta após um tempo, da pessoa que recebeu o **salve** e escreveu algo ao lado.

GALERIAS E UNIÕES

SLIM: "A minha galera era muito Força Jovem aí a rivalidade era contra todas as galeras que eram Esquadrão. E MAG era sempre perto ali do Goiânia Shopping. E aí que tá, Militar perto do Flamboyant Shopping, lá era Esquadrão Jodido. Ai eu era de lá e tinha um amigo que morava na região do Goiânia Shopping que era MAG aí virei MAG."

A galera de **pixo**, também chamada de **crew**, grupo ou **gangue** é geralmente feita por **pixadores** que são do mesmo setor e acabam trazendo os amigos, mas também pode acontecer de ser chamado pra fazer parte de uma galera maior, no caso de um **pixador** de destaque o que acontece mais em SP. Uma galera é um grupo que costuma sair junto para **pixar** e acaba desenvolvendo um senso de lealdade ao longo do tempo, como um sentimento de pertencimento. Já as **uniões** ou alianças, chamadas de **grifes** ou famílias em São Paulo e no Rio, são galeras que andam juntas, mandam **salves** uma para outra e compartilham dos mesmo "inimigos". Infelizmente seria necessário um grande tempo de pesquisa para representar aqui todas as galeras de Gyn, sendo mencionadas somente as cujos **pixadores** contribuíram para a realização deste livro,

É importante também falar sobre as torcidas organizadas Torcida Esquadrão Vila Nova (TEV), do time Vila Nova Futebol Clube, e Força Jovem Goiás (FIG) do time Goiás Esporte Clube, que são dois times de Gyn que tem uma grande rivalidade que já dura muitos anos. As torcidas organizadas já levaram essa rivalidade para outro nível muitas vezes, causando mortes e só aumentando a rixa, que chegou também na **pixação**, com as galeras de setores que eram geralmente torcedores de um time sendo associadas àquela torcida. Além das galeras de **pixo**, também se encontra por Gyn muitos **pixos** (talvez até os mais legíveis) escrito somente FIG ou TEV, sem uma galera específica ou acompanhados de 139 IG ou algo do tipo. Algumas histórias e tretas sobre essas torcidas serão contados no próximo capítulo.

SENE: "Já, antes muito tempo com UPR (União dos Pixadores de Rua), UPG (União dos Pixadores de Goiânia), VSF (Vício sem fim), que era o Smiley, Wes, o Rubin né (SPOT), que hoje é grafiteiro pintou o Shopping do Cerrado."

PIXAÇÃO

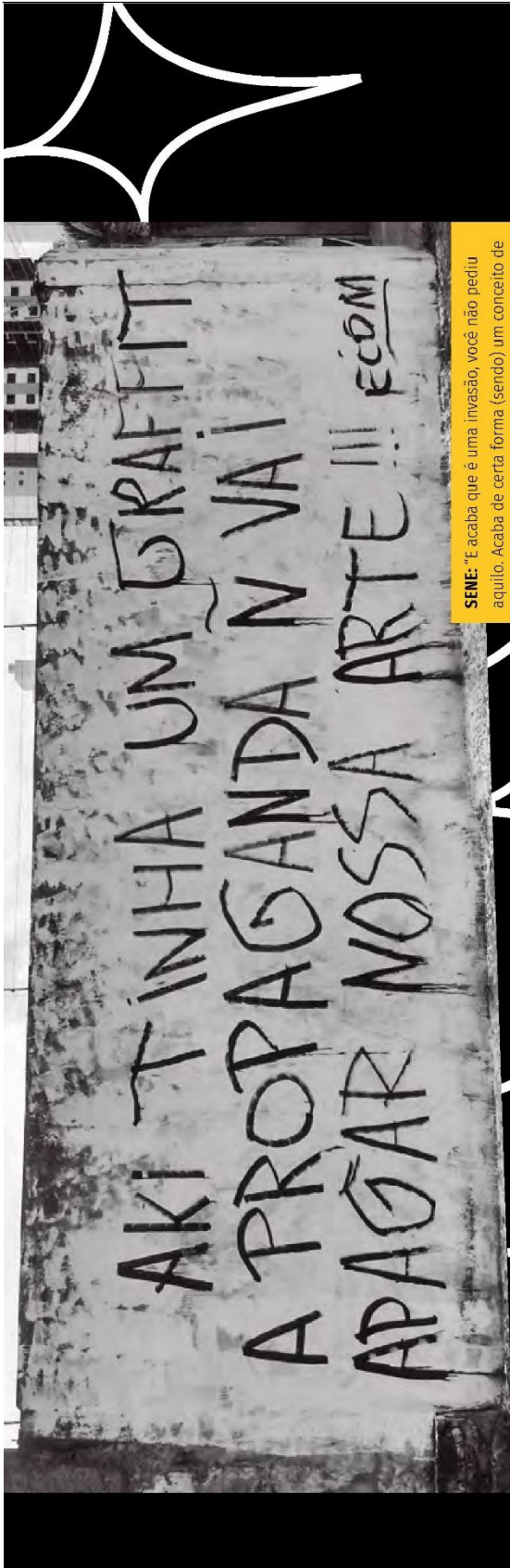
A pixação marca sua **presença na cidade de forma ilegal** mas muito similar aos outdoors, muros pintados com propagandas, pôsteres de eventos, e outras formas regulamentadas de se ocupar o espaço. Para alguns pesquisadores, **é uma relação de disputa**, não somente dos territórios, dos muros, dos espaços vazios, mas também da **percepção das pessoas**, que anda tão inundada de anúncios, ofertas imperdíveis, consumismo, que já nem percebe mais o que está a sua volta. O cenário das cidades está totalmente poluído e tomado por essas "pixações" das grandes empresas e do Estado, coisas que não queremos que estivessem ali, mas que nos são impostas e dentro da lei; a pixação chega da mesma forma, sem pedir licença, sem perguntar se vão achar bonito, a diferença é sua mensagem. Enquanto **o marketing busca atingir o máximo de pessoas** e aumentar sua base de clientes, **a pixação continua restrita a quem entende aqueles escritos**, a pixação não quer ser aceita e quanto mais causar contraste melhor.

Espalhando suas marcas pela cidade, nos picos mais visíveis e desejados, o pixador enfrenta essa dominação, e **faz com que seu próprio pixo se torne sua propaganda**, sua divulgação, mas não para vender produtos ou serviços, para ser visto pelas pessoas e mais importante ainda, para que ganhe íbope entre os outros pixadores. Cada nova pixação, sem atropelo, seguindo as "regras do pixo", fortalece todos os pixadores, desafia a sociedade e demonstra para os políticos que não adianta aumentar as penas, proibir tintas, pintar de novo os muros: a pixação vai existir enquanto for feia, proibida e marginalizada. Neste capítulo nos dedicamos a explorar a relação entre as pixações e o espaço que elas ocupam, com fotos especialmente selecionadas da pixação goiana.

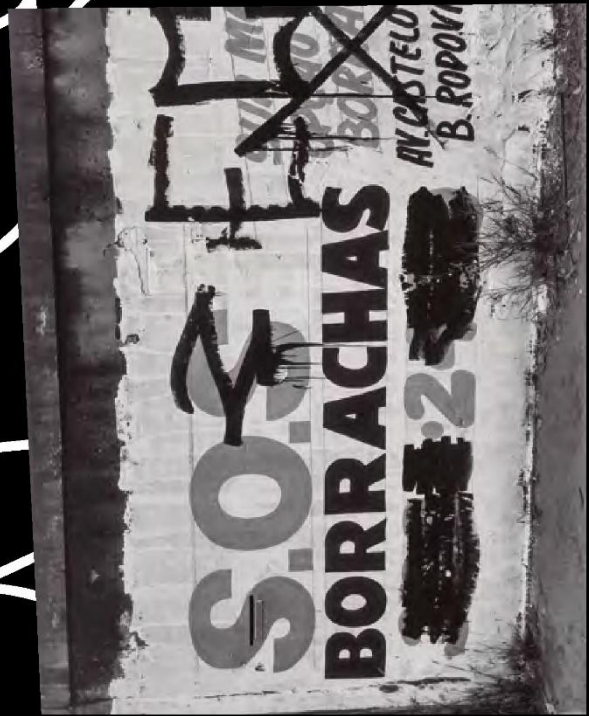
SLIM

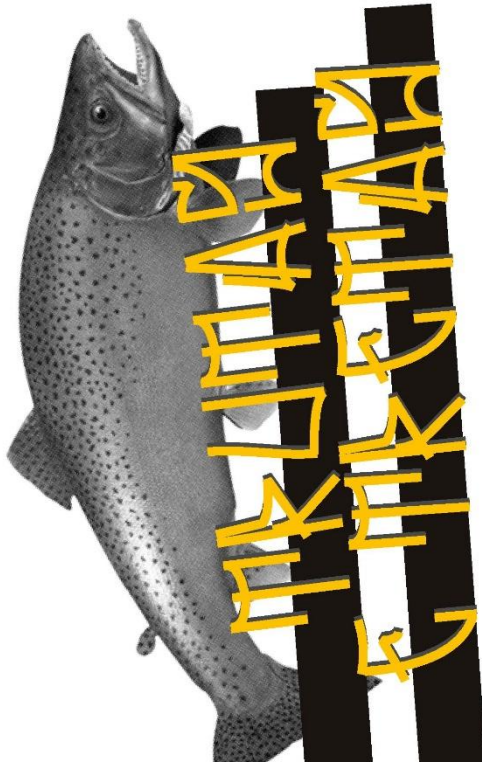


SLIM: "É um pixo. Eu não quero que aquilo esteja ali e está lá. Eu prefiro ver um pixo que um outdoor."



SENE: "É acaba que é uma invasão, você não pediu aquilo. Acaba de certa forma (sendo) um conceito de pixação, você tá ali rolando um stories, de repente uma propaganda (que) você não pediu. Uma pixação."





Depois do rolê ficam as histórias: a marca na parede de um rolê que deu certo, a revolta com a polícia depois de levar um baculejo, as tretas com as galerias rivais, etc.

Neste capítulo vamos apresentar alguns aspectos do rolê como a relação com a polícia e o código penal, algumas ações do governo para combater a pixação, tretas entre galerias, atropelos e alguns depoimentos de histórias de rolê.

SENE: "Os caras (meus amigos) pixaram

minha casa! (...) Queriam matar eles. Era onde eu morava mas não era meu, pior ainda né, porque o cara sabia que eu era pixador. A gente chegou de um rolê, foi na época que eu já fazia grafite; tava chovendo bastante, tinha um tólio a gente ficou esperando lá eles tinham um carro velho eu falei: "ô vocês esperam aí, vão embora que eu vou entrar pra minha casa". No outro dia de manhã tava tudo pixado a porta."

Aqui estão representadas as leis que se relacionam com a pixação, de forma editada somente com as informações diretamente relacionadas, para conferir as leis na íntegra acesse o link indicado nas fontes:

LEI Nº 12.408, DE 25 DE MAIO DE 2011.

Art. 1º Esta Lei altera o art. 65 da Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998, dispondo sobre a proibição de comercialização de tintas em embalagens do tipo aerosol a menores de 18 (dezoito) anos, e dá outras providências.

Art. 2º Fica proibida a comercialização de tintas em embalagens do tipo aerosol em todo o território nacional a menores de 18 (dezoito) anos.

Art. 3º O material citado no art. 2º desta Lei só poderá ser vendido a maiores de 18 (dezoito) anos, mediante apresentação de documento de identidade.

Parágrafo único. Toda nota fiscal lançada sobre a venda desse produto deve possuir identificação do comprador.

Art. 4º As embalagens dos produtos citados no art. 2º desta Lei deverão conter, de forma legível e destacada, as expressões: "PIXAÇÃO É CRIME (ART. 65 DA LEI Nº 9.605/98). PROIBIDA A VENDA A MENORES DE 18 ANOS."

Art. 5º Independentemente de outras cominações legais, o descumprimento do disposto nesta Lei sujeita o infrator às sanções previstas no art. 72 da

Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998.
Art. 6º O art. 65 da Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998, passa a vigorar com a seguinte redação: "Art. 65. Pichar ou por outro meio conspurcar edificação ou monumento urbano: Pena - detenção, de 3 (três) meses a 1 (um) ano, e multa.

§ 1º Se o ato for realizado em monumento ou coisa tombada em virtude do seu valor artístico, arqueológico ou histórico, a pena é de 6 (seis) meses a 1 (um) ano de detenção e multa.

§ 2º Não constitui crime a prática de grafite realizada com o objetivo de valorizar o patrimônio público ou privado mediante manifestação artística, desde que consentida pelo proprietário e, quando couber, pelo locatário ou arrendatário do bem privado e, no caso de bem público, com a autorização do órgão competente e a observância das posturas municipais e das normas editadas pelos órgãos governamentais responsáveis pela preservação e conservação do patrimônio histórico e artístico nacional" (NR).

Art. 9º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

E referente às galerias de pixo, que podem ser enquadradas em formação de quadrilha:

LEI Nº 12.850, DE 2 DE AGOSTO DE 2013.

Art. 1º Esta Lei define organização criminosa e dispõe sobre a investigação criminal, os meios de obtenção da prova, infrações penais correlatas e o procedimento criminal a ser aplicado.

§ 1º Considera-se organização criminosa a associação de 4 (quatro) ou mais pessoas estruturalmente ordenada e caracterizada pela divisão de tarefas, ainda que informalmente, com objetivo de obter, direta ou indiretamente, vantagem de qualquer natureza, mediante a prática de infrações penais cujas penas máximas sejam superiores a 4 (quatro) anos, ou que sejam de caráter transnacional.

Art. 2º Promover, constituir, financiar ou integrar, pessoalmente ou por interposta pessoa, organização criminosa: Pena - reclusão, de 3 (três) a 8 (oito) anos, e multa, sem prejuízo das penas correspondentes às demais infrações penais praticadas.

§ 1º Nas mesmas penas incorre quem impede ou, de qualquer forma, embaraça a investigação de infração penal que envolva organização criminosa.

§ 2º As penas aumentam-se até a metade se na atuação da organização criminosa houver emprego de arma de fogo.

§ 3º A pena é agravada para quem exerce o comando, individual ou coletivo, da organização criminosa, ainda que não pratique pessoalmente atos de execução.



LEIA BO PIXO

FONG: "Aconteceu também na 84, tinha um mural de grafite que apagaram para colocar propaganda, aí pintaram de novo e fizeram a arte em cima e ainda escreveram 'vamos ver quem tem mais tinta.'"

9NAS: "Teve um aqui por perto também na Anhanguera. Apagaram tudo e fizeram propaganda. Aí amularam tudo também."

VANT: "Nossa isso é o que mais tá acontecendo. Na marginal tinha um tanto que foi tampado por letreiro, aí um outro amigo meu foi lá e pintou por cima, aí tinha uma série de grafites que pintaram com letreiro, aí a galeria foi lá tampando os letreiros. Já teve caso de o cara que tambou com o cara pintando letreiro e deu uma coça nele, de ligar pros letreiros e ameaçar."

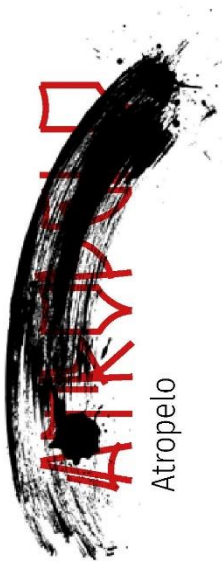
O movimento do pixo não é formal, mas tem suas regras, sua etiqueta; se você não respeita os outros pixadores pode acabar sendo excluído e se tornando alvo das pixações, como ocorreu com o Choque Cultural em São Paulo, quando pixadores atacaram as fotografias que tinham sido feitas sem autorização. Rola bastante aqui em Goiânia quando uma empresa ou o dono de um muro pinta em cima de um grafite (que às vezes até era autorizado) para colocar propaganda, a galeria não perdoo, pixa em cima e "anula" as propagandas, escondendo telefones e nomes.

§ 4º A pena é aumentada de 1/6 (um sexto) a 2/3 (dois terços): I - se há participação de criança ou adolescente;

II - se há concurso de funcionário público, valendo-se a organização criminosa dessa condição para a prática de infração penal;

IV - se a organização criminosa mantém conexão com outras organizações criminosas independentes.

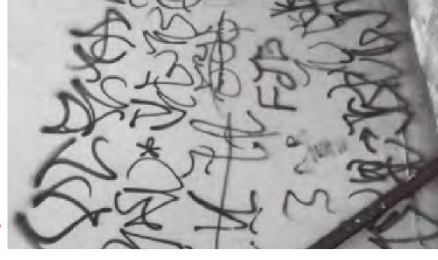
SLIME: "(Sobre a exploração comercial da pixação) Em Goiânia isso pode ser recebido de outro jeito, em São Paulo isso é apedrejado. Tem aquela galeria que eles criaram uma exposição com o Choque Cultural. Criaram uma exposição (fotográfica) sobre a pixação, os pixadores chegaram lá e pixaram tudo. É muito essa relação. Pra mim a pixação é a resistência desse movimento que tá acontecendo com o grafite. O grafite abriu as portas e a pixação é a resistência, 'nunca vão me dominar.'"



Atropelo

Uma das piores coisas que se pode fazer é atropelar ou anular uma pixação, o que acontece quando um sujeito faz seu pixo sobre outro já existente, ou ao passar uma linha horizontal cortando o pixo, geralmente acompanhada da tag do anulador e às vezes algum xingamento. Isso é motivo de "treta" certa, e na maioria das vezes é feito de propósito, para gerar brigas, principalmente entre as galeras que já tem uma rixa longa como FIG e TEV. E esses desentendimentos podem durar muito tempo, com um anulando o outro até possivelmente explodir um confronto físico, como acontecia com frequência no passado de "marcar brigas".

- SLIM:** "A pixação em Goiânia é muito caracterizada por briga, é a galera que tromba os cara de cá, na época pelo mIRC marcava de tretar. 'Seis horas nós vamos pro Flamboyant e o pau vai quebrar!' E o pau quebrava."
- NET:** "Mesmo esquema. Escola... eles lá eram Força Jovem também. Lá na minha região, não era igual a gente vê hoje em dia que são só assinaturas, os apelidos e a galera: lá na minha região era só Pow fulano anulou não sei quem...! O pau vai comer. TEV (Forcida Esquadraão Vila Nova) e FIG (Força Jovem Goiás) pixado. O anulador era um negócio muito icônico." Então lá na Região Noroeste só pixava FIG e TEV, aí um anulava o outro, 'pau no ar', a guerra era nos muros."



TREITAS DE GALERAS

TREITAS DE GALERAS

9MAS: "Antigamente, na época mesmo que eu tive minha primeira galerinha de pixo tinha muito disso, o pessoal meio que atravessava só para poder brigar mesmo. Tinha aquela parada de respeito pela maior galera de pixação, tinha um negócio de marcar briga, essas paradas de atravessar é meio que um encontro para isso, tipo assim você atravessava para daqui uma semana a galera visse e brigar."

VANT: "Tem até hoje, mas nem sempre só pelo pixo ou pela galera. Acontece muito por exemplo treta por causa de mulher, treta por desavença pessoal entre pessoas da mesma galera e cada um vira uma. Tinha também por exemplo DM com Neuroticos, já teve uma richa ainda tem, mas pessoal da DM que conhece galera do Neuroticos e sai pro rolê juntos, já tem outros que não gostam, mas no começo pixava junto e depois devido a briga de uma galera com a outra separou todas uma da outra. Mas não tem só por conta da pixação. Por exemplo teve um caso recente, tinha um cara que eu conhecia de uma galera e aí o cara representava bastante e ele foi e deu em cima da mulher do cara da própria galera dele. O cara pegou e meteu o pau nele. Aí já dividiu a galera, cada galera virou uma. O cara não deixa de representar no pixo, mas não tem mais aquela união né. Não é unido né de forma nenhuma. E aí por causa disso outro por causa de um fela 'ah o cara fez aquilo aí, então beleza então' aí tomaram a dor e não cola mais com o cara sabe."



Imagem de filme "PIXO"

SENE: "Hoje nem tanto. Hoje pra te falar a verdade acho que não existe. Mas existiram rixas mortais, a LG e a LGN, UPR e D2S, rixas mortais. De sair morte cara. Perai amigos nessas tretas aí. Amigos que eu digo, conhecidos. Tinha um 'vovô' (UPR) que morreu, tinha outro UPR também o 'lulú' também morreu por conta disso. Muitos desses caras que morreu era porque envolvia com droga também, eu nunca me envolvi. Quando o pessoal misturava demais essas coisas dava essas tretas, mas por conta da pixação em si já teve muita treta, muita rivalidade. Existe uma rivalidade muito grande em Goiânia que é da Vila Nova (TEV - Torcida Esquadrão Vila Nova) e Goiás (FIG - Força Jovem Goiás), muitas galeras eram oriundas desses setores. LGN era uma galera intitulada Vila Nova e muitas vezes eles pixavam LGN - TEV. E os LG São Goiás, eu não lembro onde que começou essa treta por causa disso."

FONG: "É a galera do pixo eles já flagravam quem que era de outra galera até que se trombasse no role dava treta. Já era marcado quem era de qual galera, DN, ATR, MAG."



Imagem de filme "Pixão"

POLÍCIA

A polícia é o maior obstáculo encontrado nos rolês de pixo, além de ser imprevisível podendo fazer seu trabalho corretamente ou partir pra agressão e outros abusos conforme nos foi relatado em diversas histórias. Como a pixação é tida como uma infração mais leve se comparada com outros crimes pesados, muitos policiais não chegam a levar o suspeito para a delegacia a não ser quando pegos em flagrante, e resolvem no local mesmo dando um baculejo, passando um sermão e confiscando as latas.

GNAS: "(...) Teve um brother meu que já pixaram a cara dele várias vezes."

FONG: "Tem também uns policiais que fazem engolir o rolinho. Também soco, chutinho assim sempre rolô."

VANT: "Só quando tava fazendo grafite uma vez que eu fui parado. Era uma casa abandonada, eu era moleque aí chamaram e eles queriam me levar pro DEPAI na época, só que tava na rua debaixo de casa e aí eles me levaram pra casa."



51

SENE: "Noite de 25 de dezembro, o ano foi 2005, eu havia pixado sozinho nas noites anteriores, e nesse dia eu não tinha pixado, no começo tinha muito isso do pixador ficar olhando (a pixação que fez). A polícia desceu, eu tava com um bico na mão já dispensei ele no chão, só que eu tava com a pochete com a lata verde chumbo. Eles pegaram e falaram 'o senhor estava pixando?' Falei 'não, tava não...' 'É esse (spray) aqui é da cor da sua lata.' Falei que tava vindo da casa de um amigo, fazendo trabalho de escola, duas horas da manhã. Aí eles passaram a mão no pixo pra ver se era recente, fizeram um monte de pergunta, perguntaram se eu tinha usado droga, falei que não, tava respondendo as perguntas de prontidão. Fui algemado, era de menor e não podia, me colocaram no camburão, eu era de menor, não podia também. Me levaram pra casa, minha mãe me viu com a polícia, algemado, até então beleza, tinha que acontecer, aí o policial perguntou 'Que que a gente faz com ele senhora?' 'faz o que tem que fazer, faz o dever de vocês.' 'Então vamos ter que acompanhar ele na delegacia...' (e a mãe): 'Vou só ali trocar de roupa então'. Nessa hora o policial virou pra mim e falou 'acho que ela não entendeu o recado'. Eu respondi falando que se é dinheiro que eles querem ela não vai dar. Aí ela voltou já pronta pra ir pra delegacia. Acabaram me liberando. Apanhei pra caramba."



52

SLIM: "Eu tive só uma vez mas não foi nada demais. Na época eu me enveredei muito pro grafite, comecei a grafitar, eu fui fazer um grafite sem autorização e a polícia chegou e foi paia. Pra mim existe uma época áurea de pixação em Goiânia que é quando a Polícia Federal entrou no meio, e teve um amigo meu que foi preso e ele não era pixador, ele virou o rótulo de todo o rolê que a polícia tava fazendo, entraram com câmera na casa dele, a Globo lá... Era o Vagone, ele era dos cara que pixou a Atrio Acadêmica, e o cara da Atrio era o cara que mandava em Goiânia, aí ele falou 'quem que é esses moleque que pixou aqui?', chamou a polícia, a Polícia Federal entrou no meio. Tinha um cara que pixava Goiânia inteira, que era o "Bom Dia", das antiga, e foi nessa época que ele caiu. Esse brother meu (Vagone) era o piloto de fuga do Bom Dia, ele não pixava! Mas é esse negócio que eu te falando, se eu pixo e eu sou o Bom Dia, eu vou pixar todo mundo que tá comigo, aí esse brother meu tava dirigindo ele pixava Vagone lá. Aí esse brother meu ele caiu, Polícia Federal chegou com metalhadora, com pedido de polícia, quebrou o portão da casa dele, invadiu, botou o terror lá, chamou a Globo, Bandeirantes."

9NAS: "Uma vez a gente pixou o muro em frente o colégio e no outro dia a polícia tava lá dentro do colégio e descobriram quem foi. Acabou que rolou uma suspensão mas ficou por isso mesmo."

SENE: "Teve outras vezes também. Nunca fui pintado, mas se for história dos outros tem pra caramba. Meu cunhado tinha um cabelo grande, assinava "Jibon", fortíssimo na cidade, pra mim ele era o mais rápido que existia, ele fazia o nome dele em cerca de cinco segundos e grande. Uma vez pegaram ele com uma tinta azul celeste, pintaram o cabelo dele todo, chegou a escorregar cabelo dele. Uma vez também eu e um amigo, já era grafite nessa época mas também não era autorizado, a gente pintando ali em frente à (igreja) Videira. Ele terminou e ficou filmando e eu lento pra caramba, a polícia chegou eu inventei maior história falando que o muro era autorizado. Eles tinham recebido uma denúncia, enrolei os caras na conversa, consegui terminar e ir embora. Nunca cheguei a ir na delegacia por conta disso nem responder processo não, mas já troquei umas ideias com uns policiais. Porque eu já tava ali (errado) não vou 'espinhar', apANHAR à toa, não sou otário. 'Sim senhor, isso aqui é só expressão mesmo'. Já falei que a casa era minha, (o policial): 'Você não vai entrar não?' 'Minha mãe viajou eu estou sem chave, tô é grilado com aquela velha filha da puta, chegar aqui vai estar pixado, tô ficando na casa de um amigo...'. O cara ficou comovido com a história! Você tá ali na adrenalina se não tiver uma boa história pra contar você se fode. E eu fazia, não gostava de pixar a noite, (pixava) de dia, com sol rachando."

NET: "Não. Quase uma vez, (eu e) meu amigo a gente nem tava pixando mais, mas ele tava com o dedo sujo de spray. Aí andando com ele normal, mas ele tava muito caracterizado mala, pixador mesmo, chinêlo, (bermuda de) tadel, 'camisetona' larga. Aí a polícia parou do nosso lado, já deu a sirene e ele assustou e parou, e eu continuei porque eu tava de boa. Aí ele parou e tipo 'eu fiz alguma coisa errada', aí os cara foi e pegou ele. Essa adrenalina não tem preço."

SLIM: "Aí nessa época rolou a prisão, prendeu o Bom Dia, prendeu o Vagone, acho que prendeu só os dois na real... Ah, que pixava demais, era do KIG, ele prendeu o Da Lua. Tinha um cara que pixava demais, era do KIG, ele prendeu o Brasil pra não ser preso. Ele pixava muito, aí problema foi a internet porque o cara pixava e botava no Flaggão (Fotolog), aí era uma comprovação que o cara pixava. Aí dentro do Flaggão do cara tinha umas foto de maconha, tinha a foto do cara, tinha a foto do cara dando lança perfume pra cachorro sacca, uns trem absurdo. Aí a polícia quis foder o cara no máximo."

SENE: "Tem um esquema legal de Goiânia que rolou que seria interessante vocês abordarem que foi uma apreensão de pixadores que rolou, que foi a maior que ocorreu, na verdade a única. O Iris (prefeito) abomina pixação. Rolou uma época que tava tudo muito calmo, a polícia não tava pegando a galera e logo depois surgiu essa operação (em 2003 ou 2004), invadiram a casa de um dos irmãos pixadores, o "Bom Dia", invadiram a casa do Morro. Falaram que o cara (o Bom Dia) tentou fugir, mano o cara tava deitado na rede, podia fazer o quê esconder embaixo da rede? Trataram os caras como criminoso, traficante. E foi uma parada que marcou muito a cena de Goiânia porque depois disso deu uma aquietada. Depois de alguns anos que foram retomando. Pegaram uns caras que nem eram nada, o negócio era que, na época tinha um fotolog que era o pixosgo que seu pixo aparecer lá era que nem você aparecer no Instagram da Kefera, da Anita. Tinha pixos desses caras lá, nossa maior treta por conta disso."

53



NET: "(Sobre a repressão do governo Dória) Eu acho que só reafirma a questão da efemeridade do pixo. Porque ninguém vai parar de pixar. E na verdade quando eu vi aquilo eu até fiquei! Ótimo agora a galera tem mais espaço ainda pra pixar. É igual você dar um caderno novo de caligrafia."

A relação da pixação com o grafite é bastante relativa, depende de pessoa e de lugar, tem muitos pixadores que viraram grafiteiros, alguns que continuam nos dois mas no geral existe um certo respeito: pixador de respeito não manda em cima de grafite e vice-versa. Mas ainda existe uma percepção de que é tudo a mesma coisa, tanto o pixo quanto grafite é considerado vandalismo por algumas pessoas, incluindo aí alguns governantes. Como ficou famoso recentemente nas políticas públicas do prefeito João Dória de São Paulo, saíram pintando tudo que consideravam feio, de forma autoritária e bem representada no filme Cidade Cinza.

Outros projetos que abordam o combate a pixação são os de converter pixadores em grafiteiros dando aulas e oficinas, principalmente para crianças e jovens, ensinando os desenhos e técnicas. Se funciona ou não vai depender da pessoa, que pode continuar pixando e agora fazer do grafite também, mas pela aceitação como grafiteiro rolam uns tramos patrocinados, murais e até muros de empresas como a Saneago em Gyn. E tem quem diga que todo grafiteiro é no fundo um pixador, pelo menos na hora de assinar sua tag, que muitos fazem utilizando as letras características do pixo.

SENE: "Aqui em Goiânia, como tudo é gourmet, dificilmente a galera fica só na pixação, faz grafite... Ele descobre que o grafite tem mais aceitação, e por conta disso ele acaba (WES) e o NEON, que era moleque que tinha grana...
Que era do VSF, que pixou também. Uma coisa que me irrita demais é falar que grafite é evolução da pixação Bem separado e rixa de morte também."
'Ah o cara era pixador ele virou grafiteiro olha que boa pessoa ele é. Caralho, foda-se!'

PIXAÇÃO

Glossário

Baculeio/hacu: abordagem e revista policial.

Buso, busão: gíria para ônibus.

Canetão: gíria para marcadores permanentes e canetas de tinta colorida para arte como as da marca Posca, também chamado de pincel atômico.

Cap: inglês para chapéu, boné, no contexto deste livro falamos das tampas das latas de tinta spray, que regulam a quantidade de produto que sai em cada spray.

Correria: gíria para agitação, pressa, tumulto, fazer as coisas apressadamente.

Crew: do inglês, galera, grupo ou tripulação.

Gourmetizado: gíria que define algo que era simples e barato e ganhou uma nova roupagem mais elitizada.

Ibope: Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística, um órgão responsável por medir, entre outras coisas, a audiência de programas de TV. Como gíria, ibope significa reconhecimento, fama.

Mano/minha: gíria para "irmão", amigo, brother.

Paia: gíria goiana, modo de falar "palha", significado algo ruim, chato, desinteressante.

Papo reto: gíria para uma conversa franca, que não "dá voltas".

Pico: gíria para local, no contexto da pixação, um pico é um lugar a ser pixado ou onde já existe pixação, como um muro ou parede.

Point: em São Paulo, gíria usada para designar um local de encontro de pixadores e galeras.

Proceder: etiqueta das ruas, a forma de se portar, agir e falar e também o modus operandi de um determinado círculo social, no caso a pixação.

Rolê: gíria para passeio, sair de casa.

Rolinho: rolo para pintura em parede.

Salve: gíria para cumprimento, prestar respeito, para entender melhor no contexto da pixação ver capítulo específico.

Setor: em Goiânia a maioria dos bairros são chamados setor, Setor Central, Setor Leste Vila Nova, Setor Campinas, etc.

Tag: do inglês, assinatura abreviada, "to tag" se traduz como se escrever a assinatura em algum local, mais informações no capítulo específico.

Tirado/esparrado: gíria para algo que chama muita atenção quando não deveria, uma situação suspeita ou um descuido que ocasiona em flagrante.

Trampo: gíria para trabalho, termo muito utilizado entre grafiteiros para se referir

aos seus desenhos em muros, mesmo sem retorno financeiro.

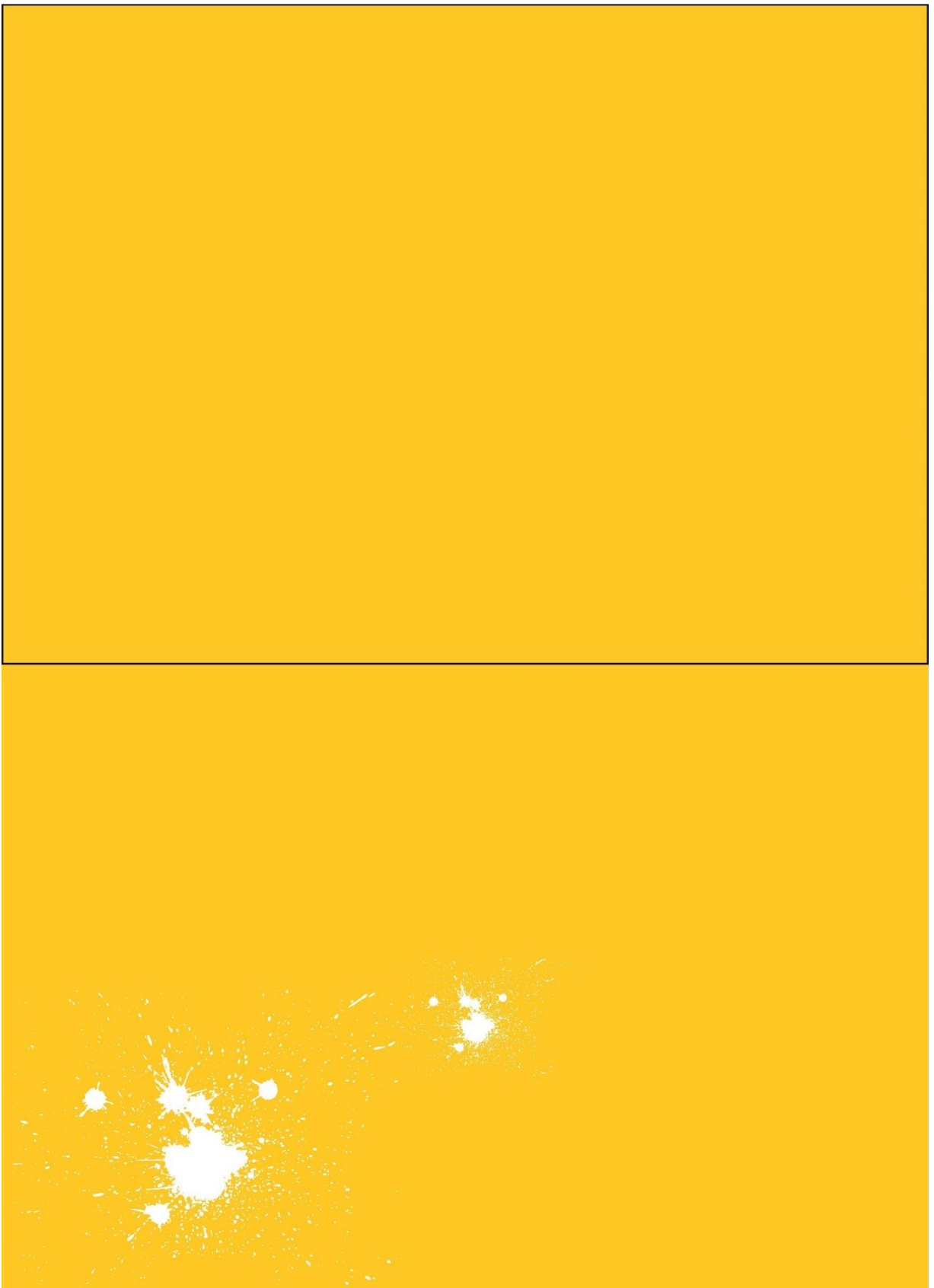
Treta: gíria para história que envolve problema, desavença entre pessoas, grupos ou situações a serem resolvidas.

Truta: além do peixe, é uma gíria para amigo, parceiro.



56

Imagem de filme "PIXO"

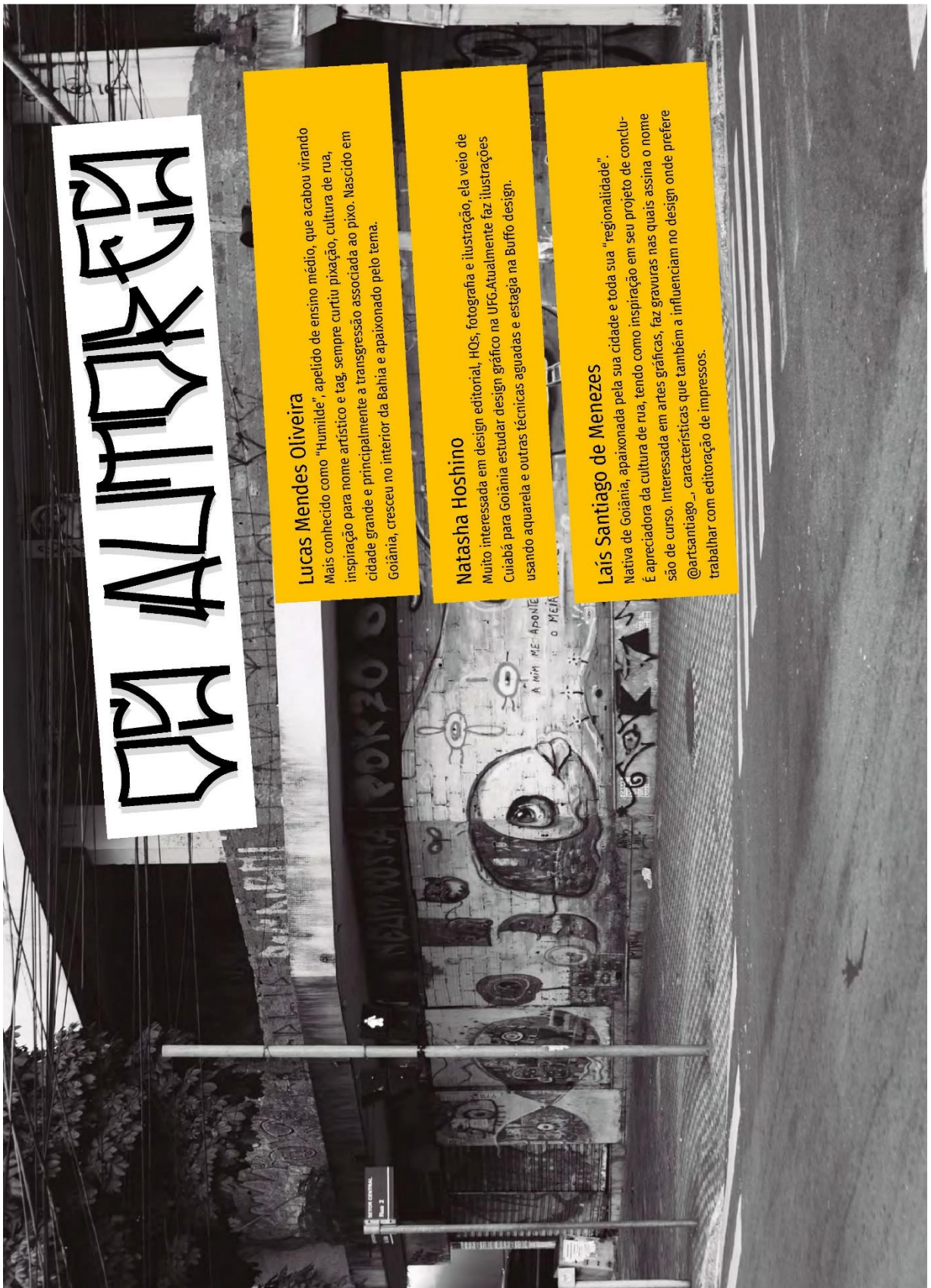


BLACK
BOOK

Blackbook

Fôlhinha:

Todo pixador tem um certo orgulho de suas letras e também admiração pelas letras interessantes que vê na rua, dos caras ~~das~~ antigas (das galeras mais famosas, dos caras do próprio setor). Em Gyn como não existe a cultura de pixo quem envolver muitas galeras, fôlhinhas são raridade. Mas em SP, por exemplo as fôlhinhas são folhas de ~~galera~~ ^{Galera} ou ^{Galera} ~~brancas~~.



DA ALMOKEIA

Lucas Mendes Oliveira

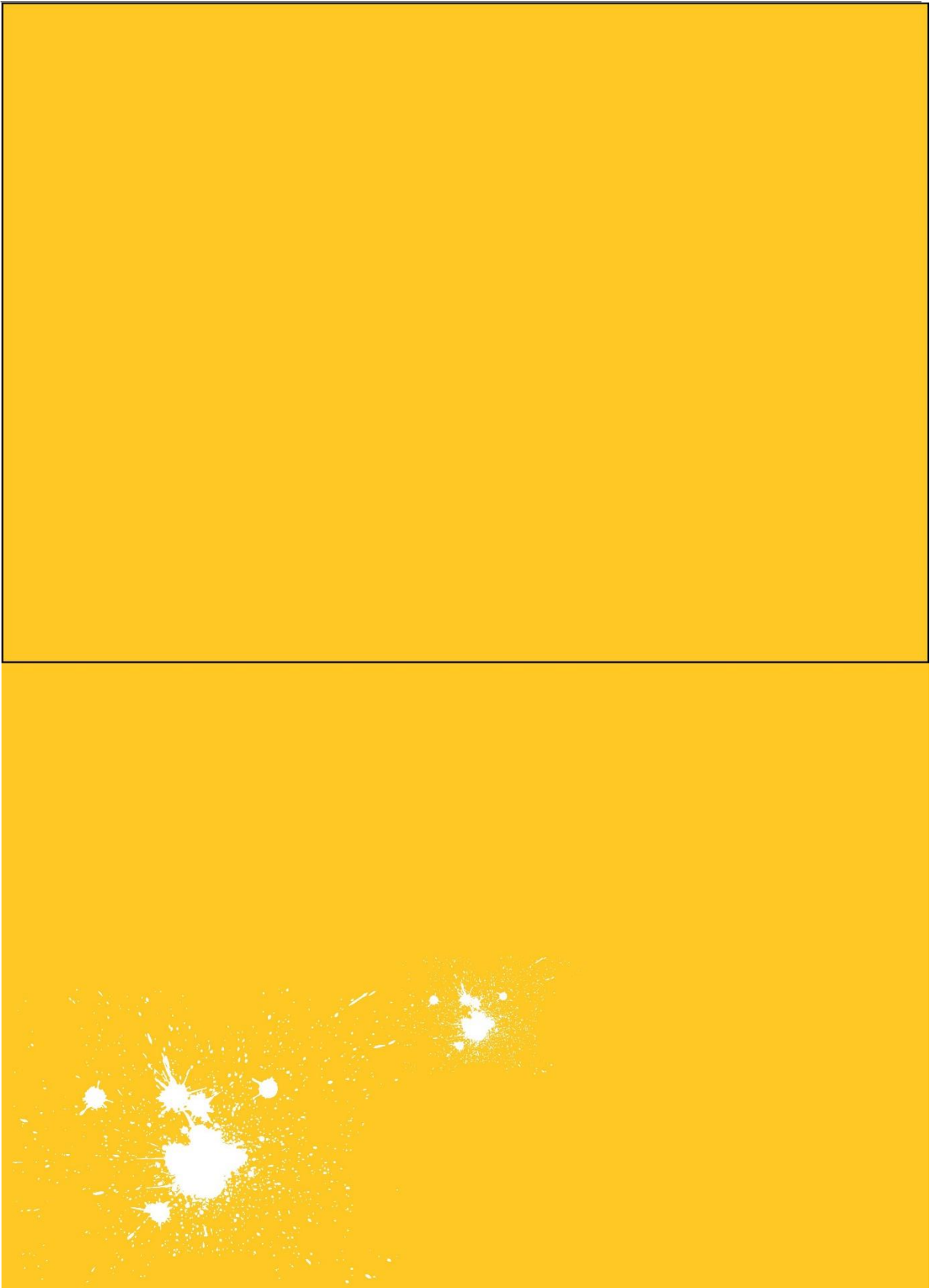
Mais conhecido como "Humilde", apelido de ensino médio, que acabou virando inspiração para nome artístico e tag, sempre curtiu pixação, cultura de rua, cidade grande e principalmente a transgressão associada ao pixo. Nascido em Goiânia, cresceu no interior da Bahia e apaixonado pelo tema.

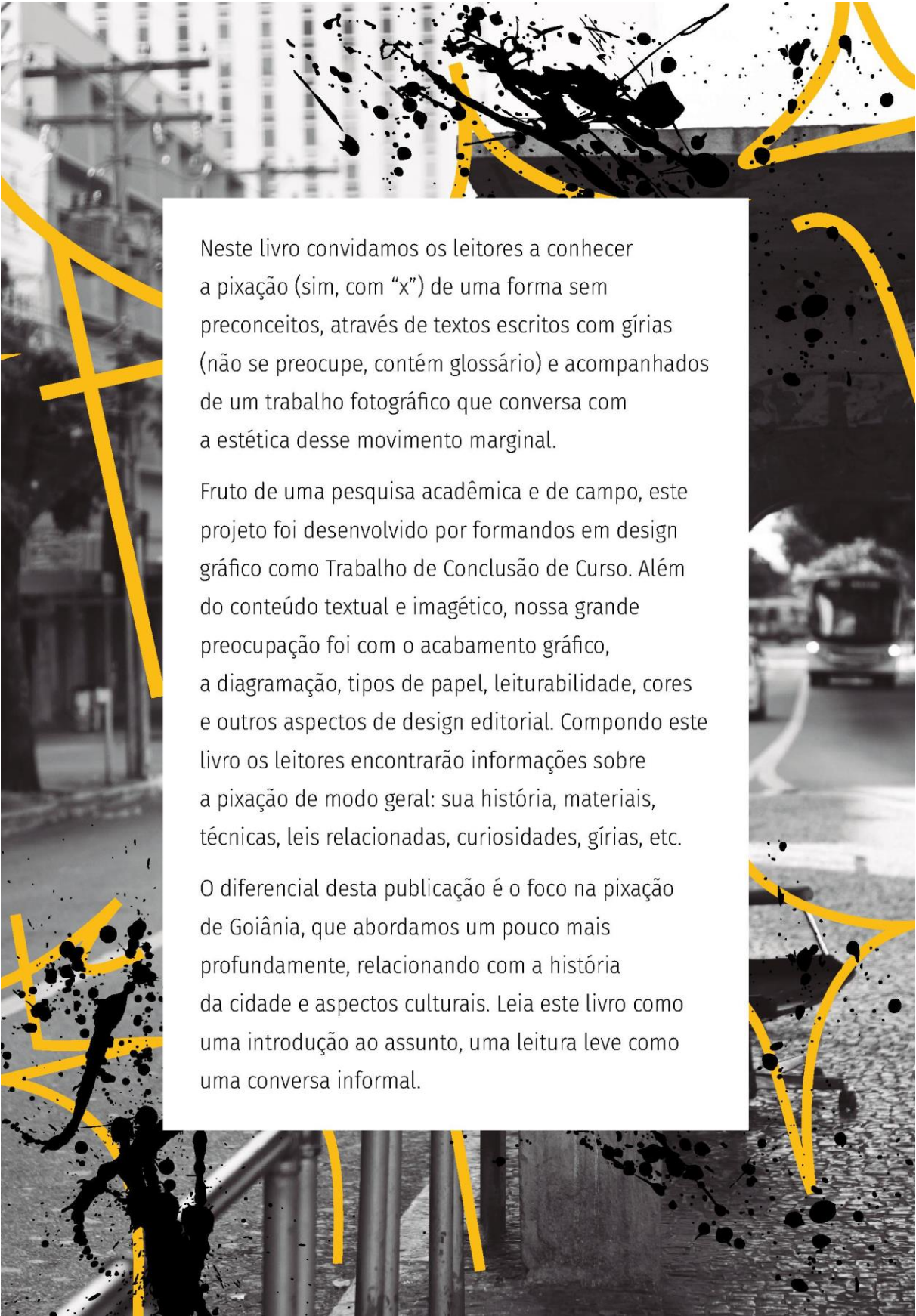
Natasha Hoshino

Muito interessada em design editorial, HQs, fotografia e ilustração, ela veio de Cuiabá para Goiânia estudar design gráfico na UFG. Atualmente faz ilustrações usando aquatela e outras técnicas aguadas e estagia na Buffo design.

Laís Santiago de Menezes

Nativa de Goiânia, apaixonada pela sua cidade e toda sua "regionalidade". É apreciadora da cultura de rua, tendo como inspiração em seu projeto de conclusão de curso. Interessada em artes gráficas, faz gravuras nas quais assina o nome @artsantiago, características que também a influenciam no design onde prefere trabalhar com editoração de impressos.





Neste livro convidamos os leitores a conhecer a pixação (sim, com “x”) de uma forma sem preconceitos, através de textos escritos com gírias (não se preocupe, contém glossário) e acompanhados de um trabalho fotográfico que conversa com a estética desse movimento marginal.

Fruto de uma pesquisa acadêmica e de campo, este projeto foi desenvolvido por formandos em design gráfico como Trabalho de Conclusão de Curso. Além do conteúdo textual e imagético, nossa grande preocupação foi com o acabamento gráfico, a diagramação, tipos de papel, legibilidade, cores e outros aspectos de design editorial. Comendo este livro os leitores encontrarão informações sobre a pixação de modo geral: sua história, materiais, técnicas, leis relacionadas, curiosidades, gírias, etc.

O diferencial desta publicação é o foco na pixação de Goiânia, que abordamos um pouco mais profundamente, relacionando com a história da cidade e aspectos culturais. Leia este livro como uma introdução ao assunto, uma leitura leve como uma conversa informal.